

Lycia Barros

O que eu quero pra mim

*Quando tudo à sua volta desmorona,
você é obrigado a encarar a si mesmo*



ARQUEIRO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

O que eu quero
pra mim



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Lycia Barros

*O que eu quero
pra mim*



Copyright © 2015 por Lycia Barros.

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

preparo de originais: Taís Monteiro

revisão: Cristhiane Ruiz e Flora Pinheiro

projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira

capa: Rodrigo Rodrigues

imagem de capa: S. Borisov / Shutterstock (Londres); Aleshyn Andrei's / Shutterstock
(mulher)

adaptação para ebook: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B273q

Barros, Lycia

O que eu quero pra mim [recurso eletrônico] / Lycia Barros. São Paulo:
Arqueiro, 2015.
recurso digital

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-407-3 (recurso eletrônico)

1.Ficção brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

15-21081

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*"O voo até a Lua não é tão longe.
As distâncias maiores que devemos
percorrer estão dentro de nós mesmos."*

CHARLES DE GAULLE

Prólogo



Querida amiga Luana,

Não sei bem por onde começar a escrever este e-mail, pois ainda que nos consideremos irmãs de alma, faz muito tempo que não nos vemos pessoalmente. Nem mesmo temos nos correspondido com a frequência que gostaríamos, mas sei que ainda estou em seu coração, assim como você está no meu. Preferiria lhe dizer que lhe escrevo para matar a saudade (o que não seria mentira), mas a dura – e triste – realidade é que, desde que seguimos caminhos diferentes, ainda não encontrei outra pessoa com quem possa me abrir de verdade, sem máscaras.

Hoje, um oceano nos separa, mas ainda sinto que posso confiar em você como no dia em que deixei Nova York. A verdade, minha amiga, é que estou arrasada e não sei para onde ir. Preciso sair do Brasil imediatamente, ou vou enlouquecer! Tudo na minha vida está dando errado desde a morte da minha mãe, e não consigo entender por quê. Quando ela se foi (e sinto vergonha de ter tal pensamento), achei que eu teria pelo menos um pouco de sossego em meu coração, mas ainda não o encontrei. Ansiei tanto por minha liberdade, e agora não tenho ideia do que posso fazer com ela.

Preciso de um tempo para voltar a sorrir e redescobrir o que me dá prazer. Preciso fugir da pessoa que me tornei, e creio que só você poderá me ajudar a trazer a velha Alice sorridente de volta. O tempo que passei em sua companhia foi uma espécie de anestesia para mim, ainda mais naquele período de sofrimento. Sua luz me iluminou, e sempre serei grata por sua presença e alegria. Não sei se ainda há espaço para mim em sua vida, mas, se houver, basta me dar um sinal e eu comprarei imediatamente minha passagem para Londres, para ir vê-la.

Talvez a solidão que carrego no peito neste momento se dissipe com a distância ou, pelo contrário, sirva apenas para me mostrar que não foi dos outros que me separei durante os últimos anos... e sim de mim mesma.

Capítulo 1



Uma semana antes...

Tudo o que Alice não queria era sair da cama naquele final de manhã, mas sabia que precisava se levantar, pois tinha vários compromissos. O problema era que andava dormindo tão mal que qualquer balanço da cortina na janela a despertava. Para piorar, ela continuava chegando muito tarde na maioria das noites, pois morava longe do lugar onde aconteciam os leilões.

Preguiçosa, fez uma careta quando o relógio de cabeceira começou a tocar. Com um movimento rápido, desligou o alarme. Odiava aquela melodia – na verdade, tinha sido por isso que a programara como som do despertador. Não conseguiria abafar aquele ruído estridente nem se enfiasse uma cenoura em cada ouvido.

Em seguida levantou-se lentamente, espreguiçando-se, e seguiu em direção ao banheiro. No caminho, tropeçou em um sapato e precisou se apoiar na parede para não cair.

– Merda! Por que nunca guardo essas drogas?
Chutou o sapato para longe e foi lavar o rosto.

Depois, pegou um café e uma torrada com queijo, sentou-se em frente ao laptop para ler os e-mails e aproveitou para dar uma olhada no Facebook. Abriu um sorriso involuntário quando viu uma foto de Luana, sua colega de apartamento da época em que morara nos Estados Unidos. Pelo que sabia, a amiga havia se casado com um irlandês e agora morava em Londres. Tinham até um filhinho, se a memória não lhe falhava.

Em seguida, Alice entrou nas páginas dos clientes para ver as fotos que haviam postado do coquetel da noite anterior, após o leilão que presidira. Achou que estava um pouco magra demais nas imagens, que não lhe faziam jus. Será que estava realmente tão mais pálida do que os outros convidados? E aquelas olheiras? Será que não tinham sido reflexo de alguma luz infeliz?

Precisava melhorar suas técnicas de maquiagem, concluiu, dando uma mordida na torrada e ignorando o fato de não lembrar qual fora a última vez que ingerira algo rico em ferro. Costumava fazer as refeições correndo, sem prestar atenção à comida, sempre lendo alguma coisa ou falando ao telefone. Isso *quando* se lembrava de comer.

De repente, Alice sentiu uma nesga de claridade invadir o ambiente. Olhou para a janela e viu que um solitário raio de sol saía de trás das nuvens e banhava o sofá. Toda vez que isso acontecia, ela se sentia grata por ter escolhido aquele local para morar: o segundo andar de um galpão. Ainda ficava fascinada com o pé direito de 5 metros, com as paredes cinza que se alternavam com outras de tijolos aparentes. De fato, quando decidira fixar residência da zona portuária do Rio de Janeiro, sabia que demoraria algum tempo até o lugar se tornar verdadeiramente habitável. A revitalização promovida pelo governo acontecia de forma lenta. Porém, o aluguel era uma pechincha e o interior era encantador. Era o refúgio particular de Alice.

Havia uma enorme janela de vidro cuja vista era nostálgica e

pacífica e que permitia a entrada abundante de luz natural. E, como o andar de baixo ainda não fora alugado, Alice podia desfrutar de um silêncio incomum para uma grande metrópole. Não havia paredes para delimitar os espaços, exceto o banheiro. Cozinha, sala, quarto e escritório coexistiam em unidade, separados apenas pela disposição dos móveis, projetados sob medida por um arquiteto – um luxo que Alice se permitira.

O local tinha uma atmosfera industrial que fascinava Alice, pois fazia com que se lembrasse do tempo em que dividira um pequeno estúdio com Luana em Nova York. Tinha passado um ano nos Estados Unidos, trabalhando como garçoneiro, após se formar em Turismo, logo depois que Ana, sua mãe, falecera. Um grave tumor no cérebro a tinha levado em menos de dois meses e virara a vida de Alice de cabeça para baixo. Ela tinha precisado mudar de ares para esquecer a dor e o vazio que sentira por não ter mais ninguém com quem se preocupar. A viagem não fora tão maravilhosa quanto ela esperara, mas fora boa o suficiente para manter sua mente ocupada na época.

– Tudo bem, esse raio está me chamando... – disse consigo mesma.

Sem conseguir resistir, Alice deixou de lado o laptop e pegou sua câmera para registrar aquele momento. Adorava fotografar, e gostava de usar sua câmera profissional para isso, não o celular. Adorava o charme de posicionar a máquina. Nunca fizera nenhum curso específico: aprendera por conta própria a manusear o equipamento, lendo o manual e assistindo a tutoriais no YouTube. A fotografia era seu único hobby. Pena que quase não lhe sobrava tempo para praticá-lo.

Curiosamente, não costumava fotografar pessoas, apenas paisagens. Fotos de si mesma, então, nem pensar. Gostava de sua aparência, mas não se considerava fotogênica. Sua casa era decorada por vários quadros com fotografias em preto e branco que

Alice tirara nos lugares que já tinha visitado. A única em que ela mesma aparecia era a que ficava em um porta-retratos que ganhara de Casseano. Na imagem, os dois estavam em Veneza, e ele a abraçava por trás. Ambos riam, assustadoramente relaxados.

Depois de fotografar o raio de sol, Alice guardou a máquina e tirou um maço de cigarros de dentro da bolsa. Esta era uma das vantagens de morar sozinha: poder fumar à vontade, sem que ninguém olhasse atravessado para ela, como se fosse uma criminosa. Ressentia-se das intensas campanhas contra o tabagismo, que a cada dia era proibido em mais estabelecimentos. Fora a campanha pessoal que Casseano, seu namorado, fazia contra ela, relatando cada efeito, por menor que fosse, que o tabaco estava causando em seu organismo. Alice achava que qualquer dia teria de voar num balão para dar uma boa tragada sem ofender os pulmões de ninguém.

Bem, isso até que a sociedade protetora de animais descobrisse e ela fosse acusada de tornar algum pássaro um fumante passivo.

Satisfeita por estar sozinha naquele fim de manhã, Alice colocou o cigarro na boca, acendeu-o e deu uma longa tragada. No mesmo instante, esqueceu a torrada com queijo, que ainda estava pela metade. Sentou-se outra vez à frente do laptop e ligou o Skype para ver se sua sócia já estava on-line. Como sempre, Camilla já se encontrava a postos.

[View Earlier Messages](#)

[1 Day](#) | [1 Week](#) | [2 Weeks](#) | [1 Month](#) | [3 Months](#) | [6 Months](#) | [1 Year](#) | [All](#)

Alice Torquato

Posso te ligar?

Camilla Andreia

Estou falando com uma cliente de ontem. Ela perdeu um brinco que ganhou no dia do casamento. Ninguém merece. Já te ligo.

Alice Torquato

Aff... Não me diga que teremos que passar a tarde ajoelhadas naquele galpão fedorento?

Camilla Andreia

Pelo que ela está falando, o brinco vale uma fortuna. Se o acharmos, poderemos fugir para Miami e esquecer isso tudo.

Alice Torquato

Miami? Então não deve ser tão caro assim. Qualquer emergente se muda para Miami. Só fico de quatro para encontrar um brinco se puder me mudar para Paris!

Camilla Andreia

Paris fede.

Alice Torquato

Seu marido também. E nem por isso você o largou.

Camilla Andreia

Ele não fede, naquele dia ele estava voltando do tênis.

Alice Torquato

Ele estava fedendo como um tênis.

Camilla Andreia

Você é impossível.

Alice Torquato

Vou colocar minhas joelheiras e marcar uma massagem para a sua futura dor nas costas. Afinal, você já é avó.

Camilla Andreia

Não precisa me lembrar disso o tempo todo. Tenho só 48 anos e estou em plena forma, porque malho todo dia, não fico vegetando como você, que na minha idade vai estar um bagaço.

Alice Torquato

Talvez eu esteja, mas vc nunca saberá, pois até lá já terá partido para uma melhor (ou pior) kkkkk

Camilla Andreia

Ai! Graças a Deus a bendita achou o brinco! Estava pendurado no cabelo dela. Eu mereço...

Alice Torquato

Bye, bye, Torre Eiffel... Já posso te ligar?

Camilla Andreia

Pode.

Alice fez uma chamada de vídeo e Camilla atendeu ao primeiro toque.

- Bom dia.
- Não acredito que você já está fumando.

Alice revirou os olhos ao ouvir a repreensão. Em seguida, olhou para o rosto da velha amiga pelo monitor. Alice não tinha mais família, e não se dava bem com o pai, que tinha abandonado a ela e à mãe quando Alice tinha 17 anos para viver com uma mulher mais nova, que também era casada e frequentava a mesma igreja que eles.

Depois que Alice retornara dos Estados Unidos após um ano de luto pela morte da mãe, Camilla, que era uma antiga amiga de Ana, a convidara para ganhar um dinheiro extra trabalhando como recepcionista nos leilões que organizava. Era a pessoa mais próxima de Alice naquele momento, depois de Casseano.

– Ora, por favor. Vê se não enche o meu saco. Será possível que a fumaça te incomoda até por Skype?

Camilla estreitou os olhos azuis e contraiu os lábios com força. Apesar de ter quase a idade da falecida mãe de Alice, parecia muito

mais jovem. Talvez fosse o cabelo loiro-escuro – retocado com uma regularidade que beirava o exagero – e a infinidade de plásticas que fizera.

– Você viu as suas fotos do evento de ontem? Seus olhos estavam tão fundos que você parecia estar usando uma maquiagem de Halloween.

– Não exagera – respondeu Alice, rindo.

– Liguei ontem à noite para saber se você tinha chegado bem. Por que não atendeu o celular? Fiquei preocupada.

– Desabei na cama assim que cheguei.

Camilla balançou a cabeça para os lados, em um gesto de censura.

– Pois não faça mais isso. Sabe que fico preocupada com você e gosto que me ligue quando chega em casa. Ainda mais depois que foi morar nesse fim de mundo.

– Aqui não é nenhum fim de mundo.

– É, sim. Você devia ter alugado aquele apartamento em Copacabana.

– Aquele ovo? Deixa de ser ridícula! Isto aqui foi uma oportunidade excelente, eu precisava de um local onde pudesse esticar os braços sem encostar nas paredes.

– Tudo bem, não vou discutir isso com você. Vou guardar minha oratória para quando chegar a época de renovar seu contrato de locação. Mas não acho uma boa ideia você voltar para casa sozinha. Devia ter pedido que o Casseano fosse te buscar.

– Não sou uma mulher dependente. E o Casseano estava de plantão.

– Sei...

– A que horas você vai chegar ao leilão de hoje? – perguntou Alice, mudando de assunto.

– Umas quatro.

– Ótimo. Dá tempo de eu fazer umas coisas aqui em casa e...

– Você não vai – sentenciou Camilla, e Alice franziu a testa enquanto batia a cinza num cinzeiro em forma de sapato alto.

– Como?

– Você precisa tirar umas férias, garota. Não descansa desde que abrimos a sociedade. Mas este ano eu prometi, por sua amada mãezinha, que a faria parar.

Alice ergueu uma sobrancelha, achando graça. Adorava o trabalho e já tinha feito amizade com vários milionários cariocas. Em pouco tempo trabalhando com Camilla, eles já tinham começado a convidar Alice para eventos e a procurá-la para intermediar contatos e negócios. Como ela tinha aprendido tudo muito rápido, Camilla, atenta a seu potencial, a convidara para presidir alguns leilões e a sociedade entre as duas nascera daí, como consequência da afinidade entre elas.

E tinha sido um ótimo negócio para Camilla. Ruiva, de cabelos cacheados na altura dos ombros, 1,78 metro de altura e o corpo longilíneo, Alice sempre tinha sido uma mulher que chamava a atenção. Era só estreitar os olhos verdes e valorizar os seios com um decote que conseguia arrancar cada vez mais dinheiro daqueles velhos babões, que davam lances cada vez mais altos para agradá-la. Era patético. E, quando as clientes eram mulheres, bastava elogiar suas joias e roupas – ou, quando isso era impossível, seu senso de humor. Camila sabia muito bem que Alice já não era dispensável.

– Não vou tirar férias só porque você quer. E não use a carta “minha mãe” para me comover, isso não funciona mais. Sou sua sócia, não sua funcionária.

– Mas ainda posso chutar seu traseiro do ramo imobiliário se continuar me afrontando, sua fedelha metida.

Alice deu uma tragada no cigarro para disfarçar o sorriso. Sabia tão bem quanto Camilla que sua posição na elite carioca estava mais do que consolidada e que os clientes preferiam dez vezes tratar tudo

direto com ela. Mas não podia jogar isso na cara da amiga, que agora considerava como uma mãe.

– Tudo bem. Prometo que no final do ano eu tiro uns dias. Mas agora preciso concretizar os negócios que comecei. Ontem, por exemplo, no início do coquetel, tirei o Dr. Álvaro Bueno de perto da esposa e ele nos ofereceu aquela cobertura dele na Barra para colocar em leilão. Você se lembra de como a vista era espetacular? Conseguiremos uns oito milhões nela, fácil, fácil. Mas a mulher dele não pode saber que ele quer se desfazer do imóvel, porque ele quer mandar o dinheiro para fora do país antes de pedir o divórcio.

Irritada e dividida, Camilla ficou olhando para a sócia pelo monitor. Não gostava de passar a perna em ninguém. Tinha princípios e era temente a Deus. Tinha amor ao próximo. Como poderia participar daquilo? Tentou dissuadir Alice da ideia.

– Você não sente nem um pouco de remorso por tramar pelas costas de uma mulher indefesa?

Alice deu de ombros com indiferença.

– Indefesa porque quer. Acho um absurdo uma mulher se tornar dona de casa e entregar a vida inteira nas mãos de um babaca qualquer. Que sirva de lição para as duas filhas dela: homem não presta. Na primeira oportunidade, eles te dão um pé na bunda. Eu é que não vou perder essa comissão enorme porque o cliente não tem escrúpulos e a mulher dele é uma idiota que depende dele para tudo.

Camilla forçou uma expressão horrorizada.

– Quanta amargura num coração tão novo... Eu preciso te levar na minha igreja um dia desses. Você precisa de oração.

– Para de papo furado. Pense na comissão, não na mulher dele. Ela ainda vai arrumar uma boa pensão. Se ele não fizer esse negócio conosco, fará com outro leiloeiro...

Quando se tratava de negócios, a garota era de uma frieza implacável. Camilla se condoeu pela pobre mulher do cliente, mas

em seguida perguntou:

– Oito milhões?

Alice alargou o sorriso e chegou mais perto da *webcam*.

– Quem sabe até dez?! Depende de como vamos apresentar. Posso convencê-lo a leiloarmos o apartamento ainda hoje, junto com o outro, por isso não posso deixar de estar lá. – Recuou na cadeira.
– E então, estou liberada para ir?

Com um suspiro resignado, Camilla resolveu concordar, muito certa de que ambas iriam direto para o inferno, sem escala no purgatório.

– Pode separar o seu melhor decote – declarou ela.

Em seguida, já tomada pelo remorso, desligou o computador.

Empolgada com o futuro negócio, Alice deu um giro na cadeira, apagou o cigarro e levantou-se de um pulo. Ao fazer isso, sentiu uma súbita tonteira que a obrigou a apoiar as mãos na beirada da mesa. Sua visão escureceu momentaneamente.

“Levantei rápido demais”, pensou, procurando reajustar a visão. Em seguida, quase restabelecida, resolveu tomar um banho bem quente e relaxante antes de programar o horário do táxi que iria buscá-la. Isso com certeza a ajudaria a se recuperar por completo. Não tinha tempo nem paciência para mimar o próprio organismo. Precisava ajudar Camilla a fechar aquele grande negócio. Isso, sim, era prioridade naquele momento.

Ou pelo menos era isso que ela pensava.

Capítulo 2



Quando Casseano entrou no apartamento e avistou o laptop ligado, bufou desanimado, depois passou a mão pelos cabelos escuros e lisos. Quantas vezes dissera a Alice que ela precisava de no mínimo seis horas de sono por noite? Mas ela era teimosa como uma mula. Às vezes tinha vontade de sedá-la, mas resistia ao impulso. Ele mesmo, quando trabalhava em dois turnos seguidos no hospital, daria tudo por umas boas doze horas seguidas lagarteando na cama. E Alice, que podia se dar a esse luxo, desperdiçava a oportunidade. Afinal, não havia necessidade de as duas sócias irem juntas a todos os eventos, pensava ele, balançando a cabeça. Podiam se revezar. Mas ambas batiam o pé em relação a essa questão. Consideravam-se uma dupla dinâmica, como Batman e Robin.

Exausto, ele tirou os sapatos e largou a pasta preta de couro sobre a mesa em que faziam as refeições. Ou pelo menos onde ele as servia, já que Alice sempre pegava o seu prato logo depois que ele fazia uma prece em agradecimento pela comida e se instalava em frente ao laptop. Casseano não gostava daquilo. Fora acostumado a fazer as refeições em família e a desfrutar desses

pequenos momentos. Mas discutir com Alice sobre aquilo era exaustivo demais, então ele acabava cedendo.

– Depois podemos comer a sobremesa juntos no sofá, vendo televisão – prometia ela, para consolá-lo.

Naquela manhã, ele estava cansado. Tinha dado um plantão de 48 horas seguidas na emergência do hospital onde trabalhava. Mas como nos últimos dias estava muito difícil conciliar seus horários com os da namorada, decidira não ir direto para a própria casa. Amava Alice profundamente e queria estar com ela nem que fosse por vinte minutos.

Tinha se interessado por ela desde o dia em que a conheceu, quando Alice entrara no consultório dele com uma crise crônica de dor no estômago. Na época, Casseano ainda atuava como clínico geral. Jamais se sentira tão desconcertado ao atender alguém profissionalmente. Ficara fascinado por aqueles olhos verdes, que pareciam tão ingênuos... A sobrancelha era ralinha e clara, e como tinha a mesma cor do cabelo, ele pôde ver que ela era ruiva natural. Em poucos instantes, a fala rápida e objetiva de Alice deixou claro para ele que, debaixo daquela carapuça delicada, havia uma mulher determinada. Uma pessoa de fibra.

Ao colocar os olhos nela, Casseano soube que Alice seria sua. E viu, pelo jeito como ela sorriu de volta para ele, que o interesse tinha sido mútuo. Então, quando a paciente começou a voltar a seu consultório com uma regularidade exagerada, Casseano soube que poderia avançar e a convidou para sair.

Foram a um restaurante francês, beberam vinho até perder o juízo e passaram a noite na casa dela. Dali em diante, nunca mais se largaram. Eram amigos e amantes. Mas agora, após um ano e nove meses de relacionamento, Casseano queria dar o próximo passo. Afinal, morando sob o mesmo teto, poderiam conviver com mais frequência e, com o tempo, ele conduziria a relação para um pedido de casamento. Como um homem de criação rígida, queria casar de

papel passado. Morar juntos seria só o primeiro passo. E foi exatamente isso que ele lhe propôs assim que Alice saiu do banheiro.

– Como assim? Você quer vir morar... aqui? – disse ela.

Enrolada na toalha, Alice estava quase tendo um ataque de claustrofobia. Em sua cabeça, o loft imenso parecia pequeno demais para abrigar mais de uma pessoa. Tudo bem que Casseano passasse a noite ali com ela de vez em quando. Afinal, ambos se davam bem, tinham os mesmos interesses e o sexo entre eles era incrível. Além disso, como ele era médico pediatra e tinha uma agenda tão apertada e irregular quanto a dela, não podia pegar no seu pé. Também era bem-humorado, tinha um sorriso lindo e sempre a fazia rir em momentos de crise. Era o companheiro perfeito.

Desde que cada um tivesse o seu canto.

– Nunca conseguimos nos ver por causa dos nossos horários – alegou ele. – Acho que seria uma boa solução para passarmos mais tempo juntos.

– Mas... mas... – balbuciou Alice.

Ela mal conseguia formular as palavras.

– Faríamos tudo com calma. – Sabendo do medo que Alice tinha de assumir um compromisso mais sério, ele tentou amenizar a conversa e a puxou para sentar-se na cama. – Eu poderia trazer só algumas coisas minhas a princípio, fazer uma experiência... Assim você iria se acostumando...

– E o seu apartamento? – retrucou ela, os olhos verdes arregalados. Estava tentando criar obstáculos. – O que iria fazer com ele?

– Posso alugar.

– Mas e sua moto? – Ela estava ficando sem saída. – Não tem garagem aqui no prédio.

– Eu dou um jeito. Pago um estacionamento aqui perto, deixo na rua, sei lá. – Ficou em silêncio por um momento, depois arriscou: –

Ou você prefere ir morar na minha casa, para a gente não pagar aluguel?

– Não! – gritou Alice, com a voz esganiçada, colocando-se imediatamente de pé, sem conseguir esconder o pânico. – Minhas coisas estão todas aqui. Adoro este apartamento.

– Então, eu venho pra cá.

Ainda tonta, Alice sentia um bolo se formar em sua garganta.

– Não sei se é uma boa ideia, meu amor. Você trabalha e mora na Zona Sul. Se mudar para cá, levará o dobro do tempo para chegar ao trabalho.

A mágoa que Casseano já vinha escondendo pela rejeição se tornou evidente em seu olhar.

– Você não me quer aqui, não é?

Embora penalizada, Alice não respondeu. Não era da sua natureza iludir as pessoas que amava. Mas odiou ver aqueles olhos castanhos amendoados cheios de tristeza por trás dos óculos de grau.

– Preciso saber para onde este relacionamento está indo... – falou Casseano. – Não sou mais um adolescente, tenho 31 anos, e você também precisa pensar no futuro.

Alice não queria magoar o namorado, muito menos perdê-lo, então resolveu mudar de tática. Abriu um sorriso sedutor, jogou os cabelos molhados para trás e sentou-se no colo dele. Em seguida, passou um dedo por seu nariz imponente e bem delineado, com o centro um pouquinho mais largo, que ela simplesmente adorava. Achava viril e expressivo. Fora isso, o corpo de Casseano era maravilhoso para se aconchegar: tinha uma excelente constituição física. A única ressalva de Alice era a altura dele. Os dois tinham a mesma estatura, o que a inibia de usar salto alto quando saíam juntos. Casseano não ligava para isso, inclusive dizia que adorava exibir o seu mulherão.

– Eu já defini meu futuro – disse ela. – Serei uma empresária de

sucesso com um namorado maravilhoso para me ajudar a gastar o dinheiro.

Embora desconcertado pelo aroma floral que ela exalava, Casseano ficou irritado.

– Não preciso e nunca precisarei gastar o seu dinheiro. Não é por isso que estou com você. E fico muito desapontado de saber que é só isso que você quer para sua vida. Para nós dois.

– Eu nunca te enganei. – O olhar dela se tornou frio. – Você sempre soube que não quero me casar.

– Ainda não estou falando em casamento, mas em morarmos juntos. Pelo menos no começo. Pensei que essa sua insegurança inicial em relação a nós dois passaria com a convivência, que você mudaria de ideia... Poxa, Alice, eu te amo, e sei que você me ama. A gente se dá tão bem...

– Por isso mesmo. Nos damos bem porque cada um tem a sua vida. Se juntarmos tudo, isso vai desmoronar.

Paciente, ele deu um suspiro.

– Nem todo casamento é como foi o dos seus pais, meu amor.

À recordação da ferida, Alice se levantou e acendeu outro cigarro, para lembrar Casseano do que ele teria de aturar se fosse morar com ela. Ele se irritou quando ela soltou a fumaça, mas não reclamou. Sabia que aquilo era uma provocação. Toda vez que Alice queria afastá-lo, começava a fumar.

– É mesmo? E por que será que o índice de divórcios anda crescendo tanto neste país? – disparou ela, sarcástica.

– Não podemos nos agarrar a estatísticas pessimistas. Meus pais, por exemplo, são muito felizes juntos até hoje.

Alice deu uma risada debochada.

– Sua mãe não é exemplo para ninguém. Não teria onde cair morta se levasse um pé na bunda do seu pai.

Assim que Casseano se levantou, Alice se arrependeu do que tinha dito. De fato, os pais dele formavam um casal adorável. Viviam

rindo juntos, só andavam de mãos dadas, iam à igreja todo domingo e viajavam duas vezes por ano. E Alice sempre via o pai de Casseano fazendo gentilezas para a esposa: puxava a cadeira para ela se sentar, abria a porta do carro para ela... Não era à toa que seu namorado era um perfeito cavalheiro. Ele tinha um bom exemplo a seguir.

– Não vou deixar que você use meus pais para justificar sua maneira equivocada de ver a vida. Eles são o melhor exemplo que conheço de pessoas decentes. E se você não consegue enxergar isso, é realmente um erro nós morarmos juntos.

– Desculpe. – Ela segurou-o pelo braço. – Eu falei sem pensar.

Devido à proximidade, Casseano olhou para a boca dela e sentiu vontade de beijá-la, mas, como estava com o ego ferido, desviou o olhar.

– Mesmo assim, esqueça o que eu disse. – Ele foi pegar a pasta.
– Acho que eu estava mesmo sendo precipitado.

Alice engoliu em seco.

– Vai voltar hoje à noite?

– Acho que não, estou muito cansado – disse ele, enfiando os pés nos sapatos.

– Eu posso ir até a sua casa depois do evento, se você quiser.

Casseano parou e, resistindo ao impulso de arrancar-lhe a toalha e jogá-la na cama – como eram os seus planos iniciais –, foi até a namorada para lhe dar um rápido beijo de despedida.

– Acho que não serei uma boa companhia hoje. Preciso ficar sozinho. Por um tempo.

– Por um tempo?

– Você me ouviu.

Então ele se foi e Alice soube que algo havia sido irremediavelmente quebrado entre eles.

Capítulo 3



— *Será que essa menina* foi buscar água no rio Nilo?

Já fazia dez minutos que Alice havia pedido um copo d'água à sua ajudante daquele dia e a garota ainda não havia voltado. Camilla, que estava um pouco menos histérica, tentava acalmar a sócia, que desde que se desentendera com Casseano andava com os nervos à flor da pele. Se Alice já era naturalmente exigente, agora ela andava intragável. Autoritária, reclamona, colocando defeito em tudo... Não se cansava de repetir que precisava fazer as coisas ela mesma se quisesse que fossem bem-feitas. A vida das pessoas de sua equipe estava virando um inferno. Para piorar, ela e Camilla estavam prestes a fechar seu melhor negócio do ano: o leilão da cobertura do Dr. Álvaro Bueno, que estava prestes a se divorciar. Isso só colaborava para deixar os nervos dela em frangalhos.

Sua estimativa inicial fora muito boa, concluiu Alice, eufórica, ao analisar aquele imóvel com mais atenção. A cobertura valia cerca de nove milhões de reais. E era isso – ou mais – que ela pretendia arrancar da audiência naquele dia.

Tensa, cerrou os dentes e abriu um sorriso largo para a esposa de seu cliente, resistindo ao impulso de sacar um reconfortante

cigarro para esquecer a malfadada funcionária que estava empenhada em fazê-la morrer desidratada.

A esposa de Álvaro Bueno não parecia nem um pouco satisfeita durante o evento. Tinha tomado conhecimento das intenções do marido, e olhava para tudo e para todos com cara de nojo, como se aquelas pessoas não merecessem estar perambulando por sua sala. Com uma adorável expressão forçada de simpatia, Alice pensou que a megera talvez merecesse o fora que estava prestes a levar do marido.

Cinco intermináveis minutos depois, Marilúcia apareceu com um copo d'água na mão e os lábios borrados com um batom laranja.

“Só Deus sabe o que andou aprontando naquela cozinha”, pensou Alice, olhando de soslaio para um garçom que saíra do mesmo lugar, dando um sorriso brincalhão para os colegas. “Não é possível que ele esteja tão feliz só por estar carregando uma bandeja”, concluiu, mal-humorada. Ele e Marilúcia deviam estar se agarrando em algum corredor escondido. Mas Alice já ia acabar com aquela gracinha...

– Por que demorou tanto? – rugiu, com agressividade, assim que a assistente parou em sua frente.

– A água gelada havia acabado, então precisei colocar uma garrafa no cooler para...

– A água gelada acabou? – interrompeu Alice, com um princípio de taquicardia.

– O gelo que pediram não foi suficiente, mas o pessoal da cozinha já está providenciando mais garrafas para colocar no cooler.

– Mas só temos um cooler e demora uns cinco minutos para gelar cada garrafa. Até o evento acabar... – Ela levou a mão ao peito na altura do coração e olhou para o ambiente, que ficava cada vez mais lotado. – Ah, meu Deus! A dona Vera Martins Morão acabou de fazer uma cara feia depois que provou o champanhe. Não consigo respirar... Não consigo respirar...

– Calma... – disse Camilla, pegando-a pelos ombros e em seguida fazendo-a sentar-se na poltrona mais próxima. – A dona Vera está com uma dor de dente horrível desde ontem, já até comentou comigo. Não foi por causa do champanhe que ela fez cara feia. E foi só a água que não deu tempo de gelar. Nós temos outras bebidas...

– Você sabia disso? – perguntou Alice, olhando para a sócia. Estava se sentindo traída.

– Claro que sabia. Não fui eu quem ficou de arranjar o bufê?

– E por que não me contou?

– Porque você está uma pilha de nervos, prestes a ter um surto. E não quero que a altura da varanda fique tentando você.

– Não vou me matar. – Alice olhou para a assistente novamente, buscando em quem descontar a sua raiva. – Se existe alguém que eu queira matar, são esses funcionários. Demoram uma encarnação para me trazer um simples copo com água...

Marilúcia começou a se defender:

– Mas eu já disse...

– Eu sei o que você disse – interrompeu Alice. Depois se levantou. – Não sou surda. Mas também não sou nenhuma idiota. Vi você se agarrando com aquele rapaz. – A mentira passou despercebida, porque a assistente arregalou os olhos, se entregando. – Ao menos você deveria ter a dignidade de retocar o batom. Isto aqui é um ambiente de trabalho, não de agarrão. Você deveria estar fazendo o que nós a contratamos para fazer: abrir um sorriso bem simpático e fazer os convidados beberem o máximo possível antes do leilão, para que os lances sejam bem altos.

Quando os olhos de Marilúcia começaram a ficar marejados, Camilla achou melhor intervir e mandou a menina ajudar na cozinha. Em seguida, se virou para Alice com um olhar reprovador.

– Isso não está certo – sussurrou.

– Também acho – retrucou Alice. – Mas o que podemos fazer? Só

arrumamos essas periguetes desmioladas para servir de assistentes...

– Não estou falando dela, estou falando de *você*.

– Oi?

– Você não pode descontar sua frustração nas pessoas a sua volta.

– Do que você está falando?

“Que se dane o profissionalismo”, Alice pensou, procurando um cigarro dentro da bolsa para fumar na varanda. Se sua funcionária podia ter um pouco de diversão nos bastidores, o que a impedia de dar um traguinho?

– Estou falando de você não conseguir aceitar que as pessoas a seu redor sejam felizes porque está passando por uma fase difícil. Parece até que está com mil TPMs acumuladas...

– Eu não tenho TPM – afirmou Alice, categórica. – Não tenho tempo para esses faniquitos.

– É claro que tem, e das *brabas*. Já sei até a época que ela vem. Que, aliás, ainda está longe. Seu caso agora é um pouco mais grave: você está em depressão e não sabe o que fazer com isso.

– Não seja ridícula. – Alice deu uma risada, depois, seguida por Camilla, se esgueirou para a varanda e colocou o cigarro na boca ao mesmo tempo que sorria graciosamente para um convidado. – Nunca tive problemas emocionais. Sou muito bem resolvida. Se estivesse deprimida, estaria embaixo do meu cobertor desfiando um rosário de reclamações.

– Existem diversos tipos de depressão. Por isso eu acho que você deveria procurar um médico, só para garantir.

Ao ouvir isso, Alice encarou a sócia com um olhar assassino.

– Tudo o que eu não quero ver agora é um médico! São todos uns imbecis!

– Não estou dizendo para você pedir ajuda ao Casseano.

– Meninas...

Era o Dr. Álvaro Bueno. No mesmo instante, Alice jogou o cigarro recém-aceso lá embaixo, sem se preocupar se iria cair na cabeça de alguém.

– Acho que todos já chegaram – disse ele. – Podemos começar?

– Claro.

Com um sorriso encantador, Alice ajeitou o vestido e o seguiu até o microfone, conferindo se suas mechas ruivas estavam bem presas no coque.

Como sempre, deu duas batidinhas no aparelho para ver se o som estava funcionando, enquanto o resto dos convidados tomava seus lugares.

O leilão se iniciou tranquilamente. Camilla começou a passar alguns slides com as fotos do luxuoso condomínio enquanto Alice falava sobre o seu conforto e seu sistema de segurança de alto padrão. Exaltou a vista para a praia, criando cenários idílicos na cabeça dos convidados. Alvoradas ensolaradas, pores do sol em tons alaranjados, a luz da lua refletida sobre o mar... Qualquer um que a visse naquele momento a acharia uma romântica de carteirinha.

No fundo, Alice só pensava em como a maresia seria terrível para os móveis, deteriorando-os mais rápido.

Em seguida, ela falou sobre a valorização imobiliária daquela região e sobre a cobertura em si, por onde os convidados já tinham passeado antes de o leilão começar. Não havia dúvidas de que era um excelente negócio.

Quando chegou o momento dos lances e os valores altos começaram, ela ficou ainda mais otimista. Tinha certeza de que faria a melhor transação da sua vida. Estava pensando em como iria aplicar o dinheiro quando, de repente, a esposa de Álvaro Bueno se levantou da cadeira, determinada a arruinar os seus sonhos.

– Não vamos mais vender – disse a mulher, taxativa.

– Como? – retrucou Alice, quase tossindo o coração para fora.

– Desistimos da venda.

Imediatamente, Alice começou a sentir uma tontura seguida de uma forte pressão no estômago.

– Maria Augusta... – Álvaro a pegou pelo braço. – O que você está fazendo?

– Não quero mais me desfazer deste imóvel. Na verdade, nunca quis. Foi aqui que criamos nossos filhos e é aqui que desejo morrer.

Os convidados começaram a se entreolhar, aturdidos.

– Mas não podemos voltar atrás – insistiu o marido. – Já assinei o contrato do leilão.

– Mas eu não assinei, e somos casados em comunhão de bens. Você não pode vender nada que envolva nosso patrimônio sem me consultar. Portanto, o contrato não tem validade.

Era verdade, e Alice girou lentamente a cabeça e encarou Camilla com um olhar fulminante. Era responsabilidade *dela* cuidar das partes burocráticas do negócio das duas.

– Ele me garantiu que ela assinaria o contrato depois – sussurrou Camilla para ela.

Tentando conciliar a situação, Alice empertigou-se e se virou para a plateia de novo, com um sorriso bem aberto.

– Teremos que fazer uma breve pausa para resolver este impasse. Enquanto isso, serviremos nosso melhor vinho do Porto, e sugiro que aproveitem o fim da tarde para vislumbrar a linda vista do terraço.

– Isto não será uma pausa. – Maria Augusta foi veemente, apreciando ser o centro das atenções. Alice teve vontade de arremessar o microfone na maldita. – Agradeço o interesse de todos, mas agora quero que saiam da minha casa.

– Não acha melhor conversar com seu marido a sós? – sugeriu Camilla, desesperada com a própria falha. – Talvez cheguem a um acordo.

– Não há nada a conversar. Álvaro insistiu nesta palhaçada, mas sabia muito bem que eu não levaria isto até o fim. O assunto está

encerrado.

Naquele momento, toda a compaixão que Camilla tinha sentido pela futura senhora abandonada foi para o espaço, e ela desejou com todo o ardor que Álvaro já tivesse uma amante – e, de preferência, que esta também tivesse uma cobertura para vender.

Quando as pessoas, muito ofendidas, começaram a se levantar, Alice esticou os braços para a frente, desesperada.

– Por favor, não precisam ir embora! Vamos resolver a situação!

– Não, não vamos – disse Maria Augusta, encarando-a com os lábios contraídos. – Não adianta colocar os peitos para fora nesse vestido ridículo, que hoje você não leva um centavo daqui. A não ser que resolva oferecer outros serviços.

– Como é que é? – Alice começou a perder a compostura. – Por acaso está insinuando que eu sou alguma vagabunda?

– Para bom entendedor, meia palavra basta.

– Pois eu não admito que você fale comigo dessa maneira! – gritou Alice, estreitando os olhos.

Neste momento, o público que estava indo embora parou a meio caminho da porta, interessado no barraco que começava.

– Você está na minha casa, então não venha gritar comigo. Se não queria parecer uma vagabunda, que não se vestisse dessa maneira.

– Pois eu acho – começou Alice, agora fora de si, aproximando-se da outra, sem perceber que Marilúcia filmava tudo pelo celular – que, se você tivesse usado o seu dinheiro para fazer algumas cirurgias plásticas, talvez pudesse usar um decote como este, e seu marido não estaria prestes a lhe dar um pé na bunda e se mudar para a Suíça com uma vagabundazinha qualquer!

– O quê?! – indagou Maria Augusta, perplexa.

Ela encarou o marido, que se levantou em sua defesa e lançou um olhar duro na direção de Alice.

– Ela não está dizendo coisa com coisa – falou ele. – Está irritada

porque pensa que vai perder a comissão, não é, Alice? Por isso está inventando essas coisas, para tentar te atingir. Mas pode deixar... – Ele fitou Camilla com um olhar alarmado. – O erro foi meu, por não ter consultado a minha mulher. Portanto, pagarei a comissão de vocês, mas agora acho melhor mesmo todos se retirarem.

Então todos saíram, inclusive Camilla e Alice, em meio a uma enorme confusão. Ao entrar no carro de Camilla e se sentar ao volante, como sempre fazia, Alice viu a sócia explodir:

– O QUE FOI QUE VOCÊ FEZ?

– Eu? – Alice arregalou os olhos. – A culpa disso tudo foi *sua*. Como pôde cometer essa gafe? Sabe muito bem que casados em comunhão de bens precisam assinar o documento de venda juntos...

Inconformada, Camilla se virou para ela.

– Admito que errei, mas o que você fez depois foi... inadmissível! Você expôs a intimidade do nosso cliente, humilhou a mulher dele, e isso tudo com certeza vai parar na internet. Você viu quem estava filmando? A ajudante que você destratou porque demorou a trazer sua água. Já posso até ver as manchetes. – Ela espalmou as mãos no ar. – “Barraco de madames em mansão à beira-mar”. Estamos ferradas! Você sabe como funciona esse meio, a nata carioca é superunida. Maria Augusta vai esmagar nossa reputação como se a gente fosse um mosquito!

– Ela me chamou de vagabunda! Me tratou como uma ninguém.

– Como você fez com a nossa ajudante, não foi?

Como Alice não disse nada, Camilla continuou:

– Ela estava nervosa, vulnerável. Você deveria ter sido superior, como sempre foi. O que deu em você?

– Eu não sei... – Os olhos de Alice ficaram úmidos quando ela se deu conta de que seria a maior prejudicada por ter perdido as estribeiras. – Não sei.

– Mas eu sei. Você precisa de férias! – Camilla tornou a olhar para a frente. – Está estressada, irritada, abatida... E, de todo modo,

ficaremos sem trabalho por um bom tempo agora... – Ela baixou o tom quando viu, pelo canto do olho, uma lágrima escorrer pelo rosto de Alice. – Vamos aproveitar que o Álvaro vai nos fazer a imerecida caridade de pagar nossa comissão e sair de cena por algum tempo, até a poeira baixar.

Como não era dada a crises de choro, Alice secou o rosto com as costas da mão e ligou o carro.

– Você está certa. Vamos fazer isso. Mas não vou procurar nenhum médico.

Impaciente, Camilla ergueu as mãos.

– Tudo bem, mas prometa que vai se cuidar. E não fume no meu carro.

Encarou a sócia com um olhar de censura quando ela ameaçou pegar um cigarro. Alice deu um grunhido em protesto.

– Argh... Você às vezes é pior do que minha mãe.

– Pois dê graças a Deus por ainda ter a mim zelando por você. – Camilla deu um longo suspiro, tentando recuperar a calma. “Pelo menos não saímos de mãos vazias”, pensou, olhando com um lampejo de alegria para o generoso cheque em suas mãos. – O que pretende fazer nas suas férias forçadas? – perguntou, para mudar o clima.

– Não sei. – Alice deu de ombros. – Talvez eu faça uma viagem ou algo do tipo.

Agora, com o clima menos tenso, Camilla fitou Alice com um misto de choque e divertimento nos olhos.

– Aleluia! Jamais pensei que ouviria isso de você. E para onde pretende ir?

Com um meio sorriso, Alice engrenou a ré e começou a tirar o carro da vaga.

– Talvez eu vá visitar uma amiga.

– Amiga? – Camilla ficou confusa, pois nunca vira a sócia em companhia de outra mulher que não fosse uma cliente. – Que

amiga?

Alice engrenou a primeira e acelerou para a rua.

– Uma bem menos chata que você.

Capítulo 4



West Brompton, Londres

Luana havia passado a manhã tentando, em vão, frisar os cabelos ralos. Os fios cor de palha eram lisos e retos como uma régua, e não exibiam o efeito desejado. Não eram muito compridos, caíam um pouco abaixo dos ombros. Sorrindo, Luana lembrou-se de quando era pequena e sua mãe ainda era viva. Ela penteava suas madeixas dizendo que, um dia, seus fios ainda iriam se tornar volumosos. Bem que Luana gostaria que aquela profecia tivesse se cumprido ao longo dos anos.

Estava apavorada. Precisava estar divina naquela tarde para o teste de vídeo que iria fazer. Não era nada de mais, apenas um comercial de uma linha de sabonetes, mas só Deus sabia como ela precisava daquele dinheiro, pois desde que Pietro nascera vinha tendo dificuldade para arrumar trabalhos. Não que estivesse gorda, muito pelo contrário. Em menos de dois meses, perdera os 15 quilos que ganhara na gravidez, e agora, com as aulas de dança, tinha ficado ainda mais em forma. No entanto, ainda não estava esquelética o suficiente para agradar ao povo da mídia.

“Pelo menos”, pensou, estreitando os olhos castanhos e colocando as duas mãos sobre os seios pequenos, “agora que Pietro está com 2 anos, já posso colocar os implantes de silicone com que tanto sonhei.” Juntara moeda por moeda, fazendo bicos e trabalhando como garçõete em um restaurante italiano na Picadilly Street. Não se sentia diminuída por isso, não era um trabalho ruim. Na verdade, adorava a agitação daquela rua, sobretudo porque, estando por ali, sempre havia a possibilidade de encontrar alguém do mundo do cinema.

Luana tinha fé que um dia sua sorte mudaria e ela enfim alcançaria o estrelato. Mais do que tudo na vida, desejava atuar. Ser reconhecida. Tinha sido por isso que largara a faculdade e se mudara para Hollywood. Abandonara o sul de Minas Gerais e a vida na roça e, com o dinheiro de um cavalo vendido pelo pai, fora ganhar o mundo, mas logo se decepcionara. Enfrentava filas e mais filas para testes que nunca davam em nada – isso quando não recebia alguma proposta indecente para fazer ponta em algum filme de quinta categoria. Luana nunca cedera. Herdara a dignidade dos Araújo Lima, e disso ela nunca abriria mão.

No entanto, desapontada e com o dinheiro acabando, tinha se mudado para Nova York para estudar teatro, onde um amigo lhe arrumara uma bolsa, e acabou trabalhando como recepcionista em um badalado pub da cidade.

Foi quando ela e Alice se conheceram. Moraram juntas por um ano, dividindo refeições que consistiam de cachorros-quentes comprados em barraquinhas de rua, e misturaram suas roupas no armário de tal forma que em dado momento não sabiam mais onde começava o espaço de uma e acabava o da outra. Órfãs de mãe, logo se afeçoaram e se tornaram quase irmãs. Foram tempos muito divertidos.

Por isso, Luana não compreendeu quando Alice lhe avisou que iria voltar ao Brasil.

- Estou com saudade da minha terra – explicara a amiga.
- Não acredito que você vai me abandonar.
- Prometo que volto nas férias.

Alice nunca tinha cumprido a promessa. Na cabeça de Luana, aquilo era inconcebível. Ela havia prometido a si mesma que jamais regressaria de vez ao Brasil. Só para visitar. Mas nem mesmo seu pai e seus irmãos – que eram o único elo que ela tinha com o país – faziam questão da sua visita. Seu pai, homem simples, agricultor, preferia quando Luana pagava a passagem para ele ir vê-la no exterior. Ficava deslumbrado com toda aquela gente diferente, os restaurantes finos e a língua que ele não entendia. Ria muito das histórias da filha. Porém, por mais que Lua – como ele costumava chamá-la – insistisse, ele nunca cogitou emigrar para lá. Adorava a sua terrinha e não aguentava mais do que um mês longe da sua plantação e dos dois filhos mais velhos, que trabalhavam com ele desde pequenos.

De todo modo, justamente quando Alice foi embora a vida de Luana mudou de forma radical. Ela teve de procurar outra pessoa para dividir o apartamento, e um amigo acabou lhe apresentando Eamon, um irlandês que fora passar as férias na cidade que nunca dorme. Nenhum dos dois imaginava o que o futuro lhes reservava.

Eamon era arquiteto, alto, lindo, com cabelos ruivos maravilhosos. No auge dos 30 anos, nunca tinha sido casado e – pasmem – não era gay. A primeira coisa que Luana pensou foi que, no Brasil, um homem solteiro com tantos predicativos era praticamente uma utopia. Mas logo que começou a dividir o apartamento com ele, ela descobriu que na Irlanda não era assim. Eamon lhe explicou, durante suas inúmeras conversas durante a madrugada – olhos nos olhos –, que em seu país eles levavam o relacionamento muito a sério, e por isso o índice de divórcio por lá era baixíssimo. Quando se comprometiam, era para sempre. Ele mesmo não tinha nenhum amigo que fosse separado ou divorciado.

O resultado não poderia ter sido outro: Luana se apaixonou, e quando Eamon voltou para a Europa, levou-a junto.

No começo, tudo foram flores. Luana ficou arrebatada e adorou o dia a dia na Irlanda. Como ela, as mulheres irlandesas gostavam muito de conversar. Na fila, no pub, no mercado, na farmácia, no sinal de trânsito, no ônibus, no meio da rua, na chuva ou debaixo de sol: tudo era motivo para puxar papo. Luana também adorou os hábitos alimentares do país. Incluiu com facilidade os chás e as porções de peixe com batatas fritas em seu cardápio. Adorou em especial as cervejas. Uma a duas vezes por semana ela e Eamon saíam à noite. Luana adorava o modo como o rosto do namorado ia ficando vermelho conforme ele bebia, sobretudo quando Eamon a fitava com um sorriso sapeca, mordendo o lábio inferior, com uma garrafa de cerveja pendendo entre os dedos e os olhos azuis cheios de promessas para a madrugada por vir.

Era impressionante quantas Guinness os irlandeses eram capazes de consumir antes de começar a cambalear. Sempre que bebia, Eamon ficava mais desinibido. Como bom irlandês, ele era um pouco fechado e falava pouco se não fosse estimulado. Com o tempo, Luana percebeu que os irlandeses costumavam ser muito tímidos, mas eram também bastante leais e confiáveis. Em geral, levavam algum tempo para se abrir, para falar sobre si, para contar sobre seus defeitos e problemas. Mas uma vez que se sentissem seguros em relação a você, tornavam-se amigos fiéis.

E, se estivessem em um relacionamento, eram amantes espetaculares.

Quanto aos sogros, Luana só tinha elogios. Ambos já eram bem idosos, e Eamon era bastante dedicado a eles. Com razão: os dois eram adoráveis e estavam sempre tentando agradar a nora. Pareciam doidos para ver o filho casar. A mãe dele enchia Luana de presentes e ficava ofendidíssima quando ela comia pouco. Era uma família acolhedora e muito unida, e era impossível não querer fazer

parte dela.

– Você é como uma filha para nós – costumava dizer seu sogro.

– Quando entrará para a família de vez?

Uma vez por semana, os homens saíam para beber sem as mulheres. Não era uma atitude machista, pois elas poderiam fazer o mesmo se desejassem. Era apenas um hábito antigo que eles desejavam manter.

Em geral, nessas noites, Luana ia ao cinema ou ficava navegando na internet, fazendo contatos, em busca de algum teste para a televisão. Raramente ela ia a uma boate ou um pub sozinha, pois sabia que, embora Eamon não dissesse nada, ele se preocupava com a sua segurança. Afinal, Luana ainda não tinha muitas amigas que a acompanhassem para sair. Fora isso, apesar de a Irlanda ter uma média de sete mulheres para cada homem, Luana fazia bastante sucesso e era muito paquerada. Seu cabelo loiro-claro e seu tipo físico eram similares aos de boa parte das mulheres locais, mas ela tinha as curvas nos lugares certos e um charme intrínseco aos seus gestos de atriz.

– Você é bonita demais para o seu próprio bem – repetia Eamon.

Além da beleza, a sensualidade brasileira não passava despercebida. Luana era mais discreta que as irlandesas no modo de se vestir, e logo descobriu que era exatamente *isso* que a fazia chamar tanta atenção.

Ao contrário dela, as jovens locais eram bastante exibidas. E, ainda que Luana fosse acostumada a ver mulheres vulgares na rua, nunca imaginou que alguém tivesse coragem de sair de casa com roupas tão curtas, com a curva das nádegas aparecendo. Mas esse era o comprimento-padrão das saias das irlandesas.

E se a menina estivesse com calor, não pestanejava: levantava a alça da calcinha na cintura até que ficasse aparecendo, tudo na maior naturalidade. Luana ficava chocada. Por isso, não era raro um homem se aproximar dela para saber quem era aquela belezinha

com cara de anjo perdida no centro de Dublin.

Com o tempo, Luana começou a ficar entediada e deixou de sair inclusive de dia. Tinha só 25 anos, e Eamon passava boa parte do tempo fora, trabalhando, enquanto ela ficava sozinha no apartamento deles. Muitas vezes, para atender a um novo cliente e tentar aumentar a renda, ele ficava na rua até tarde, e quando chegava Luana já estava dormindo. Para se distrair, ela chegou a arrumar alguns trabalhos como camareira, garçoneiro e atendente de loja, mas logo se aborrecia com alguém, ou alguma coisa, e desistia do emprego. Sua frustração pela carreira estagnada a deixava cada dia mais deprimida. E tudo o que parecia brilhante e colorido em seus primeiros dias naquele país começou a perder a cor.

Para piorar, poucos meses depois, ela descobriu que estava grávida. E, embora Eamon a tivesse pedido em casamento e procurado ser o mais carinhoso possível, o ânimo de Luana mudou drasticamente. Ela sentia que sua vida iria para o buraco com aquela gravidez. Todos os seus sonhos de atuar no teatro, brilhar na televisão, aparecer em uma tela de cinema em 3D estavam acabados. E ela se culpava.

E culpava Eamon.

Para ele, estava tudo correndo bem. As coisas tinham fugido um pouco do planejado com o anúncio da gravidez, mas ele já pretendia mesmo pedi-la em casamento, então os dois só precisariam adiantar a cerimônia e a festa. Era loucamente apaixonado por ela. "Aconteceria mais cedo ou mais tarde", Eamon dissera a si mesmo, muito feliz. Sabia que Luana andava meio tristonha, embora não soubesse o motivo, mas esperava que a gravidez e o casamento iminente lhe trouxessem um ânimo novo e que ela voltasse a ser aquela mulher alegre e sorridente por quem ele tinha caído de amores. Começou a trabalhar ainda mais para lhe dar tudo o que ela desejava. Porém, logo após oficializarem a relação, Luana passou a repeli-lo com frequência cada vez maior. Até a polidez de Eamon –

que antes a encantava – começou a repugná-la.

As diferenças culturais começaram a causar brigas entre eles, principalmente a mania de Eamon de fazer tudo certinho. Um exemplo disso tinha sido a vez em que eles estavam voltando de uma viagem de carro e ele por acaso ultrapassou o limite de velocidade, o que nunca acontecia. Então um guarda surgiu do nada e mandou-os parar. Eamon entregou sua carteira de motorista, o guarda fez as anotações, devolveu-lhe o documento e mandou-o seguir em frente, multado. Isso tudo sem trocarem uma palavra sequer! Como brasileira, com certeza ela iria argumentar, ou tentar reverter a situação.

Ele era perfeito demais! Era inacreditável. Mas o fato é que os irlandeses em geral encaravam tudo de forma mais severa do que a maioria dos brasileiros, e isso estava começando a deixar Luana maluca. Imaginar que passaria a vida como uma dona de casa sem graça e infeliz estava fazendo com que sua alegria escorresse pelo ralo junto com seus mais belos sonhos.

Não, a Irlanda não era o seu lugar, concluiu. Ela não sabia como tinha ido parar ali. E agora estava grávida! Não entendia onde estava com a cabeça quando concordara em ir morar naquele lugar. Ficara cega pela paixão, animada pela mudança... Quando decidira viver com Eamon, imaginara-se interpretando *Salomé*, de Oscar Wilde. Queria fazer aquela personagem sensual, dona de uma libido insaciável, cruel e agressiva. Seria um sucesso! Luana tinha certeza. Todos iriam aplaudi-la.

Quão ingênua ela fora... E agora pagaria um preço alto por isso.

Os meses se passaram e, enfim, chegou o dia de seu bebê vir ao mundo. Pietro nasceu saudável, com quase 4 quilos. Era branquinho como os pais, mas logo ficou claro – para desgosto de sua sogra – que ele era muito mais parecido com a mãe. Assim que Luana viu o filho pela primeira vez, apaixonou-se por ele, mas logo em seguida ficou apavorada. Como poderia ser mãe? Mal tinha estrutura para

cuidar de si... Aquela pobre criança não podia ter caído em mãos mais erradas. Ao mesmo tempo, ela sentiu uma alegria imensa ao pensar que era a primeira vez em sua vida que alguém precisava dela.

Mas Eamon se revelou um pai tão dedicado que Luana mal era necessária. Era notória a felicidade dele por ter tido aquele filho. Era como se sempre tivesse sonhado com aquilo. Ajudava Luana em tudo. Levantava de madrugada, trocava fraldas, dava banho no bebê... Sua vida agora girava em torno de Pietro. Se pudesse, imaginava Luana, enciumada, Eamon o teria amamentado. E, para ajudar nos serviços domésticos, ele tinha pedido à mãe que fosse à casa deles durante a semana, nos horários em que ele estivesse trabalhando. Luana, que já estava infeliz e passara a implicar com tudo, não gostara nada disso.

Um ano se passou, durante o qual Eamon continuou fazendo de tudo para deixar Luana feliz, mas não teve jeito. Um belo dia, ele acordou e viu que ela não estava mais lá. E pior: tinha levado Pietro junto. Eamon ficou magoado e desesperado, pois pensou que Luana tinha voltado com o menino para o Brasil, mas graças a um amigo que estava em Londres, descobriu que ela havia ido para lá e que estava trabalhando em um cassino.

Eamon não pensou duas vezes e foi direto para capital britânica. Ao chegar lá, tentou reatar com Luana, mas ela foi taxativa: queria correr atrás da própria carreira e seguir a vida de forma independente, e permanecer casada só iria lhe atrapalhar.

Ao encontrar o filho sendo cuidado por uma estranha que só falava espanhol, Eamon partiu para a briga judicial e ganhou a guarda de Pietro. No final das contas, Luana não resistiu. Dormindo de dia e trabalhando de noite, mal tinha tempo para si própria, quanto mais para o filho. Sua folga era apenas uma vez por semana. Na verdade, sentiu-se aliviada quando Eamon levou o menino, pois sabia que Pietro estaria em melhores mãos.

Dois meses depois, as coisas começaram a melhorar para ela. Em Londres, Luana fez amizades e começou a sair, e logo conheceu uma produtora de espetáculos que lhe arrumou alguns papéis pequenos. Certo dia, a mulher lhe perguntou se ela sabia dançar e Luana disse que sim, embora só soubesse os passos básicos de balé que aprendera quando criança. Então a produtora lhe arrumou um coreógrafo e, algumas aulas depois, Luana gritou de alegria ao conseguir uma vaga como atriz fixa de um pequeno musical em cartaz no centro de Londres.

Agora ela não poderia estar mais feliz. Sentia-se enérgica, disposta e abençoada. De dia, trabalhava como garçonete para complementar a renda e à noite dançava no musical. Tinha amigos, estava mais perto da fama e recentemente Eamon – por causa do trabalho – mudara-se para a mesma cidade, então ela estava de novo perto do filho, podendo participar da vida dele.

Por isso, quando recebeu a notícia pelo Facebook de que sua melhor amiga iria visitá-la em Londres, quase explodiu de alegria. Alice não poderia ter escolhido uma época melhor.

Confiante, Luana deixou os cabelos soltos e pegou a bolsa, animada para ir ao teste. Afinal, o comercial era de um sabonete, e sua pele nunca havia estado tão linda. Com certeza era reflexo da sua felicidade. E isso, no final das contas, poderia lhe gerar uma boa grana.

Capítulo 5



"Era só o que me faltava!", pensou Alice ao passar pela porta automática do hospital. Mal podia acreditar no que acontecera. Estava às vésperas da sua viagem de férias, as malas já prontas, e cortara a mão em uma faca afiada. Tudo porque resolvera dar ouvidos a Camilla e tentar fazer uma sopa nutritiva. Mas quando pegara a faca para cortar os legumes, sentira uma súbita pontada no estômago e, ao se curvar, acabara cortando a outra mão. Se tivesse continuado com as comidas congeladas de sempre, aquilo não teria acontecido. Sua ideia de cozinhar era tirar algo da embalagem e colocar no micro-ondas. Entretanto, sua sócia tinha insistido que Alice parecia anêmica e deveria melhorar a alimentação. O resultado tinha sido a própria mão fatiada.

"Que beleza!"

Era isso o que merecia por se deixar convencer por aquela rabugenta.

"Bem", pensou Alice, irritada, "se eu ainda não estava anêmica, agora vou ficar, com todo esse sangue jorrando de mim." Mal podia olhar para a própria mão. Primeiro, porque estragara um de seus melhores lenços de seda ao enrolá-lo no ferimento para ir ao

hospital. Segundo, porque odiava ver sangue. Estava nervosa só de sentir o pulsar ritmado no local do machucado, como as batidas do coração. Tinha pavor de tratar um ferimento sozinha.

Ao chegar à recepção, estava dizendo a si mesma que o fato de ter decidido ir à emergência do hospital em que Casseano trabalhava havia sido mera conveniência. Afinal, ela já conhecia a maioria da equipe médica de lá. Seria mais fácil ser tratada por um amigo – ou melhor, por um conhecido.

Depois de preencher a papelada de praxe, Alice foi encaminhada à sala de emergência e, enquanto esperava a enfermeira calçar as luvas de borracha para lhe fazer um curativo, sentiu o coração dar um solavanco. Por acaso, tinha olhado para o corredor e viu Casseano sair por uma porta, acompanhado de uma mulher e de uma criança de colo. Foi surpreendida pelo ciúme quando a mãe do bebê passou uma mão pelo ombro de Casseano, com um sorriso jovial, parecendo agradecer-lhe. Alice estava tão acostumada a ter o namorado só para si, sendo sempre o centro de suas atenções, que às vezes esquecia que ele também se relacionava com outras pessoas.

E, principalmente, com outras *mulheres*.

Casseano estava lindo como sempre. Todo vestido de branco, com um estetoscópio colorido no pescoço. Mesmo com aquela roupa folgada, era possível notar o corpo atlético. Os óculos estavam no bolso do jaleco e o cabelo liso, penteado para trás. Ele sorria de modo cordial, com os cantos dos olhos se enrugando de leve enquanto acariciava a cabeça do neném. Alice pôde ver a mudança em sua expressão quando a mãe se foi com o bebê e ele olhou para dentro da enfermaria. Ao reconhecê-la, por uma fração de segundo a surpresa tomou conta dos olhos dele. Em seguida, o alarme. Sem hesitar, ele se encaminhou na direção dela, com evidente preocupação.

– O que houve com você? – quis saber assim que se aproximou,

tirando o estetoscópio do pescoço e puxando o braço de Alice para examinar onde havia marcas de sangue.

– Tentei me matar porque você me abandonou – disse ela, com um meio sorriso.

Assustado, Casseano colocou os óculos e encarou-a sério, mas relaxou quando percebeu que Alice estava brincando.

– Tentando cozinhar de novo?

Ele fez um sinal para que a enfermeira deixasse a sala e assumiu o curativo.

– Uma inocente sopa de legumes – disse Alice, rindo. Ela estava nervosa. – Imagine se fosse um churrasco.

Rapidamente, Casseano pegou tudo de que precisava, envolveu o ferimento com uma gaze e conduziu Alice até sua sala. No caminho, bateu de leve com o dedo indicador no nariz de um garoto de cadeira de rodas que passava por eles, arrancando um sorriso do menino.

Quando chegaram ao consultório dele, Casseano abriu a porta para que Alice entrasse, mas assim que ela viu a seringa em sua mão, ficou paralisada.

– Você pretende espetar isso em mim? – indagou, aflita.

Pela primeira vez, Casseano riu de leve e fez um sinal com o polegar para que ela entrasse. Alice obedeceu, mas estava apavorada.

– Como se cortou? – perguntou ele depois de fechar a porta e indicar que ela se sentasse na maca forrada por um papel com estampa do Bob Esponja.

– Com uma faca de carne. Eu estava tentando cortar uma maldita cenoura.

– Estava vendo televisão?

Ela sorriu.

– Eu sabia... – disse ele, retribuindo o sorriso e balançando a cabeça.

Naquele breve momento, pareceu que não havia nada de errado entre os dois.

Casseano se sentou, abriu uma gaveta e tirou de lá um par de luvas descartáveis. Em seguida, pegou os instrumentos que trouxera da enfermaria e arrastou a cadeira de rodinhas até onde Alice estava acomodada.

– Não se mexa – falou.

Ele esticou o braço dela para a frente, mas, quando pegou a seringa, Alice empalideceu.

– Tem certeza que há necessidade disso? – perguntou ela.

– Pare de bancar a bebezinha. – Ele segurou o braço dela com uma mão, firme, enquanto com a outra pegava um pedaço de papel cirúrgico. – Precisarei dar uns dois pontinhos aqui. Quer que eu faça isso sem a anestesia local?

– Não!

– Então apenas olhe para o relógio do Mickey na parede.

– Ai, meu Deus!

Ela virou o rosto e, um segundo depois, deu um gritinho e estremeceu.

– Alice, isso foi só o algodão com álcool.

– Ah... Ainda não me espetou?

Ele riu.

– Não. Fica calma, você só vai sentir uma fisgadinha.

– Não. Para. Eu desisto. Melhor esperar estancar o sangue e...

– Pronto, já acabou.

Ele afastou a cadeira de novo e, agora sim, pegou os instrumentos para dar os pontos.

Esperou alguns segundos, depois testou a área para ver se ela sentia alguma coisa e, quando constatou que não, decidiu começar. Mas antes espiou o rosto de Alice e virou-o com delicadeza para o outro lado.

– Como tem passado? – perguntou para distraí-la, mas também

porque queria mesmo saber.

Tentando ignorar a agulha, Alice emendou o papo:

– Tenho estado bastante ocupada, mas agora vou ser obrigada a tirar férias. Eu e Camilla tivemos uns probleminhas no último leilão.

– Que tipo de problemas? – disse ele, tentando dar um tom casual à conversa.

– Uma dondoca desistiu da venda na última hora e eu não aceitei muito bem, digamos assim.

Casseano riu por dentro enquanto dava o segundo ponto. Alice sempre fora meio estourada.

– E você? – quis saber ela. – O que tem te mantido tão ocupado que você não pôde me dar nem um telefonema?

Sem olhar para ela, Casseano ajustou os óculos no nariz e se concentrou no que estava fazendo.

– Você também não me ligou – limitou-se a dizer.

Ultrajada, Alice arregalou os olhos.

– Foi *você* quem disse que precisava de um tempo.

– Prontinho. – Como não conseguiu pensar em mais nada para falar, ele recuou com a cadeira e se levantou. Alice examinou o ferimento já fechado e coberto. Mal tinha percebido o procedimento. – Precisar^á voltar aqui depois de uma semana para tirar os pontos, se eles não saírem sozinhos. Até lá, limpe bem o local com álcool a 70 por cento todos os dias.

Enquanto ele descartava o material utilizado, ambos ficaram em silêncio, mais desconfortáveis do que dois estranhos.

– Pelo visto o tempo de que você precisava ainda não terminou – comentou ela.

Casseano não respondeu. Apenas desembulhou um pirulito de morango e colocou na boca de Alice, como se ela fosse um de seus pacientes mirins. Depois, tirou os óculos e colocou-os no bolso do jaleco de novo. Antes que ele se afastasse, Alice o segurou pelo braço e encarou-o. Adorava aqueles olhos, com sobrancelhas pretas

e curvadas. Os olhos sempre foram o que mais chamava atenção no rosto dele. Eram de um castanho suave, porém penetrante, como se tivessem testemunhado experiências duras demais para alguém da sua idade. Porém, naquele dia, não irradiavam a sua afeição natural.

– Estou sentindo sua falta – balbuciou ela, colocando o pirulito de lado na boca.

– Eu também – respondeu ele, com apatia. – Mas não acho mais que a gente pode dar certo – acrescentou, apontando para os dois.

Na mesma hora, Alice sentiu um buraco se abrir em seu peito e um nó se formar em sua garganta. Enquanto Casseano não havia lhe procurado, ainda havia esperança de que fossem se acertar. Mas agora o relacionamento parecia perdido, porque ele já estava disposto a verbalizar que era o fim. Mas ela não... Não podia aceitar aquilo tão fácil.

– Casseano, eu te amo.

Ele fechou os olhos por um instante.

– Eu também te amo.

– Vou fazer uma viagem para a Inglaterra – disse Alice, segurando a mão dele, os olhos verdes suplicantes. O cheiro de Casseano estava partindo o coração dela. – Venha comigo, meu amor. Será uma excelente oportunidade para conversarmos sobre tudo o que aconteceu, acertar as coisas...

Era difícil resistir quando olhava direto para ela. No fundo, Casseano desejava enfiar as mãos naqueles cabelos cor de mogno envelhecido e dar-lhe um beijo desesperado e molhado na boca. Mas sabia que, se deixasse essa necessidade prevalecer, poderia possuí-la, mas a perderia de novo no instante seguinte. Não queria mais Alice pela metade, queria-a por inteiro. Por isso, apertou a mão dela, parecendo por um instante indeciso, mas em seguida endureceu o olhar.

– Não posso. Tenho muito trabalho aqui no hospital. E que diferença faria? Você não iria mudar os seus planos se eu viajasse

com você. Nós queremos coisas diferentes, Alice. Além do mais, acho que você precisa desse tempo sozinha, para refletir.

– Mas vou ficar fora por um mês. – A voz dela agora estava ficando embargada. – E você pode me esquecer durante esse tempo.

Penalizado por ambos, Casseano fez uma expressão condoída.

– Ou *você* pode me esquecer. É um risco que nós dois precisamos correr.

Uma lágrima escorreu pelo rosto dela e Alice a enxugou. Detestava mostrar-se vulnerável. Seus dedos estavam tremendo, então ela apertou a própria perna com força.

– Você parece não se importar com isso.

Ao ouvir isso, os olhos dele ficaram frios e Casseano se virou para encarar a parede. “Como ela pode dizer uma coisa dessas?” Ele sempre estivera ao lado dela, sempre fora paciente com as suas limitações, sempre tentara compreender o seu medo de compromisso...

Estava cansado. Fisicamente cansado. Ficara de plantão por 24 horas e havia diagnosticado oito casos de dengue, dois de catapora e uma suspeita de lúpus. Mas, acima de tudo, estava cansado de se iludir com Alice. Todo o sofrimento que ele havia bloqueado nos últimos dias deu lugar à frustração. E sua paciência se acabou, como se só estivesse esperando o último golpe de misericórdia. Por isso, quando se virou para Alice, sua expressão estava ainda mais dura.

– Já vi muito sangue desde que me formei. Já tive que contar aos pais de várias crianças que elas não sobreviveram a uma cirurgia. Mas acredite, nada foi tão doloroso quanto a decisão que precisei tomar nos últimos dias...

Temerosa, Alice continuou olhando para ele.

– E que decisão foi essa? – perguntou, começando a sentir uma tristeza insuportável.

Casseano mordeu o lábio inferior e encarou-a por um longo

tempo, tentando reunir a energia necessária para falar.

– Preciso te contar que conheci outra mulher, mas não sei como.

Foi como um chute no estômago. Alice precisou respirar fundo uma vez antes de sussurrar:

– Acho que essa foi uma maneira.

Abalada pelo golpe, ela olhou para o chão.

– Ainda não aconteceu nada entre nós – disse Casseano, fazendo questão de deixar isso claro. – Mas ela pensa como eu. Temos as mesmas aspirações... Acho que eu preciso me dar essa chance.

– De onde ela é? – quis saber Alice.

Ela ficou de pé, a fúria sobrepujando o choque.

– Daqui do hospital.

– Uma enfermeira ou uma médica?

– Que diferença isso faz?

– Não sei. – Alice fixou o olhar nos pés dele, tensa, com o orgulho ferido e os olhos enevoados. – Talvez você só esteja confuso, Casseano, porque pensa que eu não amo você, mas eu amo. Não precisamos de tempo nenhum. Tenho certeza de que podemos nos entender...

Mas não era isso que Casseano queria ouvir.

– Talvez – falou. – Mas só vamos saber disso se eu me der esse tempo. Preciso ter certeza do que quero pra mim.

– Mas eu não quero esperar.

Ela segurou as mãos dele, deixando a dignidade de lado.

– Eu já esperei todo esse tempo – murmurou ele, soltando-a em seguida. – Você também pode esperar.

Desesperada, Alice começou a perder a compostura:

– Não acredito que *você* também fez isso comigo!

Ela estreitou os olhos, sem perceber que equiparava o que estava sentindo com o abandono de seu pai.

– Alice... – Casseano respirou fundo. – Eu não fiz nada. Apenas andei conversando muito com essa pessoa depois de tudo o que

aconteceu entre nós.

– E daí você resolveu buscar consolo nos braços dela? Está explicado por que não me ligou.

– Não vou ficar me explicando. Você também não me procurou.

– Mas foi você que disse que queria ficar sozinho... – Ela se exaltou. Em seguida, fora de si, pegou a bolsa e jogou o pirulito no lixo. Não havia mais nada a dizer depois do que tinha ouvido. – Quer saber? Agora sou eu quem quer ficar sozinha.

Com as emoções à flor da pele, Casseano também levantou a voz:

– Pois faz muito bem. É melhor ficar sozinho de verdade do que estar sozinho num relacionamento.

Revoltada, Alice olhou para trás antes de sair pela porta.

– Você não estava sozinho, babaca.

Capítulo 6



O céu estava lindo com sua iluminação dourada e perolada. As nuvens vagavam abaixo da aeronave. A imensidão celeste era a imagem perfeita da paz, mas nada disso confortava o coração ferido de Alice.

Com o rosto colado à janela, ela pensava em como daria vazão aos sentimentos desordenados que atormentavam sua alma. Mal tocou na comida que a aeromoça serviu. Não parava de pensar, com crescente amargura e surpresa, que não sabia o que faria da vida sem Casseano. Nunca imaginou que sentiria tamanho vazio quando os dois se afastassem de forma definitiva. Ela e Casseano nunca haviam se separado por tanto tempo. Tinham ficado no máximo duas semanas sem se ver, quando Alice fora organizar um leilão em São Paulo. Aliás, aqueles quinze dias haviam sido extremamente benéficos para a relação, tamanha a saudade que sentiram um do outro.

Mas agora era diferente. Por enquanto, não havia esperança de reconciliação, e essa consciência a fez sentir que poderia desabar. Afinal, Casseano não era só o seu namorado, mas também seu melhor amigo, seu confidente, seu porto seguro... E, para dizer a

verdade, quem mais no mundo a toleraria daquela maneira?

Alice se lembrava muito bem de quando voltara para o Rio depois da viagem a São Paulo. Tinha ido direto para o apartamento de Casseano. Como já tinha a chave, chegou de surpresa, tramando que arma usaria para matá-lo caso o encontrasse com outra mulher. Mas ele estava inocentemente acomodado no sofá da sala, com o controle remoto na mão, assistindo a uma partida de futebol. Vestia uma camiseta amarela, uma calça jeans, e estava descalço e com os cabelos molhados. Assim que viu Alice entrar pela sala, desligou a televisão e abriu aquele sorriso lindo. Em seguida, colocou o controle de lado.

– Vem aqui – ordenou, com a voz rouca.

Alice hesitou.

– Não vai nem se levantar pra falar comigo?

– Agora.

Sorrindo, ela largou a bolsa sobre a mesa e obedeceu, para em seguida ser puxada para o sofá e receber as melhores boas-vindas da sua vida.

Ainda impelida pela onda de nostalgia, Alice também se lembrou da viagem que fizeram juntos à Itália, seis meses antes. Foram momentos felizes, cheios de romantismo e promessas de amor eterno. Por que aquilo não podia ter sido o suficiente para ele? Por que Casseano fazia questão de amarrá-la ao jugo do casamento?

Estava arrasada. Fazia muito tempo que não se sentia tão desamparada, tão solitária. Sentia-se devastada. Mas a culpa era dela mesma, Alice decidiu. Fora estúpida o bastante para deixar que sua vida girasse em torno de uma pessoa só, algo que ela mesma condenava.

Mas, bem, para dizer a verdade, mesmo quando ainda nem conhecia Casseano ela nunca fora rodeada por muitos amigos. Sempre afastava, praticamente às cotoveladas, aqueles que tentavam se aproximar. Podia contar nos dedos de uma mão só as

peessoas que faziam parte de seu círculo íntimo. Conhecer suas falhas e emoções não era privilégio para qualquer um.

Apesar disso, ela quase nunca tinha viajado sem companhia. A última vez havia sido três anos antes, quando se permitira a indulgência de ir a Monte Verde, em Minas Gerais. Sua mãe adorava aquele lugar, e ali Alice se sentia próxima a ela. Na época, precisava daquele conforto, exatamente como agora. A dor de perder Casseano estava sendo bem maior do que ela poderia imaginar.

Mas ele conhecera outra mulher. E se interessara por ela. Isso tornava sua desistência daquele relacionamento completa e irrevogável. Toda vez que Alice pensava nisso, sentimentos sombrios a floravam dentro dela.

Para aliviar a tensão, ela enfiou a mão no bolso da calça jeans para pegar um cigarro, até se lembrar de que era proibido fumar no avião. Estava havia mais de dez horas sem dar um trago sequer, e aqueles adesivos de nicotina eram a mesma coisa que nada.

Resignada, concentrou sua atenção na janela. Com a testa franzida, reparou quando a aeronave começou a sobrevoar a cidade de destino. A linda, iluminada e majestosa capital britânica.

Embora fosse por volta de sete da noite no horário local, o sol ainda brilhava, iluminando lindos arranha-céus.

A primeira coisa que Alice reconheceu foi a famosa London Eye, a imensa roda gigante às margens do rio Tâmis. Pela primeira vez naquele dia, sorriu, sentindo um resquício de esperança e animação. "Acho que é disso mesmo que eu estou precisando", pensou, sendo invadida por uma onda de otimismo. "Respirar novos ares e usufruir de tudo o que uma cidade cosmopolita de primeiro mundo tem a oferecer." Prometeu a si mesma que, assim que o avião pousasse, não pensaria mais no ex-namorado. Muito menos no trabalho. Iria se entregar àquela aventura, rever sua amiga e fazer novos amigos – ou pelo menos tentar.

A aterrissagem no Heathrow foi tranquila, e pouco tempo depois

Alice se encaminhou para o setor de imigração. Respondeu às perguntas de praxe em inglês – admirando o sotaque do atendente –, pegou seu passaporte devidamente carimbado e foi buscar suas malas. Depois, desceu as escadas rolantes do aeroporto e foi pegar o metrô. Estava relaxada, pois já havia baixado no celular todas as informações de que precisava para andar pela cidade. Também já sabia em qual estação deveria descer, pois Luana lhe enviara um e-mail explicando tudo. Não seria difícil chegar lá.

Em casa, Luana terminava os preparativos para receber a velha amiga. Estava animadíssima. Tinha sido selecionada para a campanha de sabonete e não via a hora de sair para comemorar. Pela primeira vez em dias, arrumara a casa com capricho. Afinal, queria que Alice se sentisse confortável. Não que seu minúsculo apartamento pudesse ser considerado “confortável”, mas era ajeitadinho, e, quando se sentia disposta, Luana conseguia deixá-lo acolhedor e receptivo. Na verdade, refletiu ela, isso só acontecia quando marcava algum encontro, e de qualquer maneira os homens que ela convidava em geral estavam pouco interessados na decoração.

Quase pulou de alegria quando ouviu o interfone tocar. Quando as duas enfim se encontraram, Luana correu na direção de Alice e envolveu-a em um abraço apertado.

– Ai, meu Deus! Nem acredito que você está mesmo aqui! Faz tanto tempo... Temos tanto que conversar...

Alice sentiu a mesma alegria.

– Vamos ter bastante tempo para isso. – Afastou-se e segurou Luana pelos braços, para examiná-la melhor. – Meu Deus, como conseguiu manter esse corpão depois de dar à luz?

Envaidecida, Luana sorriu.

– Virei dançarina.

– Jura?

Alice ficou agradecida quando a amiga pegou sua mala de rodinhas e arrastou para dentro do apartamento. Entrou atrás dela.

– Como veio parar em Londres? – perguntou Luana.

– Virei à esquerda na Holanda e nadei um pouco.

– Boba...

– Eu precisava de férias.

– Percebi pelo seu e-mail. – Luana queria deixar a amiga à vontade para se abrir aos poucos. Sabia que Alice tinha muita dificuldade em expressar os sentimentos. – Pois fico muito feliz que tenha vindo.

– Obrigada. Além de querer muito revê-la, eu sempre fui fã da Inglaterra. Aliás, adorei este bairro. As casas são uma gracinha, e parece que a vizinhança é ótima.

– Confesso que nem reparo nessas coisas. O que gosto mesmo é da localização, que é ótima. O metrô é quase na minha porta.

– É verdade – concordou Alice, enquanto examinava o pequeno recinto.

O apartamento era um quarto e sala que contava com uma cozinha americana, muito diferente do espaçoso loft onde Alice morava. Como não reparou em nenhum banheiro no pequeno corredor, Alice imaginou que ficasse dentro do quarto. As paredes eram de um cinza-claro que contrastava com a fachada em estilo antigo do prédio. Na portaria, um pequeno lance de escadas margeadas por uma grade de ferro cor de chumbo unia o portão à calçada.

Sentindo-se acolhida como raras vezes acontecia, Alice tirou os sapatos e se jogou no sofá amarelo berrante.

– Muito aconchegante este seu cantinho – elogiou, embora estivesse achando o lugar pequeno demais.

– Obrigada – retrucou Luana, sorrindo. – É difícil achar um aluguel em conta por estas bandas, mas este apartamento é de um

amigo, que me fez um preço bem bacana.

– Que sorte... Agora vamos lá. Me sirva um bom chá inglês e conte-me tudo sobre suas aventuras londrinas.

“Traga-me para cá”, Alice pensou, “traga-me para longe de Casseano.”

– Nossa! Aconteceu tanta coisa que nem sei por onde começar. O importante é que agora estou aqui, feliz como nunca! Sei que este apartamento é um ovo, mas como mal paro em casa e moro sozinha, é uma mão na roda.

Com um ar de interesse, Alice se ajeitou no sofá.

– Você me disse no Facebook que havia se separado. O que aconteceu?

Com um ar relaxado, Luana largou a mala de Alice num canto e foi pegar uma bebida para oferecer à amiga. Escolheu uma latinha de *ice tea*, porque ferver água para fazer um chá de verdade lhe daria muito trabalho.

– Ele era muito certinho e regrado. Não é à toa que virou um arquiteto de sucesso. Mas era muito careta pra mim. Eu poderia dizer que foi... incompatibilidade de gênios, mas seria muito clichê. Prefiro usar a expressão “incompatibilidade de planos”. Serve este? – perguntou, oferecendo uma lata a Alice.

– Ui... – A amiga revirou os olhos. – Sei bem como é esse tipo de homem. Pode ser esse de pêssego light, sim.

Sorrindo, Luana jogou a latinha para a amiga, feliz por ainda se lembrar dos seus gostos.

– Você também terminou, não foi? Como era mesmo o nome dele?

– Casseano – disse ela, sentindo uma pequena pontada no coração. – Queria se casar de qualquer maneira.

Inconformada, Luana balançou a cabeça em uma negativa.

– O que será que deu nesses homens? Quando as mulheres só queriam se casar, eles fugiam do compromisso como o diabo da

cruz. E agora que estamos dando a liberdade que eles sempre pediram, resolveram sonhar em ser pais de família...

– Mas comigo isso não vai rolar. Estou muito bem assim, solteira. Quero ser dona da minha vida.

Luana se animou:

– Concordo plenamente. E temos muito o que fazer por aqui. Vamos a um pub superbadalado hoje à noite, para colocar o papo em dia. A não ser que você queira descansar.

– De jeito nenhum – disse Alice, se levantando. – Estou louca para cair na *night*.

– Cair na *tarde*, você quer dizer. Aqui as pessoas começam a beber por volta das cinco horas.

Alice exibiu um sorriso exultante.

– Então eu não poderia estar em lugar melhor. Vou já me arrumar.

Nesse momento, o telefone de Luana tocou ao mesmo tempo que a campainha do apartamento. Ela correu para o aparelho e fez um gesto com o queixo para que Alice fosse atender à porta. Assim que a abriu, um calor intenso espalhou-se pela sua barriga, subindo para o coração. Por um momento, seus olhos refletiram essa quentura, fazendo o coração dela acelerar.

Ele era alto, com cabelos ruivos cacheados e olhos azuis. Era forte e devia ter cerca de 1,90 metro de altura. Estava com uma das mãos apoiada na parede e uma cara de poucos amigos.

– Cadê a Luana? – perguntou em inglês, com um sotaque um pouco mais cadenciado que o britânico.

Alice mudou de idioma com facilidade.

– Está ao telefone. E você é...?

– O pai do filho dela.

O homem praticamente passou por cima de Alice e foi até a janela em que Luana falava ao telefone, de costas para ele. Arrancou o aparelho da mão dela e jogou-o na rua. Luana se virou,

furiosa, e começou a discutir com ele.

– O que você fez? – perguntou, esmurrando o peito dele. – Eu estava falando com o meu produtor. Você ficou maluco, por acaso?

– Posso ter ficado maluco, mas pelo menos não sou tão irresponsável quanto você.

– Do que está falando?

Descontrolado, Eamon pegou Luana pelo braço e jogou-a no sofá, como se ela fosse uma criança pequena. Alice olhou para a amiga e tentou enviar um WhatsApp mental: “Preciso chamar a polícia?”

Luana engoliu em seco e encarou o ex-marido, que continuou a berrar:

– Eu não queria que você se aproximasse de Pietro. Foi você quem quis. Mas não vou admitir mais essa sua imprudência. O menino ficou horas lá na creche esperando você.

– Ai, meu Deus! – Envergonhada, Luana levou a mão à boca. – Esqueci completamente! Estava tão entretida com a chegada de Alice que esqueci que era o meu dia de pegá-lo.

– Pois ele não esqueceu, e ficou lá até ver o último amiguinho ir embora!

– E onde ele está?

– Já o levei para casa. Está com a babá.

– Mas hoje é meu dia de ficar com ele.

Eamon estreitou os olhos.

– Como se isso fosse importante para você. Por que você não atendeu à ligação da creche quando a secretária tentou avisá-la que ele estava esperando? Pare de interpretar. Não seja atriz fora do palco. E, de qualquer forma, agora ele já está dormindo. Estava morrendo de cansaço de tanto chorar. Tive que largar um cliente e sair correndo para buscá-lo. Mas amanhã eu vou ter um compromisso e você terá de ficar com ele.

– Meu telefone deve ter ficado fora de área, sei lá... Não fiz por

mal. E, de qualquer maneira, amanhã não poderei ficar com ele. É sábado, e eu tenho um show.

– Pois trate de se virar. Não sou só eu quem tem que fazer sacrifícios.

– E a babá?

– Suzanna só tem folga uma vez por semana, e era hoje. Como tive que chamá-la por conta da sua irresponsabilidade, amanhã ela não irá trabalhar.

Irritada, Luana apertou os dedos contra a palma da mão, sem saber o que fazer. Adorava estar com o filho, desde que ele não atrapalhasse seus compromissos profissionais.

Nesse momento, Alice resolveu intervir:

– Eu...

Os dois a encararam, e ela teve medo de apanhar daquele homem que, até então, mal havia notado a sua existência.

– Eu posso ficar com ele. Não tenho muito jeito com crianças, mas...

– Não vou deixar meu filho com uma estranha – interrompeu Eamon, taxativo.

Bastante grosseiro, para dizer a verdade.

– Ela não é uma estranha. – Luana se levantou, animada com a ideia. – Moramos juntas por um ano antes de eu te conhecer. Foi no lugar dela que você ficou quando foi dividir o apartamento comigo, em Nova York.

– Hum... – Eamon empregou um tom mais cordato quando percebeu que estava descontando sua raiva na pessoa errada. Coçou os cachos cor de fogo, ainda indeciso. – Bem, de todo modo, não sei se é uma boa ideia.

– É a única solução – disse Luana. E depois, para acalmá-lo, acrescentou: – Prometo tentar sair cedo do show para chegar aqui o mais rápido possível.

Eamon fez um muxoxo, dando pouco crédito àquela promessa, e

olhou para Alice atentamente mais uma vez. Detestava deixar o filho com pessoas que mal conhecia. Ainda o achava pequeno demais. Mas, como não havia outro jeito, resolveu resignar-se e aceitar a oferta.

– Sendo assim, chegarei mais cedo para te dar algumas orientações. Pietro só tem 2 anos, e precisa de cuidados específicos.

– Tudo bem – concordou Alice, tão acanhada que parecia que era ele quem faria um favor para ela.

– E você – acrescentou ele, virando-se para Luana –, não vá encher a cara e dormir fora de novo. É a última chance que vou lhe dar. Se continuar desse jeito, darei um jeito de proibir as suas visitas.

Então ele se dirigiu a passos firmes para a porta e, depois de sair, a bateu com uma violência que fez as paredes estremecerem.

Alice olhou para a amiga com um ar perplexo.

– Onde foi que você arrumou tudo isso? – perguntou.

Rindo, Luana caiu deitada no sofá.

– Ele é um grosso, não é? Não sei como consegui conviver tanto tempo com essa criatura rude...

Achando graça, Alice piscou.

– Nem eu – disse ela, com ironia. – Bom pai, quase 2 metros de altura, corpo perfeito, bem articulado... Deve ter sido um sacrifício enorme...

Com um suspiro, Luana apoiou o peso do corpo nos cotovelos.

– Nem tudo o que reluz é ouro, minha amiga. Acredite.

Capítulo 7



A Shaftesbury Avenue, no centro de Londres, estava lotada como sempre. Vários musicais acontecem por ali, por isso os pubs ficam abertos todas as noites. Alice estava maravilhada com a agitação da cidade. Ao lado da amiga, já tinha absorvido o glamour do local. Várias de suas marcas favoritas tinham lojas espalhadas por aquelas ruas. E mesmo com a cotação altíssima da libra, os preços eram compatíveis com os praticados no Brasil.

Por um momento, Alice lembrou-se do encantamento que sentira quando chegara a Nova York e quisera comprar tudo o que via pela frente, e logo se lembrou também da frustração que experimentara ao constatar que seu dinheiro mal dava para pagar o aluguel.

Mas agora era diferente. Tinha acabado de receber uma bolada e estava livre para gastar quanto quisesse. Prometeu a si mesma que separaria uma semana inteira só para fazer compras.

Embora fosse verão na cidade, o clima estava um pouco frio, e ela havia colocado um sobretudo preto e um de seus cachecóis favoritos, de um tom azul-turquesa, que fora um presente de Casseano. Tentou afastar a lembrança dele. Usava também uma legging preta e uma bota azul-marinho de cano curto. Os cabelos

ruivos estavam presos num coque afofado no alto da cabeça, como era moda entre as londrinas, seguindo a sugestão de Luana. Alice só dispensara a maquiagem, pois se sentia tão bem que não queria se ater a esses pequenos detalhes. Era obrigada a se maquiar sempre para trabalhar, e não queria estragar as férias com esses caprichos. Portanto, decidira sair de cara limpa. Afinal, era para isso que pagava tantas sessões de lifting.

Com um cigarro aceso entre os dedos, olhava para o restaurante de um famoso chef que tinha um programa de TV quando Luana parou de tagarelar e entrou em um pub agitado. Lá dentro, começou a cumprimentar um monte de gente. Alice apagou o cigarro e foi atrás dela.

O lugar, cuja decoração era uma mistura de clássico e moderno, era ornamentado com assentos de couro marrom e lustres de alumínio vermelho. Estava lotado de pessoas de várias idades. Por milagre, as duas conseguiram um lugar perto do balcão e pediram cervejas.

Ficaram ali por um bom tempo. Entre um copo e outro, inteiraram-se das novidades, dando uma gargalhada espalhafatosa de vez em quando. Fazia tempos que Alice não se sentia tão leve.

– Eu estava mesmo precisando disso – disse ela, maravilhada com o clima descontraído do ambiente. – O trabalho lá no Rio estava me consumindo.

Feliz com a companhia, Luana tocou no ombro da amiga. Eram poucas as pessoas com quem podia ser ela mesma, e Alice era uma delas.

– Você podia vir morar aqui comigo. Largar tudo no Brasil. Começar de novo...

– Nem pensar! – exclamou Alice, estremeando à sugestão.

– Por que não? – Luana se fingiu de ofendida. – Eu te dava tanto trabalho assim?

– Deixa de ser boba. Não tem nada a ver com isso.

– Pois se eu me lembro bem, eu é que tive bastante trabalho algumas vezes te carregando para casa, bêbada feito um gambá... – brincou Luana.

– Ai, que absurdo! Foi só uma vez. Já você, eu perdi a conta...

Luana sorriu com a lembrança.

– Demorei muito tempo para construir a minha carreira no Brasil – continuou Alice. – Isso leva tempo. Não posso jogar tudo para o alto.

– Aff... – Inconformada, Luana se virou e apoiou os cotovelos no balcão. – Não sei como você não sente falta de viver em um país de primeiro mundo.

– Todos os lugares têm seus altos e baixos – retrucou Alice, com um meio sorriso. – Já discutimos isso. Lá no Brasil, por exemplo, jamais veríamos um açucareiro aberto no balcão, como esse – falou, apontando para o objeto. – Lá todos os estabelecimentos obedecem à vigilância sanitária e oferecem açúcar, sal e adoçante embalados em porções individuais.

Luana revirou os olhos de forma sarcástica.

– Que belo motivo para se morar naquele país tupiniquim.

– É sério. – Alice se virou para a amiga. – Você sabe que eu sempre fui meio paranoica com essas coisas de higiene. E se um cara espirrar no açúcar e você pegar uma gripe?

– Pelo amor de Deus... – Luana riu e se engasgou com a cerveja. – Pois eu prefiro pegar uma gripe do que depender do transporte público brasileiro para me locomover, por exemplo.

– Mas aqui, se você tiver um carro, também não consegue vaga para estacionar em lugar nenhum – objetou Alice, resolvendo implicar com a amiga.

Para sua diversão, Luana se irritou.

– Alice, não vou ficar aqui discutindo as vantagens de morar em Londres com uma pessoa que abandonou Nova York para voltar para aquela selva. Poderíamos ficar aqui por horas e não chegaríamos a

um consenso...

Ela se virou de novo para o balcão e entornou o último gole de cerveja.

Contente por estar ali, Alice segurou sua mão.

– Senti falta disso – falou com brandura.

Luana olhou para a mão da amiga na sua e em seguida para o rosto dela.

– Falta de quê?

– De discutir com você, como se fôssemos irmãs.

A emoção nos olhos de Luana foi genuína.

– Eu também. Só que estou tão feliz por você estar aqui que não queria que fosse embora outra vez.

– Mas eu posso voltar outras vezes. – Já se sentindo sentimental demais, Alice pegou seu copo e deu um gole generoso na cerveja. – No momento, quero aproveitar tudo o que esta sua bela cidade tem a me oferecer. E já vi que arrumei uma guia e tanto.

– Eu amo isto aqui. – Luana fez um giro no ar com a mão. – Amo esta cidade. Aqui todo mundo é livre. Se você sair com uma melancia na cabeça, duas laranjas penduradas no pescoço e duas bananas no ouvido ninguém vai olhar para você. Em Londres, você pode ser quem quiser.

– E quem você deseja ser? – perguntou Alice, apoiando o queixo na mão.

– Eu quero ser *tudo*. – Luana sorriu e seus olhos brilharam. – Quem disse que eu preciso ser só uma coisa? Quero ser atriz e quero ser dançarina. Quero ser solteira e depois arrumar um namorado. Quero ser desinibida no verão e discreta no inverno... Tudo depende do meu humor ao acordar.

“E em que momento você deseja ser mãe?”, Alice pensou, começando a estranhar a facilidade com que Luana negligenciava aquela parte da sua vida. Sempre admirara a coragem e o jeito despojado da amiga, mas era a vida de um menininho que estava

em jogo.

Estava planejando tocar no assunto quando elas foram interrompidas pelo garçom do bar, que colocou na frente de Luana e Alice mais duas cervejas que elas não haviam pedido. As duas olharam para ele com estranheza e ele apontou para dois rapazes do outro lado do bar, que sorriam e acenavam na direção delas. Um era moreno, tinha o nariz adunco e um dente canino desalinhado do lado direito, e parecia ser baixinho. Mas estava bem vestido e tinha olhos azuis incríveis, tão claros que pareciam de vidro. O outro era mais alto e esguio. Tinha a pele bem branca, cabelos ralos, lisos e loiros, e olhos castanhos. Pelos trajes, pareciam ter acabado de sair do trabalho.

Alice e Luana se entreolharam e, em nome dos velhos tempos, resolveram tirar um sarro dos dois ingleses. Quando moravam juntas em Nova York e viviam sem dinheiro, cansavam de deixar americanos pretensiosos se aproximarem e pagarem o jantar, só para depois saírem de fininho, com a desculpa de que iriam ao banheiro. Lembrando-se disso, aceitaram as cervejas e as ergueram em um brinde, olhando para os rapazes com um sorriso receptivo. Imediatamente os dois se embrenharam na multidão e começaram a ir até elas.

– Espero que o cardápio daqui seja bom – falou Luana, sorrindo entre os dentes.

Ambiciosa, Alice alargou ainda mais o sorriso.

– Daqui o caramba. O restaurante do Jamie Oliver fica logo do outro lado da rua. E deve ter um champanhe de primeira.

Capítulo 8



O cabelo ruivo de Alice apresentava reflexos dourados enquanto o sol iluminava. Estava dormindo no sofá da sala, com a janela aberta, e talvez por isso tivesse acordado tão cedo. Não pelo incômodo, pois o sofá era bem confortável, mas eram seis horas da manhã e o sol já estava a pino acariciando o seu rosto. Como era verão em Londres, os primeiros raios de claridade surgiam bem cedo.

Ainda cansada da noite anterior, esticou o corpo para se espreguiçar. Por sorte, a noitada em Londres em geral acabava cedo e, depois do jantar, eles tinham ido direto para a casa de Luana.

Sim, *eles*, porque a amiga não voltara sozinha do pub.

O plano inicial de sair de fininho depois do jantar fora por água abaixo depois que Luana tomou a terceira taça de Veuve Clicquot. Bêbada, tinha praticamente se jogado no colo do pobre rapaz loiro, Joseph, que já estava mais do que enfeitiçado pela loira atrevida. Alice imaginou que, se Luana chegasse um pouco mais perto dele, os dois terminariam o serviço ali mesmo, no restaurante, em público.

Já ela não tinha chegado nem perto de se encantar pelo moreno, Anthony. Até que ele era simpático, porém muito convencido.

Trabalhava como programador de sistemas de computação e, pelo visto, não tinha outro assunto. Pensava estar impressionando Alice com os seus conhecimentos e grandes premiações, em vez de fazê-la querer sair correndo para se jogar na frente do primeiro táxi. Ela conseguira livrar-se dele mentindo que tivera herpes havia pouco tempo.

Pouco depois de ter acordado, Alice respirou fundo e sentiu o aroma divino de café, bacon e ovos fritos. Quanto tempo fazia que não respirava aqueles odores? No mesmo instante, foi remetida à época em que morara nos Estados Unidos e sua amiga fazia o café para ela todos os dias. Curiosa, olhou para trás, em direção ao balcão da cozinha, e se surpreendeu ao ver Luana despenteada e com o rímel borrado de uma maneira que só ficava bonito nela.

– Bom dia – cumprimentou a amiga. – Bem-vinda à Inglaterra, *my dear*.

Alice se levantou.

– Se o objetivo desta paparicação é me convencer a ficar aqui, você está no caminho certo.

Luana deu uma risada jovial.

– Você sempre foi preguiçosa para preparar o café da manhã.

– E usei o meu tempo morando sozinha para aprimorar essa característica.

– Como se virou sem mim no Brasil? Aposto que saía de casa sem comer nada.

– Nem sempre. – Alice se acomodou num banquinho. – Na maioria dos dias, eu borboleteava em torno de Casseano até ele me alimentar. Ele cozinha que é uma beleza.

Era difícil afastar de vez as recordações, ela percebeu.

– Continua tomando café puro? – perguntou Luana.

– O que você acha?

Luana estendeu uma caneca bem debaixo do nariz da amiga.

– Então aproveite. Esse café é uma especiaria de uma lojinha

perto daqui.

Alice franziu a testa ao inspirar.

– Tem um leve aroma de amêndoas – notou.

Em seguida deu um gole, fechou os olhos e grunhiu de prazer.

Sentindo-se a própria londrina, Luana riu e colocou os ovos e o bacon no prato junto com feijão, depois os serviu a Alice.

– Você sabe que eu nunca engoli essa história – disse Alice, apontando para o feijão com cara de nojo.

– Com o tempo, você acaba se acostumando – argumentou Luana.

– Nem pensar. – Alice separou os ovos dos grãos e começou a comer. – Sou bem brasileira nesse sentido. Feijão é só para a hora do almoço. E, de preferência, numa bela feijoada. Não vou me corromper como você e me render a todas as manias daqui.

– Não me rendi a todas – defendeu-se Luana. – Por exemplo, detesto café gelado, tipo esses shakes que eles costumam fazer. Jamais consegui entender como as pessoas podem apreciar uma bebida que nasceu para ser servida quente. Sou mineira. Seria contra os meus princípios.

– Ah, então ainda resta alguma brasilidade em você... – acusou Alice, brincando.

Luana sorriu ao ouvir o comentário da amiga. Logo depois, espiou a porta do quarto. – O carinha ainda está aí?

Dando um gole em seu café, Luana fez uma negativa com a cabeça.

– Enxotei-o ainda de madrugada, depois que... bem, você sabe. Disse que tinha mania de dormir sozinha, e como o sofá já estava ocupado, achava melhor ele ir embora.

– Meu Deus! – Achando engraçado, Alice levou as mãos ao rosto. – Você se tornou um homem...

– Quase isso – concordou Luana, rindo.

– E vocês vão se ver de novo? – quis saber Alice.

– É provável que sim. Ele não é nenhum príncipe encantado, mas deve evitar que eu morra de tédio por algum tempo.

– Não consigo fazer isso – comentou Alice, num tom de admiração. – Não consigo ficar com um cara se não estiver muito atraída por ele. Prefiro não ficar com ninguém.

Com o semblante um pouco mais sério, Luana espiou-a pelo canto do olho enquanto colocava a sua xícara na pia.

– Não tem medo de ficar sozinha? – indagou a amiga.

– Não – afirmou Alice com naturalidade. – Eu gosto de ficar sozinha. Aliás, até demais.

– Engraçado... – disse Luana, abrindo a torneira para lavar a louça. – É a única coisa que me assusta de verdade.

Como Alice já tinha acabado de comer, foi até a sua jaqueta, que estava jogada em cima da mesa, para pegar um cigarro no bolso. Estava acendendo-o com o isqueiro quando a campainha do apartamento tocou. Enquanto ela ainda expirava a fumaça, Luana largou a louça molhada e foi para o quarto. No caminho, pediu à amiga que atendesse a porta. Devia ser Eamon, e ela não queria que ele a visse naquele estado.

Ingênua, Alice cambaleou até a porta, ignorando o fato de que não havia nem escovado os dentes ainda. Quando a abriu, quase teve uma arritmia cardíaca ao se lembrar do compromisso que havia assumido no dia anterior. Em um dos braços, Eamon carregava um lindo menininho loiro, que estava dormindo. No outro, uma mochila com estampa da Peppa Pig.

– Bom dia – cumprimentou ele, já entrando. Vestia calça jeans, camisa branca e tênis com estampa xadrez. Alice ficou reparando em seu bíceps definido enquanto apoiava Pietro no antebraço. – Ele dormiu de novo no carro vindo pra cá. Onde posso colocá-lo?

Muda, Alice agora tinha ficado constrangida por causa da situação. Vestia só um blusão cinza, e seus cabelos estavam presos num rabo de cavalo frouxo, com fios soltos ao redor do rosto. Por

sorte, não havia saído de maquiagem na noite anterior, ou estaria parecendo uma bruxa. Mas tinha quase certeza de que seu rosto ainda estava inchado, assim como seus olhos verdes. Procurando ser prática, ela olhou para o sofá desarrumado e falou:

– Não sei, bem...

– Pode deixar ele aqui – gritou Luana de dentro do quarto.

Sem pensar duas vezes, Eamon caminhou para lá. No entanto, ao entrar no quarto e ver a cama enorme ainda desarrumada, fechou a cara. Havia roupas espalhadas por toda parte e um par de sapatos de salto alto vermelho jogado no chão. Em silêncio, ficou imaginando se Luana havia dormido sozinha.

Ciente do que o ex-marido deveria estar pensando, Luana saiu do banheiro já com o rosto lavado e enrolada em uma toalha, então se curvou para esticar o lençol para que Eamon pudesse colocar o menino na cama. O movimento fez com que seus cabelos cor de trigo deslizassem das suas costas até os braços. O gesto sexy e intencional levou Eamon a olhar para o outro lado, irritado. Luana percebeu e riu por dentro. “O poder de uma mulher sobre um homem”, pensou ela, “era uma coisa maravilhosa.”

Depois de ajeitar o filho com cuidado na cama, Eamon pegou algo na mochila e entregou-a com brutalidade para a ex-mulher. Em seguida, voltou para a sala para falar com Alice.

– Você precisa dar este remédio para ele às onze horas – informou, entregando-lhe o medicamento. – É para o resfriado. A dosagem está escrita na caixa. E não o deixe beber nada gelado nem ficar andando descalço. O horário de almoço dele é ao meio-dia. A comida está na mochila em um pote, é só esquentar. Também trouxe alguns biscoitos para ele comer à tarde. Ele ainda não faz xixi sozinho, então você precisa ir com ele ao banheiro. O DVD que ele gosta de assistir está na mochila, e eu também trouxe duas mudas de roupa limpa, caso ele suje as que está usando. Aqui está meu telefone – acrescentou, estendendo-lhe um cartão. Ele parecia

agitado. – Caso tenha alguma dúvida, é só me ligar. Vou visitar uma obra e devo regressar por volta de duas da tarde. Ah, e prefiro que você fale em inglês com ele.

Tonta com tantas informações, Alice segurou o cartão e encarou o pai do menino com um leve sorriso, buscando algum sinal de simpatia e abafando o receio por ter que cuidar sozinha de uma criança. Entretanto, distraiu-se por um segundo com o tom do cabelo dele. A cor era como a do pelo de uma corça selvagem. Bem, ele tinha mesmo uma personalidade meio selvagem...

– Em primeiro lugar, bom dia. Eu dormi bem, obrigada por perguntar. Terei muito prazer em ficar com Pietro até que você possa voltar, não se preocupe. Mais alguma recomendação?

Ela esperava que, com essa abordagem, Eamon percebesse quão grosseiro estava sendo. Mas ele só estudou Alice por algum tempo, batendo com os dedos no balcão da cozinha.

– Ah, sim, claro... – Num movimento rápido, pegou o cigarro da mão dela e apagou-o num prato sujo. – Não fume perto do meu filho. Não quero que ele seja um fumante passivo.

Alice fez uma anotação mental de que métodos sutis não funcionavam com aquele estúpido.

– Eu não pretendia fazer isso, embora estivesse planejando terminar o cigarro que você arrancou da minha mão e apagou. Agora, se me der licença, tenho mais o que fazer do que ficar aturando um grosseirão como você. Preciso me arrumar.

Ao ouvir aquilo, Eamon sorriu pela primeira vez, intrigado pela rapidez com que a simpatia brasileira podia definhar.

“E esse é o caminho certo para lidar com ele”, Alice pensou, ao examiná-lo melhor. Quase podia ver a mente de Eamon passando da rispidez automática para o divertimento. Pelo visto, a hostilidade era a língua que o irlandês entendia. Ele era um *grosso*. Apesar disso, Alice não podia negar que tinha sentido um frisson desde a primeira vez que o vira.

O que só servia para confirmar que seu corpo ainda funcionava em todos os circuitos elementares, não que daria bola para ele.

Resolveu encarar essa atração física como uma coisa boa. Era sinal de que havia vida pós-Casseano.

Nesse momento, Luana – depois de tomar banho e ficar por cinco minutos na frente do espelho se maquiando, escovando o cabelo e passando perfume – voltou para a sala pronta para o ensaio. Estava vestida com uma legging cor-de-rosa, um body preto e sapatilhas. Os cabelos estavam presos em um rabo de cavalo no alto da cabeça, e ela tinha enrolado uma echarpe cinza em volta do pescoço de modo charmoso. Tentava convencer-se de que passara tanto tempo se produzindo para agradar a si mesma, mas no fundo sabia que tinha sido para torturar o ex. O jeito como ele sempre a olhava de cima a baixo, como se não soubesse se queria esbofeteá-la ou agarrá-la contra a parede, inflava o seu ego. Assim que colocou os pés na sala, Luana deu um leve sorrisinho de satisfação ao ver nos olhos de Eamon os mesmos sentimentos conflitantes de costume. Como ele estava sempre lhe lançando palavras incriminatórias, aquela era a maneira que ela tinha de revidar. Esperava que sua aparência e seu cheiro fossem bastante agradáveis para fazê-lo sofrer.

Alice ficou intrigada pela maneira deliberada com que Luana foi até o balcão onde Eamon estava e ensaiou uma pose, apoiando os cotovelos no balcão.

– Caiu da cama, querido?

Ele lhe dirigiu um olhar contrariado e se perguntou como Luana conseguia parecer tão atraente até mesmo com aquele ar debochado.

– Quanto mais cedo se acorda, melhor se aproveita o dia.

Ela suspirou.

– Ah, Eamon... Quando você vai aprender a fazer alguma coisa insensata?

Rindo jovialmente, Luana se afastou e tirou o filtro da cafeteira. Em seguida, lançou-o no lixo com a precisão descuidada do hábito.

Alice percebeu que, por mais que tentasse disfarçar, Eamon examinava os movimentos da ex-mulher com atenção, e seus olhos azuis pareciam tão tristes quanto os de um coelhinho com a pata quebrada.

E Alice tinha uma fraqueza por homens com olhos tristes.

Sem saber o que a amiga estava pensando, Luana a encarou.

– Devo chegar por volta da meia-noite, amiga. Tem certeza de que vai dar conta disso tudo sem mim?

Alice, que tinha sentado no sofá, ligou a televisão e cruzou as pernas.

– Pode ir tranquila, é só uma criança. Já enfrentei desafios bem piores. Além do mais, prefiro ficar com uma criança travessa do que com um adulto mal-humorado – respondeu, deixando a alfinetada pairando no ar.

Por um segundo, Eamon ignorou o comentário e ficou olhando para as suas coxas.

– Bem, então vou indo – disse ele.

Em seguida, como não sabia como se despedir de Alice, enfiou as mãos nos bolsos da calça jeans.

Podia tê-la cumprimentado com mais educação quando chegou, pensou ele agora, tarde demais. Isso, sim, teria sido adequado. Mas a verdade é que não gostava de contato físico com pessoas estranhas e não sabia bem como Alice receberia o cumprimento. Por isso, se manteve na sua, e agora estava se sentindo bastante idiota.

– Pode me dar uma carona até o centro? – perguntou Luana quando percebeu que o ex-marido já estava olhando para Alice por mais tempo do que deveria.

– Por que não vai de metrô? – retrucou ele, com rispidez.

– Deixe de ser cabeça-dura. O caminho é curto demais, não vai dar tempo de nos matarmos. – Antes que ele pudesse pensar em

alguma objeção, Luana pegou sua mochila e o conduziu pelo braço para a saída. – Obrigada por tudo, Alice, fico te devendo essa.

Então, num piscar de olhos, arrastou o ex porta afora.

Depois que eles saíram, Alice olhou para a TV, sentindo-se estranha e um pouco desapontada por Eamon não ter ficado por mais tempo ou lhe pedido desculpas. Mas logo deixou esse pensamento de lado, pois ficou preocupada demais sobre como seria quando Pietro acordasse. Esperava, de todo coração, que ele fosse um menino bonzinho e que dormisse pelas próximas duas horas.

Mas vinte minutos depois...

Capítulo 9



— *Quero o papaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaai!!!*

Pietro berrava desesperadamente e não dava o menor indício de que pretendia acalmar-se. Alice não sabia o que fazer. Era como se uma espada estivesse sendo enfiada em seus ouvidos.

— Calminha, bebê. Seu pai foi comprar um brinquedinho e já volta. — Ela já tinha ouvido dizer em algum lugar que não era certo mentir para as crianças, mas estava apavorada demais para ser ética. — Que tal dar um passeio no parque com a titia? Hein? Vamos ver os passarinhos?

Pela primeira vez naqueles torturantes minutos, Pietro fechou a boca e começou a fungar baixinho, parecendo confuso.

Alice se encheu de esperanças, pensando ter descoberto o ponto fraco do garotinho, que estava agarrado a um Pateta de pelúcia como se ele fosse a sua tábua de salvação. Do seu ponto de vista, já havia tentado de tudo: oferecera-lhe a chupeta, mostrara-lhe uma foto da mãe, cantarolara uma canção de natal...

Porém, seu alívio foi momentâneo, pois logo Pietro olhou para ela com a respiração entrecortada, que foi aumentando até ele explodir num berro estrangulado outra vez:

– Uuuuuuuuuuuuuhhhhh... Quero o papai... Quero o papai!!!

– Puta merda! – exclamou Alice, em português. Em seguida, atormentada, colocou-o sentado no sofá, depois se levantou e foi até o telefone. – Vou ligar para o seu pai. Não existe a menor condição de se tomar conta de uma criança que berra o tempo todo dessa maneira. Você vai acabar estilhaçando os vidros da casa.

Nesse momento, por um milagre, Pietro parou de chorar e ficou olhando para Alice, paradinho, sem nem piscar.

– Puta merda – repetiu ele, apreciando o som das palavras.

Ao escutar isso, Alice se virou para ele, assustada.

– Não, não... – Ela voltou a falar em inglês, desligando o telefone. – Falar isso é errado. Ai, ai, ai...

– Puta merda! – gritou Pietro alegre, achando o som engraçado.

– Puta merda, puta merda, puta merda... – repetiu sem parar, balançando o Pateta no ar.

– Não pode falar isso. É feio. É feio... – Alice deu um tapa na própria boca para mostrar que era errado e, sem querer, bateu um pouco forte demais. – Ai...

O menino riu mais ainda.

E ela também.

– Você gostou disso, é?

Achando graça, Alice bateu na própria testa de novo para divertilo e jogou-se no chão, fingindo desmaiar. Animado, Pietro pulou em cima dela, largando o Pateta ao lado de sua cabeça.

–De novo, de novo!

– Nada disso, espertinho. Não vou ficar toda roxa por sua causa.

– Ela se espantou quando Pietro deu um tapinha na sua testa, esperando que a moça estranha desmaiasse de novo. – Ei! Já ouviu falar na lei Maria da Penha? – disse Alice, rindo. Em seguida, para deleite do menininho, fingiu desmaiar outra vez. Pietro soltou uma gargalhada gostosa e ela surpreendeu-se quando ele se abaixou para lhe dar um beijinho no rosto. Abriu os olhos. – Até que você é

bonitinho... – Numa demonstração involuntária de ternura, bagunçou o cabelo dele e em seguida enxugou seus olhinhos, que estavam vermelhos de tanto chorar. Eram azul-escuros como os do pai, mas o sorriso era de Luana. Limpou o nariz dele, que escorria por cima do pobre Pateta. – Quer que eu faça um lanchinho para você?

– Mamá, mamá...

– Tudo bem. – Ela se levantou e pôs o garotinho no sofá. – Fica aqui quietinho que vou fazer sua mamadeira.

– Tyrone, Tyrone... – disse ele, apontando para a televisão.

– Você não sabe falar nada sem repetir no mínimo duas vezes? Divertida, Alice ligou a tevê e se virou para ir à cozinha.

– Tyrone, Tyrone! – exclamou Pietro de novo, ainda mais alto.

– Mas o que que é Tyrone? – quis saber ela.

– Tyrone – repetiu ele, ameaçando tornar a chorar.

– Tudo bem, tudo bem... – falou Alice, começando a se desesperar. – Só um minutinho...

Rapidamente, ela pegou o celular e acessou a internet para descobrir o que diabo era Tyrone em um site de busca. Estreitou os olhos quando apareceu um pequeno alce laranja, vestindo uma blusinha listrada.

– É isso? – perguntou, mostrando a imagem a Pietro.

– Tyrone! Tyrone! – gritou ele de novo, entusiasmado.

Alice respirou fundo e deixou o celular caríssimo nas mãos do menino. Sabia que em poucos minutos Pietro o arremessaria no chão, como as crianças costumam fazer com tudo o que não lhes desperta mais o interesse. De repente, ela se lembrou de que Eamon dissera que o DVD preferido do filho estava na mochila. Correu para abri-la e alargou o sorriso quando viu uma capinha com o desenho daquele alce esquisito.

Ela colocou o DVD para rodar e pegou o celular ainda intacto de volta. Ficou olhando por quase um minuto, perplexa, para um

pequeno aparelho que parecia um walkie-talkie e que ela havia retirado da bolsa do menino ao procurar o DVD. Era uma babá eletrônica, mas ela não sabia. Estava quase decidindo testar aquele treco esquisito quando avistou a lata de leite e lembrou que Pietro ainda não havia comido. Então, preparou o leite seguindo as orientações contidas na lata, colocou o líquido em uma mamadeira e a entregou a ele.

No início, Pietro fez cara feia – talvez o leite estivesse frio demais, pensou ela –, mas logo começou a sugar com vontade e ficou mamando deitado no sofá enquanto assistia ao desenho. Alice, por sua vez, examinando-o como a um espécime raro, sentou ao seu lado. Ele jogou as pernas por cima dela e ficou mexendo os pezinhos.

Alice começou a devanear sobre como sua vida seria se ela fosse mãe. Será que teria uma postura tão negligente quanto a de Luana? Esperava que não. Tivera uma mãe maravilhosa e companheira como exemplo. E aquele menininho parecia tão... indefeso. Como alguém podia ignorar uma criança tão linda? Bastante barulhenta, sim, mas linda.

Mas aquilo estava fora dos seus planos, disse a si mesma. Não havia espaço em sua vida para um filho. Trabalhava feito uma louca e mal tinha tempo para cuidar de si, quanto mais de uma criança. Para fazer como Luana fazia, deixando-o aos cuidados dos outros, preferia não ter.

Como para reforçar esse pensamento, durante todo o dia Pietro demonstrou uma energia inesgotável. Corria pela casa, remexia nas coisas da mãe e ficava pedindo biscoitos a todo instante. Esgotada, só às duas da tarde Alice percebeu que ainda não haviam almoçado. Ela, na verdade, não estava com fome, mas temeu pela saúde do menino e correu para pegar o tal potinho com comida de que o pai dele havia falado.

Era uma sopinha, que ela esquentou no micro-ondas. Depois,

colocou Pietro em uma cadeira da sala para lhe dar a comida na boca, mas o menino não parava quieto: fugia do assento a todo instante e achava graça quando Alice saía correndo atrás dele, equilibrando a colher cheia. Em uma das vezes, quando ela quase o pegou, Pietro conseguiu escapar e, sem querer, fez da colher uma catapulta, arremessando a comida toda no rosto de Alice.

Nesse momento, ela disse a si mesma para ter paciência, fazer cara de brava e esperar onde estava, enquanto Pietro cambaleava pelo aposento em círculos, como um trem descarrilhado. Sentia-se um personagem de desenho. Foi quando Eamon entrou pela porta e abafou uma risada ao olhar para o rosto de Alice.

– Não sei como funciona no Brasil – comentou –, mas aqui a gente costuma colocar a comida na boca.

– Engraçadinho... – Alice foi até ele e lhe entregou o prato com a sopinha com brutalidade. – Se soubesse que ia tomar conta do demônio da Tasmânia, não teria me oferecido. Olha só essa casa...

Ela fez um gesto com os braços abertos, mostrando o caos em que se encontrava o apartamento.

Eamon forçou-se a parar de rir, depois gritou com a voz firme:

– Pietro, sente agora mesmo nessa cadeira.

Assustado, o menino parou de correr e, em seguida, com uma expressão de felicidade desvairada, correu para o pai.

– Papaaaaaaaai!

Sem poder resistir, Eamon abaixou-se e beijou a bochecha do filho.

– Quem fez isso com a titia? – perguntou, apontando para o rosto sujo de Alice.

Pietro olhou para ela e falou:

– Puta merda.

Na mesma hora, Alice arregalou os olhos. “Que belo exemplo de babá eu sou, ensinando palavrões para a criança.” Sem entender nada, Eamon a encarou e perguntou:

– O que foi que ele disse?

“Graças a Deus!”, ela pensou.

– Ele... hã... hum... ele disse “que bom que você está aqui”, em português.

“Não é possível que ele não tenha entendido nadinha”, Alice pensou, felicíssima.

– Ah... – Eamon olhou para Pietro e sorriu. – Puta merda também.

Como teve vontade de soltar uma gargalhada, Alice se virou e foi para a cozinha lavar o rosto.

– Eu te disse que não queria que falasse em português com ele – resmungou Eamon, empertigando-se.

– Era só o que me faltava... – disse Alice. Ela se virou, furiosa e com o rosto molhado. – Estou de férias, passo a manhã inteira tomando conta do seu filho e você ainda vem reclamar? Não vai nem se dar o trabalho de dizer obrigado?

– Desculpe. – Eamon contraiu os lábios para prender o riso, envergonhado. – Você tem toda a razão. Muito obrigado.

– Não há de quê.

Irritada, ela enxugou o rosto com o papel-toalha, voltou para sala e sentou-se no sofá. Para surpresa de ambos, Pietro saiu correndo e pulou em seu colo.

– Tyrone! – exclamou ele, batendo palminhas quando o bichinho apareceu na tevê.

Para agravar o embaraço dos dois, um silêncio se prolongou. Desconfortável, Eamon começou a recolher as coisas do filho e guardá-las na mochilinha dele. Em seguida, colocou o resto da sopinha de Pietro no micro-ondas para esquentar e tentar fazê-lo comer mais um pouco.

Naquela situação constrangedora, o barulho do aparelho parecia tão alto quanto as cataratas do Iguazu. Eamon sentia-se enorme e desajeitado naquele cômodo, fora do seu ambiente. Quando o

micro-ondas apitou, Alice mudou de posição no sofá, ainda com o menino sobre as suas pernas, enquanto Eamon, meio sem jeito, pegou o prato e sentou-se ao lado deles para dar comida para o filho.

– Você chegou cedo – comentou Alice, olhando para a tevê, só para ter alguma coisa para falar.

– O cliente já sabia o que queria, e isso sempre agiliza as coisas. E não gosto de deixar Pietro com outras pessoas por muito tempo.

Outro silêncio constrangedor tornou a pairar entre eles, e os dois ficaram inquietos. Então Eamon acrescentou, enquanto colocava uma colherada na boca do filho:

– Aproveite para passear hoje à tarde. Os dias por aqui são bem longos no verão.

– É, eu sei. – Secretamente, Alice admirou a dedicação de Eamon ao menino. Pelo visto, ele adorava crianças, assim como Casseano. Pensar nele a deixou irritada. – Pensei em ir ao Hyde Park. Dizem que é lindo.

– É, sim. E tem muita coisa para se fazer por lá... – Eamon fitou Alice por um momento, pensativo, e em seguida perguntou: – Se importa em ter companhia?

– Vai levar o Taz? – retrucou, rindo, mas algo dentro dela se aqueceu diante daqueles olhos azuis sedutores.

– Não saio sem a minha mochilinha. – Eamon também sorriu e, pela primeira vez, ela pôde reparar que ele tinha uma charmosa brechinha entre os dentes superiores da frente. – Mas prometo que ele não fará no parque o estrago que causou aqui dentro. Pietro precisa de espaço para correr.

Alice não tinha certeza se deveria aceitar. Não sabia o que Luana pensaria. Ela e Eamon viviam brigando, mas Alice desconfiava que ainda havia uma pequena chama entre os dois. Não queria mexer em casa de marimbondos. Mas como poderia negar o convite de uma forma educada?

– Pensando bem, acho que vou visitar a National Gallery, que estou louca para conhecer.

Era verdade, ela queria mesmo conhecer aquele museu.

– Mas fecha daqui a pouco – avisou Eamon.

– Bem, então... – Sem saída, Alice resolveu aceitar. Afinal, não havia nenhum mal em se aproximar do filhinho da amiga, que considerava uma irmã. Por isso, se levantou. – Vou me arrumar. Volto em cinco minutos.

– Vá de tênis – aconselhou Eamon, examinando mais uma vez as pernas dela e fazendo-a enrubescer. – O parque é bem grande.

– Obrigada por zelar pelos meus pés – retrucou ela, sorrindo.

Eamon se recostou no sofá e, olhando-a de cima a baixo, falou:

– De nada. Talvez eu precise de você inteira mais uma vez.

Capítulo 10



— *Você não vai acreditar* no que aconteceu! — exclamou Luana ao entrar animada pela porta do apartamento, seis horas depois.

Sentada no sofá, Alice se virou para ela. Não parava de pensar na tarde agradável que passara no parque. Para a sua surpresa, adorara passear com Pietro e o pai. E quanto mais Eamon falava, mais ela gostava de ouvir a voz dele. Aquele sotaque irlandês era música para seus ouvidos. Fora isso, aos poucos ele foi se revelando um sujeito inteligente, agradável e bem-humorado. Toda névoa escura que pairava em torno dele quando estava perto de Luana evaporara ao sair do apartamento.

Contudo, Alice não falou muito. Quando Eamon perguntou o que ela estava fazendo no Reino Unido, dissera apenas que fora relaxar, que estava de férias e por isso resolvera rever a amiga. Não queria contar que tivera um colapso no trabalho e que tomara um pé na bunda do namorado. Ela e Eamon ainda não tinham intimidade suficiente para isso. De qualquer forma, Alice adorou saber mais sobre a vida dele, que se mudara havia pouco tempo e ainda estava acostumando-se à nova cidade. Morava e trabalhava em Notting Hill,

que ficava ao norte do parque que visitaram.

Eamon disse que podia trabalhar em qualquer lugar onde tivesse uma prancheta e um computador, mas que se mudara para Londres porque vira grandes oportunidades de negócios na grande metrópole. Deixara a Irlanda com tudo o que tinha de mais importante guardado em seu carro: suas roupas, seu material de trabalho e as coisas de Pietro.

Quando chegara a Londres, comprara alguns móveis e construíra vários outros. Tinha uma paixão pela marcenaria, então esse era o seu hobby no pouco tempo de folga. Orgulhoso, contou que mandou pintar uma árvore no canto da parede do quarto de Pietro e havia feito para o filho, com as próprias mãos, uma casinha a 1,5 metro do chão. Ainda colocara um pequeno escorregador na portinha, para que Pietro pudesse descer dela. O menino simplesmente amara.

Fora isso, Eamon adorava a natureza e tinha o hábito de acampar em uma cidade no interior da Irlanda.

– Temos todo tipo de parques de campismo que você pode imaginar – contara-lhe ele com um brilho nos olhos. – Essa é uma das atividades favoritas dos irlandeses, pois é perfeita para unir a família e interagir com as crianças. E também é uma forma de estar perto de uma paisagem verdejante e espetacular, que não vemos no dia a dia.

Alice rira da paixão com que ele narrou aquilo. Ela não conseguia entender como alguém podia dormir em uma barraca e ainda considerar aquilo uma forma de lazer. Desde que se tornara uma profissional bem-sucedida, estava acostumada a se hospedar nos melhores hotéis quando viajava. Explorar as curiosidades da vida na mata com certeza não era o seu forte.

A conversa entre eles fluíu animada, no entanto, ambos ficaram meio sem graça quando Eamon deixou Alice na portaria do prédio de Luana. Pietro já dormia na cadeirinha no banco de trás, então Eamon saiu do carro e abriu a porta do veículo para Alice saltar. Ela

saiu do carro, subiu as escadas e parou em frente ao portão, esperando que Eamon a acompanhasse para poder se despedir de modo adequado. No entanto, assim que se aproximou, ele enfiou as mãos no bolso da frente da calça jeans e fez uma expressão de contrariedade ao perceber que a luz da janela da ex-mulher estava apagada. Isso significava que Luana ainda não havia chegado em casa. De repente, uma chuva fina começou a cair.

Sem saber como agir, Alice olhou para as flores do outro lado da rua, que se curvavam sob a chuva como borboletas em reverência, pensando se deveria ou não contar à amiga o que fizera naquela tarde. Porém, em seguida – rápido demais –, Eamon lhe deu um beijo no rosto, se despediu, entrou no carro e foi embora com Pietro.

– Amiga!!! – berrou Luana, trazendo Alice de volta à realidade.

– O que foi?

– Estou aqui tagarelando sem parar e você nem aí pra mim...

– Desculpe, eu estava meio distraída.

– Aposto que estava pensando em Casseano.

“Antes fosse...”, Alice pensou.

– Que Casseano que nada! – exclamou ela. Por dentro, porém, ficou feliz ao perceber que o havia esquecido por algumas horas. – Mas diga logo: o que foi que aconteceu?

– Eu vou para a Rússia!

– Rússia?

– Isso mesmo. – Luana se sentou para tirar os sapatos. – O musical em que eu trabalho vai fazer uma breve temporada por lá, coisa de uma semana, e eu vou junto. Não é o máximo? Já estou virando uma atriz internacional...

Alice achou aquilo engraçado.

– Uma dançarina internacional, você quer dizer.

– Eu também atuo, sabia? – retrucou Luana, colocando as duas mãos na cintura. – Tenho que fazer várias expressões diferentes

durante a minha performance.

– Tá certo. – Divertida, Alice se levantou. – E o que vai fazer com o seu bico de garçonne?

Luana deu de ombros.

– Pedi demissão. Na volta eu arrumo outra coisa.

– Você é maluca – falou Alice, balançando a cabeça.

– Posso até ser, mas pelo menos eu corro atrás da minha felicidade – disse Luana, com uma expressão de alívio enquanto massageava os próprios pés.

Por um minuto, Alice pensou sobre o que ouviu. Será que ela também corria atrás da própria felicidade?

– Bem, então, parabéns! – exclamou, esticando os braços para a amiga.

Feliz por ter com quem dividir sua alegria, Luana ficou de pé e a abraçou, contentíssima.

– E quando você vai? – perguntou Alice.

– Depois de amanhã.

Alice piscou.

– Mas já?

Luana tirou os brincos.

– A equipe precisa preparar os detalhes de palco, e eu vou aproveitar para conhecer Moscou. Mas olha... – acrescentou, esticando as mãos para a frente. – Quero que você fique aqui em casa o tempo que precisar. *Mi casa, su casa...*

– Não sei... – respondeu Alice, indecisa. Não seria um pouco de abuso? – Acho melhor eu procurar um hotel.

– Nada disso. Você vai ficar aqui e cuidar das coisas para mim.

– Que coisas? – perguntou Alice, rindo do argumento da amiga.

– Você nem ao menos tem um gato para eu alimentar. Ou uma planta para eu molhar...

– Então você... cuida dos meus sapatos! – exclamou Luana, rindo também. – Dê bastante carinho para cada par. Eles vão sentir a

minha falta.

Depois dessa, Alice se deu por vencida e resolveu ficar por mais alguns dias. Só lamentava que Luana fosse viajar justo no pouco tempo em que ela estava por ali. No entanto, ela, melhor do que ninguém, sabia que o trabalho vinha sempre em primeiro lugar.

As duas jantaram juntas naquela noite e dormiram cedo para recarregar as energias, pois no dia seguinte Luana iria carregar Alice para um *love brunch* que estava acontecendo na cidade. Era um evento ao ar livre, com música, pista de dança, bebidas e petiscos. Segundo Luana, como os *love brunchs* costumavam ficar cheios de jovens solteiros, era o programa de que as duas estavam precisando.

Quando chegaram para o brunch, a fila na porta do casarão estava quilométrica. Mas logo Luana – que conhecia os seguranças – foi chamada para passar na frente dos outros convidados e levou Alice junto, sob os suspiros irritados e xingamentos das outras pessoas. O segurança nem sequer conferiu o nome delas na lista.

O evento acontecia a céu aberto, num enorme jardim. Por sorte, desde que Alice chegara a Londres havia chovido pouco. E naquele dia o céu estava lindo, como uma manta azul estendida por cima dos convidados. Não havia uma nuvem sequer e, apesar de a temperatura estar na casa dos 19 graus, a maioria das mulheres, assim como Luana, vestia camisetas de alcinha com short ou calça. Já Alice estava usando um gorro branco e uma camisa vermelha de manga longa, e ainda achava que um casaco lhe cairia bem. E estava de calça, é claro. Já Luana se enfiara num short tão apertado que Alice se perguntava se ela estava conseguindo respirar dentro dele.

O barulho ensurdecador de uma música pulsante – na qual prevalecia o som do saxofone – fazia o coração das pessoas bater

com mais força. Num primeiro momento, Alice ficou observando o movimento de longe. Havia várias cabeças coloridas balançando na pista de dança, sob exuberantes balões de gás hélio em formato de coração que estavam presos nos braços de algumas mulheres . Muitos convidados usavam óculos gigantes de brincadeira, além dos mais inusitados chapéus. Casais gays se abraçavam com a maior naturalidade, brindando com os amigos. Aquela cena era o retrato da alegria, e Alice começou a compreender por que Luana se distraía de suas responsabilidades com tanta facilidade. Afinal, festas como aquela deviam fazer parte da sua rotina.

Ao pensar nisso, Alice riu de si mesma. Quando poderia se imaginar, num dia de semana, às onze horas da manhã, passeando de forma descompromissada num evento como aquele? Era surreal!

Não. Aquela vida não era para ela, que adorava gastar cada segundo livre empenhada no trabalho. Não importava se a rotulavam como workaholic ou estressada. Em sua opinião, o estresse servia para manter a pessoa motivada. E ela queria ser a melhor e mais renomada leiloeira do Rio de Janeiro. Quicá do Brasil! E isso não se conseguia indo a festas antes do meio-dia.

Mais adiante, Alice observou um grande bar coberto por uma lona branca e com bancadas iluminadas por dentro com uma luz neon verde, onde se servia bebidas à vontade para os convidados, que na maioria optavam por drinques coloridos ou minigarrafas de champanhe Taittinger. Em uma barraca ao lado, havia uma mesa com diversas grelhas enfileiradas, onde estavam sendo dispostos pães de receita tradicional inglesa, hambúrgueres, bacon, aspargos e batatas recheadas com diversos tipos de queijo. Ao lado de uma piscina pequena, uma DJ baixinha dançava e sorria para todo mundo com uma cartola roxa gigante na cabeça. Para registrar o evento, dois fotógrafos passeavam pelo meio da festa, tirando fotos e filmando os convidados.

“Também, não é para menos”, Alice pensou, com uma pontada

de despeito. A maioria das pessoas naquele evento era bonita ou extremamente bonita. Agora mesmo ela olhava, tentando disfarçar o desdém, para duas loiras gêmeas fantasiadas de policiais, usando óculos estilo aviador, que passavam ao seu lado e pareciam ser top models. Sentiu-se um tanto deprimida. No Rio de Janeiro, ela e suas mechas vermelhas faziam sucesso por onde quer que passassem, mas ali, em meio àquelas mulheres exuberantes, sentiu que teria que se esforçar um pouco mais se quisesse ser notada.

Já Luana parecia estar em seu habitat natural. Conversava com todo mundo, dava gargalhadas e imitava com perfeição o sotaque britânico. “É mesmo uma artista”, pensou Alice sorrindo por dentro, “pronta para interpretar qualquer papel.” Em pouco tempo, Luana já estava com uma coroa de florezinhas cor-de-rosa na cabeça e unindo as mãos em formato de coração para uma das câmeras. Ao ver a cena, Alice riu e olhou para o outro lado, suspirando. Não sabia explicar o porquê, mas não estava muito animada com aquele evento. Talvez, se bebesse alguma coisa, conseguisse relaxar. Assim, chamou a amiga para o bar, onde pediram duas garrafinhas de champanhe rosé.

– Este brunch está com tudo! – exclamou Luana, tentando elevar sua voz por sobre a música. – Com sorte, estaremos de porre e empanturradas antes de meio-dia. Olha lá, acho que aquele é um diretor de cinema!

Como uma abelha sendo atraída pelo mel, Luana se dirigiu para o meio da pista. Alice percebeu que não conseguiria acompanhar a animação da amiga, pois estava enferrujada para aquele tipo de evento social. Havia namorado por tanto tempo que já tinha até esquecido como era sair só para dançar. Esperando que o álcool fizesse efeito, ignorou a promessa que fizera a si mesma e pegou o celular para dar uma olhada em sua conta de e-mail e nas redes sociais. Ao abrir seu e-mail, quase caiu para trás quando viu que tinha 350 mensagens não lidas. “A maioria deve ser spam”, pensou,

irritada.

Depois, conferiu o LinkedIn e em seguida o Facebook. Neste último, foi rolando o feed de notícias e foi invadida por uma saudade imensa quando viu uma foto de Camilla segurando o netinho. Adorava aquela rabugenta, embora ela dedicasse boa parte da vida a controlar os maus hábitos de Alice. Ela prometeu a si mesma que levaria presentes lindos para a família da sócia.

Mas todo esse bem-estar durou pouco. Ao descer um pouco mais a tela, sentiu o coração quase parar ao ver uma foto de Casseano. Ele estava lindo, com uma blusa branca e uma jaqueta preta que aumentava ainda mais os seus ombros já largos. Ombros que sempre tinham sido um bom lugar para apoiar a cabeça... Se você fosse o tipo de mulher.

Na foto, Casseano estava em um restaurante à meia-luz, sentado ao lado de uma mulher morena de cabelos lisos à altura dos ombros. Ela parecia um pouquinho mais velha do que ele, mas era bonita, para dizer no mínimo. "Ou então", pensou Alice com amargura, "sabia se maquiarse muito bem." E, pelo visto, chamava-se Vera. Ela mesma tinha postado a imagem em seu perfil pessoal e marcara Casseano na foto. Uma linda cena, Alice teve que admitir. Duas pessoas jovens e saudáveis curtindo o frenesi dos primeiros encontros. Um homem e uma mulher, borbulhando de expectativa sexual, numa noite de inverno. A legenda da foto dizia: "Fonduezinho pra relaxar".

"Que palhaçada!"

Contra a sua vontade, os olhos de Alice ficaram úmidos e seu peito ficou em chamas. Dessa vez, ela reconheceu o sentimento no mesmo instante: o ciúme nunca a corroera com tanta força. Aquele homem era dela. *Só dela*. Fora assim durante tanto tempo... Como ele podia agora estar posando de namoradinho de outra mulher?

Nauseada e trêmula, Alice tirou o olhar do aparelho. "Ignore isso", disse a si mesma. "Desligue o celular. Não se torture. Jogue-o

na piscina. Mas não olhe para essa foto de novo.”

Era inútil desejar não ter visto aquilo. Era melhor, muito melhor, saber a verdade. Tudo o que tinha que fazer era conviver com isso a partir de agora.

Furiosa por cima, infeliz por baixo, Alice procurou um lugar mais arejado para se sentar e escolheu um banco de pedra entre dois pinheiros. Precisava de ar puro para administrar aquilo. Coisas demais haviam ocorrido simultaneamente: as férias, o problema no trabalho, o rompimento com Casseano... O que estava acontecendo com sua vida? Como saíra dos trilhos daquela maneira? Alice não sabia. A única certeza que tinha era que daria tudo para que as coisas voltassem a ser como eram.

Com as mãos tremendo, sacou um cigarro do bolso da calça e soltou um grunhido quando percebeu que esquecera o isqueiro. Mas logo um sujeito que estava por perto acendeu-o para ela. Agradecida, Alice deu uma tragada e depois expirou a fumaça, com alívio.

– Nunca deixe seu fogo em casa quando vier para uma festa – disse ele, exibindo um sorriso alvíssimo.

Era alto e parecia uma escultura de Michelangelo. Usava um blazer azul por cima de uma blusa branca, óculos escuros de aros vermelhos e o cabelo penteado para trás. Um perfeito cavalheiro britânico. Só faltava estar segurando a bandeira inglesa.

– Obrigada. Não vou me esquecer – retrucou ela.

O rapaz franziu a testa.

– Espanhola? – perguntou, tendo notado seu sotaque diferente.

– Brasileira – respondeu Alice, sorrindo.

– Ah, meu Deus! Eu sou louco para conhecer o Brasil!

Animado, ele se sentou ao seu lado, com uma euforia um tanto exagerada.

“Que ótimo!”, Alice pensou. “O único homem que se aproxima de mim na festa é gay.”

– Se gosta de belezas naturais, é um lugar maravilhoso para se explorar – comentou.

– Se gosto? Eu adoro! Vi fotos lindas daquela ilha famosa no Nordeste do país... como é mesmo o nome?

– Hum... Fernando de Noronha?

– Isso. Parece o paraíso... – Ele parou de falar, examinando-a com mais atenção. – Mas você não me parece do tipo festeira. Por que está tão tristonha? Estamos num evento tão bacana...

– Acabei de ver uma foto do meu namora... Ex-namorado – corrigiu-se –, com outra mulher.

– Que safado! – exclamou ele, compadecido. Depois olhou a foto no celular dela e , com intimidade, deu um trago no cigarro de Alice.

– Nossa! Mas eu te entendo. Também acho que todos os ex deveriam ficar sozinhos para sempre, para o caso de a gente ter uma recaída.

Sentindo-se compreendida, Alice riu.

– Você ainda não me disse o seu nome.

– Ah, que falta de educação a minha. Eu me chamo Ryan.

– Alice – disse ela, estendendo a mão para ele.

Ryan ficou pensativo por um momento, depois falou:

– Alice, o que acha de fazer um pouco de ciúme nele também?

Pega de surpresa, ela ficou confusa por um momento.

– Como assim?

– Simples. Tire uma foto comigo, me dando um selinho, e depois poste no seu perfil.

Alice estreitou os olhos, em seguida seu sorriso se iluminou como a London Eye. Embora não gostasse muito de aparecer em fotos, o cara ao seu lado era mesmo um gato e, com certeza, Casseano ficaria enciumado. Pouco importava se parecia uma atitude infantil. Queria que o ex também sentisse o ódio que ela estava sentindo.

– Adorei a ideia! Vamos lá. – Alice acessou a câmera do celular e em seguida apontou o aparelho para os dois. – Atenção! 3, 2, 1!

Eles deram um beijinho rápido e bateram a foto. Divertindo-se com a situação, Ryan olhou para o visor do celular e comentou que o ângulo poderia ter ficado melhor. Fizeram outras tentativas, e na última, o inglês foi mais efusivo, enfiando a língua na boca de Alice e segurando o rosto dela com uma das mãos. Um beijo de verdade. Ela se assustou no início, mas depois achou mesmo que aquela foto tinha ficado bem melhor. Postou logo em seguida com a legenda: “Londres é tudo de bom!”

Em seguida, ficou encarando o visor, cheia de expectativa, aguardando as curtidas. Esperava que Casseano visse logo a foto e fizesse algum tipo de comentário maldoso. Na verdade, duvidava que isso fosse acontecer, mas, ora bolas, não custava ter esperanças.

Passados alguns minutos, Ryan começou a ficar entediado e decidiu voltar para o meio da festa, mas não sem antes perguntar se ela queria outra foto com a mão dele na sua bunda, ou algo mais ousado. Alice riu e recusou, dizendo que aquele beijo já fora o bastante, e agradeceu o favor. Segundos depois, Luana veio até ela e se sentou ao seu lado.

– Pelo visto você já se deu bem – sussurrou com uma vozinha cúmplice.

Alice ainda olhava para a foto.

– O quê?

– Com o Ryan.

– Ah, aquilo?

Alice começou a rir e lhe contou o porquê do beijo.

– Mas bem que ele parecia estar gostando... – comentou Luana.

– Imagina – falou Alice, descartando a hipótese. – O cara é gay.

Ao ouvir aquilo, Luana riu da ingenuidade da amiga e olhou para longe.

– É, eu também achava isso antes de ir parar na cama com ele.

Chocada, Alice arregalou os olhos para ela. Minutos depois, Ryan

já estava beijando outra garota.

Capítulo 11



Casseano segurava as duas colunas da cama enquanto se movia, numa dança lenta, sobre o corpo de Vera. A luz da lua atravessava a janela e os iluminava na escuridão, como se o satélite estivesse sorrindo. Em movimentos longos e sensuais, Casseano a preenchia por completo. O corpo bem esculpido e moreno estava banhado de suor, os cabelos lisos em desalinho, os músculos dos braços rígidos... A mulher desfrutava daquela bela visão, maravilhada, arqueando o corpo de encontro ao dele, buscando mais. Quem poderia imaginar que debaixo daquela imagem de bom garoto havia uma máquina de fazer sexo?

Vera parecia estar indo à loucura, como se tivesse esperado aquilo por muito tempo. E mesmo quando a visão dela começou a se tornar turva pelo prazer, ela pôde perceber nos olhos de Casseano, à medida que seus movimentos se aceleravam, o castanho virando preto. Desamparada e sem forças, não pôde fazer mais nada além de fechar os olhos quando ele se abaixou e beijou sua boca com paixão, explodindo para dentro dela...

– Eu te amo – disse ela, quando terminaram.
Exausto, Casseano sorriu contra a sua testa.

– Eu também te amo...

– NÃO!

O grito de Alice saiu estrangulado, a respiração num arranco. Tinha caído no sono sem perceber, e agora, ainda no escuro, abriu os olhos, desorientada. O rosto estava banhado em lágrimas. Não enxergava um palmo sequer à frente do nariz. Não sabia onde estava. Só sentia o frio desolador que se apossava do seu corpo e da sua alma depois daquele pesadelo terrível. O coração partido retumbava com força, e sua garganta tinha um nó. “Foi só um sonho”, disse a si mesma, desejando que aquilo não tivesse se tornado real. “Foi só um sonho...”

– Amiga... – Luana acendeu a luz, bastante descabelada. – O que houve com você?

Alice piscou duas vezes e se situou no tempo e no espaço.

– Tive um pesadelo... – falou, um pouco aliviada por não ter vivenciado aquilo de fato.

Preocupada, Luana examinou o seu rosto, fechando o roupão.

– Deve ter sido um pesadelo terrível. – Ela se abaixou ao lado do sofá em que Alice dormia. Em seguida, segurou as mãos dela. – Ah, meu Deus! Você está tremendo. Espere um instante...

Luana foi até a cozinha e pegou um copo de água com açúcar. Depois, levou-o para a amiga e colocou-o ela mesma em sua boca.

– Beba. Você está pálida como um fantasma.

Ainda abalada, Alice obedeceu e começou a esfregar o peito, sem perceber que apoiava a mão na altura do coração. As lembranças do corpo de Casseano a dilaceravam. Cada toque. Cada recordação... Para acalmá-la, Luana beijou-a na testa, como fazia com o filho. O gesto carinhoso deixou Alice com os olhos ardendo.

– Com o que você sonhou? – quis saber Luana, preocupada.

– Nada demais... – Sentindo-se tola, Alice tentou descartar o assunto. – Pode voltar a dormir, já vou melhorar.

Luana puxou uma cadeira e se sentou de lado, cruzando as

pernas e analisando a amiga.

– Não seja ridícula. Posso ouvir o seu coração batendo daqui. Que pesadelo foi esse? Sonhou com o seu pai outra vez?

Alice ficou surpresa por Luana ainda se lembrar daquilo. Quando era mais nova, costumava sonhar com o pai se deitando com outras mulheres. Aquilo sempre a deixava apavorada. E enojada.

– Não, não... Não sonho mais com ele. – “Deixe isso para lá, amiga”, suplicou Alice em pensamento. “Volte a dormir.” – Não nos falamos há muito tempo.

– Quanto tempo?

– Nem sei mais... Até uns oito meses atrás ele ainda me mandava mensagens, numa tentativa de se aproximar. Mas como eu nunca respondia, acho que ele desistiu.

Luana deu um suspiro profundo.

– Bem, você sabe o que eu acho disso. Sei que ele não foi legal com a sua mãe, mas ainda é seu pai...

– Pois que pensasse nisso antes de fazer a besteira que fez! – exclamou Alice, a voz se elevando ligeiramente. Odiava falar sobre esse assunto com quem quer que fosse. – Por causa da safadeza dele eu passei boa parte da minha vida tentando recuperar a minha mãe. Não foi só a ela que ele prejudicou...

Luana se recostou na cadeira.

– Tudo bem, não vamos mais falar sobre isso. Mas eu não saio daqui enquanto você não me contar sobre esse seu sonho de hoje...

Sem saída, Alice esfregou a testa.

– Sonhei com Casseano transando com outra mulher.

– Ah... – Luana calou-se por um momento, compadecida. Sabia que Alice tinha problemas sérios com o fato de sentir-se traída. Concluiu que tinha cinco segundos para decidir como lidar com aquilo. – No final das contas, o sonho é o mesmo, não é? Só os personagens que mudam...

Em concordância, Alice deu um sorriso fraco. O sangue que

zumbia nos seus ouvidos começava a se dissipar.

– Pois é.

– Quer dormir na minha cama comigo hoje? – ofereceu Luana, ao que Alice sorriu.

– Agora você é quem está sendo ridícula. Não sou mais criança.

– Mas estava tremendo como uma.

Alice respirou fundo para que o ar entrasse bem em seus pulmões. Já estava relaxando. Luana continuou:

– Você ainda gosta dele, não é?

Como não queria admitir isso para si mesma depois de tudo, Alice buscou outras explicações.

– Não acredito que seja por isso. Só tive esse sonho por causa daquela maldita foto que vi. Foi meu ego ferido.

Luana se inclinou para a frente.

– Se você não gostasse dele, isso não te afetaria a esse ponto.

Alice lhe lançou um olhar incisivo.

– Será? Pois eu tenho minhas dúvidas. Na maior parte do tempo Casseano só significava sexo para mim à noite e alguém com quem conversar pela manhã.

Luana a encarou com firmeza.

– Talvez, pouco a pouco, ele tenha se tornado mais do que isso e você não tenha percebido. Foi assim comigo e Eamon. Depois de algum tempo de convivência, quando vi já estava presa a ele.

Pela primeira vez, Alice se sentiu à vontade para perguntar:

– Você realmente o amava?

– É claro que sim – respondeu Luana, com rapidez. – Não teria mudado de país se não o amasse.

Alice apontou para o maço de cigarros em cima da mesa.

– Pensei que a aventura em si tivesse te atraído.

Luana sorriu, pegando o maço.

– Na verdade, isso também. Mas eu o amei. Amei muito. Só que não era pra ser.

– Tem certeza? – insistiu Alice, porque não conseguia imaginar alguém abrindo mão de um homem como aquele. Ainda mais sendo o pai do seu filho. – Tem certeza de que não deveria ter lhe dado mais uma chance?

Luana, que só fumava de vez em quando, ficou mais séria enquanto acendia um cigarro para as duas.

– Queremos coisas diferentes. Eamon é o sol, eu sou a lua.

– Mas vocês não tinham nada mais pelo que valesse a pena lutar? Para ficarem juntos...

Irritada, Luana passou o cigarro para a amiga e a encarou, soprando a fumaça.

– Se está se referindo a Pietro, acho que fiz um enorme bem a ele me separando de Eamon. No final, eu e ele brigávamos demais. Não fazia bem para o menino.

– Desculpe – disse Alice, sentindo-se intrometida. Depois deu uma tragada também. – Eu não queria me meter.

Ao ouvir isso, a expressão de Luana tornou-se mais leve.

– Não se preocupe. Somos amigas. Quero que se sinta à vontade para me dizer o que acha.

Alice ficou aliviada, mas resolveu encerrar a conversa.

– Pois eu acho que nós duas precisamos dormir. E, de preferência, sem sonhar com mais nada sobre sexo.

Agora exausta, ela tornou se deitar enquanto Luana ficou pensativa. Nunca havia contado sobre a sua situação atual para ninguém. Mas confiava em Alice. E precisava desabafar. “É melhor dizer de uma vez”, Luana pensou, já que não teria como retirar as palavras.

– Acho que eu não corro esse risco. Faz muito tempo que não gosto mais de sexo.

Espantada, Alice se empertigou.

– Você não gosta de sexo?

– Não. – Com um movimento calmo, Luana pegou o cigarro de

volta. – Pelo menos, não mais.

– Mas então por que pratica tanto?

Alice tentou fazer graça, porque não conseguiu acreditar.

– Para me distrair, ter companhia, me sentir desejada... Mas, na verdade, acho que estou com defeito.

– Nossa... – Alice abriu mais os olhos. – E eu pensando que você não conseguia se controlar... – Ela fez uma pausa, e depois prosseguiu: – Talvez você não esteja com defeito, mas apenas não tenha encontrado a pessoa certa.

Luana fez uma cara de deboche ao ouvir sua frase romântica, e Alice riu.

– Ok, ok... – falou. – Você me surpreende a cada dia.

– Na verdade, a cada madrugada... – retrucou Luana, olhando para o relógio na parede. – Está tarde e eu viajo cedo amanhã. Tem certeza que já está bem?

– Tenho. – Alice apertou sua mão em gratidão. – Obrigada por tudo. E desculpe pelo susto.

– Não precisa se desculpar. – Luana deu uma piscadinha para ela e apagou o cigarro. – Adoro viver com emoção. Eu nasci para isso.

Em seguida, desligou a luz da sala e voltou ao quarto, onde permaneceu acordada até de manhã, pensando no que Alice dissera.

Capítulo 12



Fazia algum tempo que Suzanna não via o patrão tão atolado de trabalho. Tinha pena dele. O Sr. Ó Conaill era um homem bom. Muito trabalhador e dedicado ao filho. Só lhe faltava uma boa mulher para ajudá-lo naquela empreitada. Afinal, não era nada fácil criar uma criança pequena sozinho. Mas Eamon parecia dar conta, pois a vida de Pietro avançava sobre trilhos seguros. Pelo menos, quando ele não estava com a mãe, aquela desmiolada.

Suzanna tinha raiva de Luana. Como boa irlandesa, jamais poderia imaginar deixar seus filhos aos cuidados de estranhos. No entanto, aquela lambisgoia loira nem ao menos ligava diariamente para saber de Pietro, como era de se esperar. Só pegava o menino uma vez por semana e achava que aquilo já era o suficiente.

Não era à toa que Pietro vivia resfriado. Parecia sempre requerer a atenção de todos. Sentia falta da mãe, o pobrezinho. Talvez por isso Suzanna já tivesse se afeiçoando tanto ao garoto. Até sentia falta dele em seus dias de folga, mas compensava essa saudade visitando os dois netos, que já eram adolescentes.

Esperava chegar a hora de buscar Pietro preparando um chá completo para o patrão, que não havia almoçado direito. Eamon

estava trancafiado no escritório, trabalhando sem parar, desde que levara o filho para a creche. Então, quando Suzanna entrou no cômodo com uma bandeja cheia de quitutes deliciosos que ela mesma havia preparado e uma xícara de chá fumegante, ele deu um largo sorriso. Com um suspiro, Eamon tirou um lápis de trás da orelha.

– Bolo, biscoitos, croissant... Por acaso está querendo me engordar? – disse ele, sorrindo com ternura e fazendo pequenas rugas se formarem nos cantos dos olhos.

– O senhor não comeu direito hoje. Barriga vazia faz a mente atrofiar. Tire uns quinze minutinhos de folga.

– É, vou fazer isso... – Ele salivou ao olhar a bandeja. – Desde que você tome um chá aqui comigo.

Ao ouvir o convite, Suzanna corou. Era polida demais para se permitir tal impropriedade. Conhecia o seu lugar. E estava acostumada a tratar o patrão como se ele fosse um aristocrata inglês.

Não que Eamon gostasse disso.

– Imagine, Sr. Ó Conaill. O senhor é meu patrão. Além do mais, já comi na cozinha e estou saindo para buscar o Pietro.

– Não será necessário. Eu mesmo vou buscá-lo.

– Sendo assim, vou aproveitar para arrumar a sua gaveta de blusas, que está um desastre. Vou separar o que está sujo do que está limpo. E também vou passar algumas. O senhor se dedica tanto a organizar a vida de Pietro que acaba se esquecendo da sua. Olha só, está com essa blusa amassada desde segunda...

Feliz por tê-la em sua vida, Eamon segurou a asa da xícara com o chá.

– De que parte do céu você caiu? Sério. Você não para quieta, mulher... Não sei o que faria sem você.

– Arrumaria outra empregada.

Ele parou de sorrir, com a xícara a um dedo da boca.

– Sabe muito bem que você não é só isso para nós. É da família. Pietro a ama como se fosse uma avó. – Sua expressão se tornou divertida. – Mas, se contar isso para a minha mãe, eu negarei veementemente.

Comovida, Suzanna deu um sorriso tímido e balançou a cabeça, como se desse pouco crédito ao que ele havia dito. No fundo, sabia que Pietro a adorava, pois o menino chorava bastante quando ela tinha que ir embora. Por ela, o garotinho só ficaria na creche em meio período, mas Eamon tinha insistido que o regime integral seria melhor, pois Suzanna teria mais tempo e tranquilidade para ajudá-lo nas tarefas domésticas.

Satisfeita com a declaração carinhosa do patrão, ela seguiu para o segundo andar e arrumou as gavetas dele com o dobro do capricho.

Após o lanche delicioso, Eamon vestiu um casaco, pegou o carrinho de Pietro e saiu. Nem estava com frio, mas após o comentário de Suzanna, percebeu que sua camisa estava amarrotada. Será que ele tinha ido daquele jeito atender o cliente no dia anterior? Esperava sinceramente que não.

Como a creche não era muito longe e o tempo estava bom, resolveu ir andando. Na verdade, não era o seu dia de buscar o filho, mas como Luana tinha viajado a trabalho uma semana antes, não havia alternativa. Não que Eamon se incomodasse em fazer isso, pois o garoto era a maior alegria da sua vida. Ele sempre sonhara em ser pai. E, apesar do trabalho e das despesas que ter um filho demandava, Eamon adorava aquela função. Só lamentava que Luana não conseguisse enxergar a beleza da maternidade.

No caminho para a creche, observou a aglomeração de pessoas perto da estação de metrô Notting Hill. O bairro ficava a centro-oeste da cidade e atraía muitos turistas, por ser um dos distritos residenciais mais charmosos de Londres. Havia muitas casas em estilo vitoriano, e o extremo cuidado com que o bairro era tratado

pelos moradores era evidente. Além disso, o acesso era fácil e o estilo dos moradores locais era fascinante. Não raro, era possível ver artistas de rua tocando algum instrumento ou fazendo alguma performance inusitada. Aos sábados, acontecia a famosa feira de antiguidades, artesanato e alimentação do bairro. E ainda havia aqueles que apareciam em especial para conhecer a famosa livraria do filme *Um lugar chamado Notting Hill*.

Eamon gostava dessa energia. E também dos pubs. Contudo, ficava grato por sua casa não ficar em uma das ruas principais, que costumavam ficar uma loucura na época do carnaval.

Estava caminhando distraído, olhando para dois artistas de rua que vestiam um terno que escondia suas cabeças. O público que tinha se aglomerado em volta – adolescentes na maioria – achava engraçado e fazia fila para tirar fotos com eles pela bagatela de uma libra. De repente, Eamon se assustou ao ver aquela ruiva alta, cheia de sacolas nos braços, esperando para tirar uma foto também.

– Alice?

Ao ouvir a voz dele, Alice olhou para Eamon e saiu com uma expressão assustada na foto.

“Droga!” Não queria dar o braço a torcer, mas sabia o tempo todo que corria o risco de cruzar com o ex da amiga naquele bairro. Eamon estava de casaco vermelho, calça jeans desbotada, e empurrava um carrinho de bebê vazio. Olhava para ela com aqueles olhos azuis cheios de curiosidade. Alice sentiu o sangue esquentar. Por algum motivo, Eamon a deixava acesa. Por isso, preferia não tê-lo encontrado.

Não chegou a se arrepender do passeio, porém. Havia passado o dia fazendo as compras mais divertidas da sua vida. Estava cansada, mas era um cansaço bom. Os músculos relaxados, a mente despreocupada... Havia muito tempo que não se sentia tão bem.

Ela pegou a câmera de volta, pendurou-a no pescoço e foi até ele.

– Oi – cumprimentou.

– Está parecendo a própria turista – comentou Eamon, apontando para a máquina fotográfica.

O comentário a fez rir, como ele queria.

– Estou mesmo. Resolvi aproveitar estas férias ao máximo. Quero tirar muitas fotos, usar aquele chapelão azul e vermelho, passear de barco...

O rosto de Eamon iluminou-se.

– Nisso eu adoraria te acompanhar. Adoro passeios de barco. Aliás, estou louco para alugar um que fica numa cidadezinha perto daqui, na terra de Shakespeare.

– Stratford-upon-Avon? – perguntou ela, arregalando os olhos. – Está na minha lista de programas imperdíveis.

– Sério? – Eamon ficou animado. – Poderíamos conhecer a cidade juntos. Dizem que é linda. Estou louco para alugar um *narrowboat* e levar o Pietro para passar um final de semana lá.

– *Narrowboat*? – indagou Alice, com uma careta. – O que vem a ser isso?

Em um gesto descontraído, Eamon esticou o braço e tirou uma pequena folha que havia caído no ombro dela.

– É um tipo de casa flutuante – explicou. – Na verdade, é um barco com estrutura domiciliar. Tem camas, cozinha, banheiros...

– Tipo um iate.

Ele riu.

– Só que mais lento e menos glamouroso. Em geral, a maioria dos canais tem limite de velocidade de 4 quilômetros por hora.

– Acho que já vi a foto de um desses...

– E aí, topa o passeio?

Ele não parecia estar com segundas intenções, mas mesmo assim Alice ficou reticente. Já se sentia culpada o suficiente por não ter contado a Luana que eles tinham ido juntos ao parque. Viajar com Eamon já seria demais. Resolveu ser honesta:

– Não acho que seja uma boa ideia. Luana está viajando e eu estou hospedada na casa dela. Não sei se ela iria gostar.

Eamon franziu a testa.

– Eu e Luana não estamos mais juntos. E nós dois somos só amigos. Que mal há nisso?

– É uma situação meio estranha, não acha?

– Bem, se você pensa assim... – Como um menino frustrado por terem lhe tirado a bola de futebol, ele recolocou as mãos no carrinho e se preparou para ir embora. – Vou buscar o Pietro, então. Caso mude de ideia, devemos ir no próximo final de semana.

Alice o segurou pelo braço.

– Posso ir buscá-lo com você? Estou com saudades daquele danadinho...

“O que está fazendo?”, uma voz dentro dela gritou. “Sabe muito bem que só quer passar mais tempo com o pai, em vez de rever o filho.”

Eamon abriu um pequeno sorriso, como se lesse os pensamentos dela.

– Claro. Pietro vai gostar de te rever. Pode pendurar suas sacolas aqui no carrinho, por enquanto.

Alice aceitou a sugestão dele e seguiu ao seu lado até a creche, cheia de culpa. Durante o trajeto, acendeu um cigarro e se surpreendeu quando Eamon não reclamou nem fechou a cara. Só continuou conversando com ela, ouvindo sobre o seu dia.

Quando chegaram lá, assim que Pietro a viu abriu um sorriso enorme e jogou os braços gordinhos em torno do pescoço de Alice, para a alegria dela. Sem pensar duas vezes, ela jogou o cigarro fora. Havia simpatizado mesmo com aquele pestinha.

– Tyrone! – exclamou ele, mostrando-lhe seu brinquedo, que pelo visto era uma obsessão sua.

– Muito bonito – elogiou Alice.

– Dá beijo nele – pediu Pietro.

Alice sorriu, sem graça, e deu um beijo rápido no boneco.

– Você também – disse o menino para o pai, que também o obedeceu.

Em meio ao burburinho das crianças saindo da creche, Alice ajudou Eamon a ajeitar Pietro no carrinho e depois eles penduraram algumas das sacolas dela na parte de trás. Foram caminhando juntos até a casa de Eamon, sem perceberem quanto pareciam uma família. Ao chegarem lá, Alice vislumbrou uma linda fachada verde-clara coberta de flores cor-de-rosa.

– Que casa linda – elogiou, estranhamente encantada. – Parece de filme.

Eamon riu do comentário e convidou-a para tomar alguma coisa. Alice aceitou, afinal não estava mesmo com vontade de voltar para casa e ficar assistindo tevê. Além disso, seus pés a estavam matando.

Quando entraram, Eamon pegou as bolsas dela e colocou-as em cima da mesa, enquanto Suzanna veio pegar Pietro para lhe dar um banho. Ela deu uma rápida espiada em Alice, avaliando-a, depois ergueu um pouco um canto da boca para o patrão. Eamon balançou a cabeça de modo furtivo, querendo dizer que não, não era nada daquilo que ela estava pensando.

Ainda.

– Gosta de vinho? – perguntou a Alice, que assentiu com a cabeça. – Aceita uma taça de rosé?

– Sim, pode ser.

Ela tirou o lenço do pescoço e colocou-o sobre uma poltrona, esquadrinhando o ambiente enquanto seu anfitrião saía de sua vista.

Embora a fachada da casa fosse estreita, a sala era ampla, com pé-direito alto e pisos de madeira maciça. Um enorme sofá branco e uma mesinha de centro aparentemente feita de pinho chamavam a atenção. Não havia televisão nem mesa de jantar. Vários brinquedos emborrachados encontravam-se amontoados num canto da sala.

Prateleiras presas à parede continham livros sobre arquitetura, história da arte e porta-retratos com fotos de Pietro. Perto da janela, Alice avistou um aquecedor e um vaso com uma planta que ela não conhecia, depois viu uma escada que dava para o segundo andar. A sala tinha duas portas, uma que parecia dar para a cozinha e outra para o escritório. As paredes eram forradas com um papel salmão florido, dando a impressão de que a casa tinha pertencido a uma senhora de 80 anos. Uma das paredes era espelhada, ampliando o ambiente.

– Ainda não tive tempo de terminar a decoração – comentou Eamon ao voltar do escritório, parecendo adivinhar os pensamentos dela. Trazia uma garrafa de espumante rosé e duas taças. – Pretendo mudar a cor da parede.

Alice riu ao pegar uma das taças.

– Pensei que sua avó morasse com você.

– Bem que eu gostaria. – Ele começou a abrir a garrafa. – Minha avó era a mulher mais sagaz e bem-humorada que já conheci. Mas, infelizmente, morreu dois anos antes de Pietro nascer.

– Que pena.

Alice achava interessante o valor que Eamon dava à família. Isso lhe lembrava muito alguém.

Alguém que ela desejava demais esquecer.

Porém, logo sua atenção foi atraída para uma ave que entrou cacarejando pela sala.

– Deus do céu, o que é isso? – perguntou, assustada.

Com naturalidade, Eamon fitou o animal.

– Ah, essa é Matilde, a nossa galinha, que na verdade é um galo.

– Você tem um galo gay?

– É uma longa história – falou Eamon, sorrindo, enquanto despejava a bebida nas taças.

Alice examinou o rosto dele, perplexa.

– Pois essa eu gostaria de ouvir.

– Se você insiste... – Ainda de pé, ele cruzou as pernas e apoiou o quadril na beirada da mesa. – Pietro aprendeu na escola que os pintinhos nascem dos ovos. Daí, um dia, resolveu pegar um ovo da geladeira para chocar. Por sorte, Suzanna pegou-o antes que o menino sentasse nele, e teve a brilhante ideia de dizer que o ovo precisava ficar quentinho para o pintinho nascer. Então ela improvisou um ninho com uma fronha de travesseiro, colocou o ovo dentro e posicionou uma luminária por cima. A partir daí, Pietro não se aguentou mais de ansiedade. Todo dia chegava da creche e queria ver como estava o ovo, ver se o pintinho já havia nascido...

– E nasceu? – perguntou Alice, espantada, apontando para o galo.

– Nasceu nada – disse Eamon, dando um sorriso divertido. – O ovo estava ficando cada dia mais verde, e eu desesperado para tirar aquilo do meio da sala. Recebo alguns clientes aqui, e era difícil explicar aquilo pra eles... Não ria! Espera que tem mais.

Achando aquilo o máximo, Alice deu um gole enquanto prestava atenção na história.

– Um belo dia, entrei correndo e pisei no bendito ovo. Eu e Suzanna ficamos desesperados. Eu não sabia o que fazer. Então, de repente ela teve uma ideia, saiu de casa e voltou um pouco depois com um pinto já quase virando frango e colocou-o no lugar. Quando Pietro chegou da creche, deu um grito de felicidade tão grande porque o pinto tinha nascido que eu tive que me esconder no escritório para cair na gargalhada. – Eamon já estava vermelho de tanto rir enquanto contava a história. – O bicho era enorme! Jamais poderia ter saído de um ovo tão pequeno. Mas a alegria de Pietro foi tão grande que resolvemos ficar com ele. Um ano depois, nossa suposta galinha começou a acordar os vizinhos, porque, na verdade, é um galo.

Alice não se aguentava de tanto rir e foi obrigada a largar a taça em cima da mesa. E cada vez que olhava para o galo, tinha vontade

de gargalhar mais ainda. Queria ter visto a cena.

Pouco tempo depois, conforme foi se acalmando, pegou a taça de volta e enxugou os olhos, molhados de tanto rir.

Satisfeito por diverti-la, Eamon a puxou pela mão para se sentarem no sofá.

– E aí, gostou de Notting Hill? – quis saber ele.

– Muito. – Já recuperada, ela deu um gole na bebida. – Comprei vestidos maravilhosos, um monte de CDs e vários chapéus estilo Kate Middleton... Espero arrasar como ela por aqui.

Eamon ergueu sua taça em um brinde.

– Você é muito mais bonita do que aquela princesa raquítica – comentou.

Alice riu novamente e acabou engasgando. Mas depois, por um segundo, viu um brilho perigoso nos olhos de Eamon e sentiu um frio na barriga. E um novo calor no sangue.

– Até parece... – falou, desdenhando o comentário.

– Estou falando sério. Por que as mulheres têm mania de ficar se comparando com as outras? Cada uma é bonita a sua própria maneira. Quer uma dica?

– Não preciso de dicas. – Com ar de superioridade, Alice pousou sua taça na mesinha de centro. Mas, em seguida, abandonou a dignidade e perguntou: – Que tipo de dica?

Com delicadeza, Eamon virou o queixo dela devagar para o espelho, para que Alice olhasse seu reflexo.

– Olhe mais para você. Descubra o que te valoriza, conheça seus pontos fortes. É exatamente o que eu faço quando vou reformar uma casa.

Surpresa, ela virou o rosto para ele.

– Quem o ouvir falando assim vai até achar que você entende de moda.

– E entendo mesmo... – Divertido, ele encheu mais a própria taça. – Tenho interesse por moda, embora não pareça... – falou,

esticando a blusa amassada. – Luana costumava passar horas escolhendo o que vestir, mas sempre que eu a ajudava, ela conseguia ser muito mais rápida. Tanto que quando eu estava ocupado, ela reclamava. Aliás, ela reclamava de tudo...

Ao lembrar da ex-mulher, ele fechou o semblante.

Quando ouviu o nome da amiga, a culpa de Alice tomou forma de novo e ela se ajeitou no sofá. Será que deveria estar ali, bebendo com o ex dela? E se fosse o contrário? Gostaria de saber se Luana estivesse andando com Casseano pelas suas costas?

Sentindo-se traíçoeira, Alice terminou a taça de espumante em um só gole e afundou no sofá. Sabia que Eamon tinha motivos para reclamar do comportamento da ex-esposa, mas sua lealdade pertencia a Luana.

– Desculpe ter falado mal dela – disse Eamon. – Sei que isso te constrange.

– Não precisa se desculpar. Sei que não fez por mal. Na verdade... – Ela ergueu os olhos para ele de novo, pensando se deveria abordar aquele assunto. “Que se dane!”, pensou. Ela precisava saber. – Não entendo por que vocês dois não ficaram juntos. Luana é meio maluquinha, mas é uma pessoa ótima, se você consegue entendê-la. E você é um cara tão bacana... O que houve com vocês?

Eamon pensou sobre a pergunta, girando o vinho na taça lentamente.

– Pelo que sei, ela se cansou de mim.

– Acho isso muito difícil.

– Por quê? – indagou ele, encarando Alice.

– Você é um ótimo pai. Um ótimo profissional. E, além de tudo, é um gato. – Ela riu quando Eamon franziu a testa, num embaraço óbvio. – Não se faça de bobo, você deve fazer um sucesso enorme com as mulheres. Para mim, você aprontou alguma com a Luana e não quer me contar.

A expressão dele tornou-se sombria e a mão que girava a taça parou.

– Nunca traí minha esposa. Não sou esse tipo de cara. Luana foi embora porque quis, disse que estava infeliz...

– Mas do que ela reclamava? – insistiu Alice, porque queria realmente compreender as motivações da amiga.

– De tudo. – Ele tornou a girar o copo, e fixou o olhar nele. – Dizia que eu era muito ocupado, muito certinho, muito insensível... Dizia que se eu fosse um bom marido me mudaria para Hollywood, para que ela se tornasse uma grande atriz. Ora dizia que não aguentava mais cuidar do bebê, depois reclamava que eu cuidava demais do bebê... Que, se eu a amasse de verdade, conseguiria arranjar ingressos para alguma grande *première* que estivesse acontecendo em Londres, onde ela poderia conhecer um bom diretor...

Ao lembrar tudo isso, Eamon decidiu que precisava de mais um gole, e foi isso que fez enquanto Alice comentava:

– Luana sempre foi sonhadora, mas acho que está fazendo uma grande burrice deixando o filho para trás. Sou amiga dela, e não quero vê-la sofrer depois pelo tempo perdido. Mas não sei como falar isso para ela, como abordar o assunto...

Comovido por sua boa intenção, Eamon tocou na mão dela.

– Não adianta ninguém falar. Ela precisa entender isso sozinha.

– Pois eu espero que ela entenda logo.

– Eu também. – Ele deu um sorriso rápido, fez uma pequena pausa, então perguntou: – E você? Tem alguém te esperando no Brasil?

Assumindo um ar de tristeza, Alice baixou os olhos.

– Não. Terminei um namoro longo um dia antes de vir pra cá.

– E você ainda gosta dele?

– Ele está com *outra* – disse ela, esquivando-se da pergunta. – No momento, quero que Casseano arda no fogo do inferno. Minha

vontade é ir para a cama com o primeiro homem que encontrar só para me vingar.

Alice percebeu que deixou escapar um pouco mais do que pretendia.

Eamon deu um sorriso cúmplice, que logo se tornou um pouco travesso.

– Sei bem como é. E estou aqui, se você precisar.

– Engraçadinho – retrucou ela, enrubescendo.

– Quer um conselho? – falou ele, dando-lhe um pequeno cutucão com o cotovelo.

– Você gosta mesmo de dar conselhos, não é? Vamos lá... – disse ela, virando-se mais para ele. – Pode me dar o segundo conselho do dia.

Eamon pousou sua taça na mesinha de centro.

– Não faça isso. Não vá para a cama com o primeiro homem que aparecer. Não se desvalorize só porque outra pessoa já fez isso com você. Tenha amor-próprio.

Intrigada, Alice estudou-o.

– Foi o que você fez quando Luana te abandonou?

– Não. – Havia sinceridade em sua voz. – Fui para um bordel e dormi com duas mulheres ao mesmo tempo. Queria me vingar. Na hora foi bom, mas depois me senti um lixo. Não sou esse tipo de cara. Estava pagando para ter uma coisa que só a pessoa que eu amava poderia me dar.

Ambos ficaram se encarando por um momento e uma tensão quase palpável se instalou entre eles. Nesse momento, Suzanna entrou na sala.

– Estou indo – disse ela. – Pietro já tomou banho, rezou comigo e dormiu.

– Ah... Mas eu nem tive tempo de ficar com ele... – lamentou Alice.

– Não faltará oportunidade – observou Eamon. Então se virou

para a senhora. – Pode ir, Suzanna. Muito obrigado por tudo.

– Seu jantar está em cima do fogão. Até mais.

Então ela se foi.

Assim que Susanna bateu a porta, Alice se sentiu constrangida. Agora, os dois estavam praticamente a sós, já que Pietro estava dormindo. Então, ela deu um tapinha na própria coxa e já ia se levantar para ir embora quando Eamon a segurou pelo braço.

– Fique. Há muito tempo não tenho com quem conversar.

Sem saber como agir, ela olhou para o relógio e depois para ele.

– Está ficando tarde.

– Você pode... dormir aqui. – arriscou ele.

– Está louco? – disse ela, exaltada. – É só o que me falta para ganhar o prêmio de pior melhor amiga do mundo.

Eamon insistiu com a proposta, não tinha nada a perder:

– É só você dormir no quarto de Pietro, que tem duas camas. Às vezes Suzanna dorme lá. Amanhã eu te levo de carro logo de manhã. E, convenhamos, as suas bolsas estão bem pesadas para você levá-las de metrô.

– Não posso ficar. Prefiro chamar um táxi. – Alice sentiu um arrepio à ideia de dormir sob o mesmo teto que ele. – O que Luana iria dizer?

– E quem disse que ela precisa saber?

– Eu vou saber. E isso não me faria bem.

– Você é sempre tão cheia de pudores?

– Só quando me sinto acuada.

– E está se sentindo acuada agora? – rebateu ele, com um sorriso encantador e um brilho travesso nos olhos.

Alice engoliu em seco e resolveu pegar as suas coisas.

– Ainda não sei. Você muda o seu comportamento a cada minuto. Às vezes parece que é só amizade, mas outras vezes você me olha de um jeito tão...

Fascinado, Eamon se levantou. Alice era uma mulher forte,

ousada e decidida. Porém, como ele podia ver agora, também tinha um lado doce que fazia de tudo para esconder. Quando ela se virou para a porta e segurou na maçaneta, não olhou para trás. Tinha medo do que poderia acontecer se Eamon a olhasse daquele jeito de novo. E como ele viu que ela estava determinada a partir, as palavras saíram de sua boca antes que decidisse se queria enunciá-las:

– Você está certa. Eu quero que você fique por diversos motivos. Sinto uma grande atração por você. E sei que você também sente por mim. Só que ainda não sei o que vamos fazer sobre isso.

Ao ouvir a declaração tão explícita, Alice fechou os olhos e não disse mais nada. Em seguida, saiu para a rua e bateu a porta.

Capítulo 13



Moscou foi uma surpresa boa para Luana, em todos os sentidos. Ela se apaixonou pelos diversos tipos de clubes, restaurantes e bares. Não que tivesse muito tempo entre os ensaios e apresentações, mas sempre que estava livre, escapulia para conhecer melhor o local.

Rublevka, uma das zonas mais ricas da cidade, apresentava amplas possibilidades de entretenimento e vários estabelecimentos de luxo, por isso logo se tornou seu lugar preferido. Luana ficava deslumbrada ao contemplar todos aqueles monumentos. A arquitetura do lugar era fantástica. Ela ficou ainda mais fascinada quando conheceu Tverskaya, uma das ruas comerciais mais frequentadas de Moscou.

Além disso, sempre tivera a impressão equivocada de que os russos eram frios, ignorantes e sem coração. Quase bárbaros. No entanto, essa visão foi posta por terra pela equipe da pequena pousada onde os bailarinos se hospedaram. Todos ficaram surpresos com a acolhida extremamente carinhosa da proprietária, uma senhora albina que beirava os 70 anos.

Não que os russos fossem dados a abraços calorosos, muito

menos a sorrisos, mas demonstravam carinho em pequenas atitudes, como entupi-los de comida e trazerem o tempo todo mais mantas, como se os estrangeiros estivessem sempre com frio, embora estivessem em julho e a temperatura girasse em torno dos 20 graus. E, quando descobriram que Luana era brasileira, para o seu deleite, passaram a tratá-la como se fosse uma estrela. Eram fascinados pelo Brasil.

Após uma semana, ela já havia aprendido algumas palavras e passeava com frequência em companhia de seu diretor, Sean, um homem baixo e atarracado de meia-idade, cujo corpo parecia um funil, largo em cima e fino embaixo. Ele era calvo, e os poucos fios que lhe restavam eram pretos, assim como seus olhos. As marcas em seu rosto indicavam que ele devia ter passado por uma adolescência difícil. Era um homem inteligente, porém, dotado de bom humor e muito conhecido no universo do teatro. Naquele momento, estava levando Luana para conhecer uma das boutiques mais famosas da Rússia, com o objetivo de lhe dar um presente.

– Já falei que não precisa – disse ela, forçando um sorriso cordial. – Meu aniversário é só daqui a alguns dias...

– Mas já que estamos aqui, quero adiantar seu presente. Venha, vamos lá falar com uma amiga minha... – Ele pegou-a pela mão e a levou para dentro da Bulgari, onde lhe comprou um extravagante anel de ouro vermelho com uma pequena flor acoplada, incrustada de diamantes nas pétalas.

– Você é maluco! – exclamou Luana, maravilhada, ao olhar para a joia em sua mão. Jamais pensara que poderia comprar algo daquele tipo. Pelo menos não tão cedo. Com um pequeno sorriso no canto dos lábios, olhou mais uma vez para Sean, desconfiada. Sabia que um homem não daria um presente daqueles a uma mulher a não ser que estivesse interessado nela. Sem dúvida ele havia sido um bom amigo lhe mostrando a cidade nos últimos dias, mas ela não queria que ele tivesse esperanças. Mas também não cogitou

devolver o lindo presente. Seria uma ofensa, ora bolas... – O que sua mulher vai pensar quando vir a fatura do seu cartão?

– Ela não controla os meus gastos.

– Neste caso, *Spasibo*.

Ele riu do sotaque terrível dela ao dizer “obrigado” em russo.

– Venha, vamos almoçar. Tenho boas notícias para você.

Ambos saíram da loja e se dirigiram para o restaurante mais próximo. Depois que eles se acomodaram e foram atendidos, Sean foi direto ao assunto:

– Quero que você seja a estrela do meu novo espetáculo.

– Hã? – Luana engoliu uma azeitona inteira, sem mastigar. Havia esperado aquele momento por tantos anos que não sabia se tinha escutado direito. “Então era por isso que estava lhe bajulando tanto?”, pensou, cheia de esperanças. “Porque queria que eu aceitasse um papel?” A notícia não poderia ser melhor. – Mas por que eu? – indagou, incrédula, pois tinha consciência de que em sua equipe havia meninas muito mais talentosas.

– Porque você brilha no palco. Nasceu para isso. Pode não ter o mesmo domínio técnico das outras, mas sua presença é marcante.

– Ai, meu Deus! – Ela largou os talheres e levou as duas mãos à boca, sem conseguir esconder o entusiasmo. – E qual vai ser o tema do musical?

Rindo, Sean respirou fundo e mordeu um pedaço de pão.

– Salomé.

Luana quase caiu da cadeira, e seus olhos se encheram de lágrimas ao ouvir aquilo. Era como se tudo com que ela tivesse sonhado estivesse se concretizando naquele momento. *Salomé!* A sua peça tão esperada. E ela seria a estrela... Envergonhada, precisou cobrir o rosto com as mãos para esconder o choro de emoção.

– Ei, não fique assim... – Ele puxou a mão dela. – Pensei que gostasse da peça...

– Gostasse? Eu adoro! – Luana segurou a mão dele, extremamente agradecida. – Só que não pensei que conseguiria um papel como esse tão cedo.

– Na verdade, você ainda não conseguiu – disse Sean, retirando a mão da dela. – Precisamos que você interprete uma das cenas para saber se leva jeito. Quando voltarmos para Londres, marcaremos o teste. Mas gostaria que você não comentasse isso com as outras garotas. Sabe como é, elas ficariam enciumadas.

Sem palavras por um momento, Luana aquiesceu com a cabeça.

– Não sei como lhe agradecer por essa oportunidade, Sean. Nem pelo anel. Por tudo. Você é um ótimo amigo. Uma pessoa de ouro.

– Eu sei. – Ele sorriu. – Minha filha sempre me diz isso.

– Ela tem sorte de ter um pai como você.

O comentário inocente o fez se sentir velho, então Sean remexeu os ombros e se concentrou na comida. Em seguida, mudou de assunto.

Luana mal cabia em si de tanta felicidade. Por isso, comeu com voracidade e tagarelou sem parar durante a refeição, enquanto Sean a analisava, comovido por seu entusiasmo. Quando saíram do restaurante, empanturrados, Sean a acompanhou até a pousada, depois seguiu sozinho para o hotel cinco estrelas onde estava hospedado.

Animada, Luana resolveu tomar uma taça de vinho em frente à lareira com um dos colegas da equipe, para relaxar. O nome dele era Karel, ou pelo menos era assim que os amigos o chamavam. Pelo que ela sabia, o rapaz era tcheco e morava em Londres havia apenas dois anos. Parecia um pouco mais novo do que ela e tinha um lindo sorriso de menino. Porém, o corpo era de homem, esguio e bem delineado. Na verdade, um já estava de olho no outro desde que chegaram à Rússia. E naquela noite, conforme a bebida fazia efeito, a atração ficava cada vez mais evidente. Conversaram muito, trocaram alguns beijos e, pouco tempo depois, dormiram juntos –

literalmente –, enrolados em uma manta no sofá da recepção.

No dia seguinte, logo pela manhã, Luana estava radiante por tudo o que havia acontecido e ligou para Alice, louca para contar as novidades.

– Adivinha o que aconteceu! – falou antes de sequer dizer “alô”.
Sonolenta, Alice reconheceu a voz da amiga.

– Luana? Que saudade de você! Quando volta para casa?

– Acho que na semana que vem. Mas tenho uma novidade! Estou namorando!

– O quê? – perguntou Alice, esfregando os olhos. – Mas e o Joseph?

– O Joseph não tinha borogodó. O Karel tem. Ontem à noite ficamos juntos e ele me pediu em namoro. Não é bonitinho? Ninguém fazia isso comigo desde que eu tinha 15 anos. E nós dormimos agarradinhos do sofá, sem transar, igual a dois adolescentes.

Quando Alice conseguiu processar a informação, decidiu que assim era melhor. Impulsivo, mas melhor. Assim, não sentiria tanta culpa pelo desejo sem vergonha que sentia pelo ex da amiga.

– Fico feliz por você. Por aqui está tudo bem. Peguei a sua correspondência.

– Muito obrigada. E tem mais! Ganhei um lindo anel de ouro do meu diretor e fui convidada para estrelar *Salomé*. Não é o máximo?

– É, sim.

– Desculpe ter te deixado aí sozinha essa semana, amiga, mas tudo isso foi muito importante pra mim.

– Imagina, eu entendo.

– Espero que Eamon não tenha te aborrecido muito.

Alice sentiu as bochechas queimarem.

– Não temos nos visto – falou, imaginando a si mesma ardendo no fogo do inferno.

– Ah, é? – Luana ficou calada por dois segundos, parecendo

espantada. – Ele nem ligou pra saber de mim?

– Não.

O silêncio que se seguiu deu a Alice a impressão de que a amiga tinha ficado um pouco decepcionada.

– Melhor assim, então – disse Luana. Alice ouviu alguém gritar o nome da amiga ao fundo. – Agora vou desligar, porque preciso ir ensaiar. Manda um beijinho para o Pietro, caso você o veja.

– Acho que não vai acontecer, mas pode deixar que eu mando sim – prometeu Alice, torcendo para rever o menino.

Na verdade, torcendo para rever o pai do menino, e o mais rápido possível.

Luana desligou e Alice ficou encarando o aparelho, sentada no sofá, pensativa. Depois, pegou um maço de cigarros e ficou batendo com ele ritmadamente na perna. Estava havia três dias sozinha, sem ninguém para conversar. E era sexta-feira, o dia que Eamon – ela não conseguia evitar o pensamento – dissera que iria viajar. Será que deveria ter aceitado o convite dele? Será que deveria ignorar os alertas da sua mente e aceitar de bom grado o que ele tinha a lhe oferecer?

Em seu íntimo, sabia que não. Se viajasse com Eamon, com certeza algo aconteceria entre eles. “Mas até que ponto isso seria ruim?”, ponderou. Não podia se permitir viver um descompromissado relacionamento de férias? Afinal, era nítido que tanto ela quanto Eamon precisavam de companhia. Talvez isso não significasse ser infiel a Luana. Afinal, a amiga não estava nem aí para ele. Vivia pulando de um galho para outro. E depois, pensou, quase convencida, ela contaria a Luana o que tinha acontecido – ou o que ela torcia para que acontecesse – entre eles, na hora certa. E se isso fosse considerado um pouquinho desleal, tudo bem também. Não havia ninguém perfeito nessa vida. E aquela era uma oportunidade única. Ela estaria sozinha no final de semana e, segundo Eamon, Luana nunca precisaria saber...

“Ai, caramba! Para com isso, sua louca!”

Não, não, não, não... Caindo em si, Alice enterrou o rosto em uma almofada, arrasada pelos próprios pensamentos. Era uma pária. Uma traidora. A quem desejava enganar? Sabia que haveria *tudo* de errado em se relacionar às escondidas com o ex de uma amiga. Será que estava tão carente pela ausência de Casseano que perdera a dignidade?

Ao pensar em Casseano, sentiu o sangue esquentar. Aliás, toda vez que pensava no ex agora, sentia coisas que não havia sentido quanto estava com ele. E quando lembrava que aquele safado estava com outra, a raiva fazia com que perdesse a razão e visse tudo turvo. Preferia acreditar que não. Que ambos não eram da mesma laia. Mas se não eram, por que então ela não parava de encarar o telefone com a esperança de que Eamon ligasse?

Alice resolveu se distrair ligando a televisão e acendendo um cigarro. Já havia passeado tanto por Londres que seus pés pareciam estar em carne viva, por isso não sairia naquela tarde. Ficaria assistindo TV na companhia de um brigadeiro feito em casa. Estava se comportando como uma adolescente mal-humorada, mas dor de cotovelo se curava com chocolate.

Pouco tempo depois, entediada com a programação da tevê, pegou o celular para conferir seus e-mails. Irritou-se novamente com a enxurrada de spams em sua caixa de entrada. Excluiu todos e clicou no ícone do Facebook. Começou a rolar o feed de notícias.

Camilla A.

há 5 min

Fazendo uma paella de arrasar.

Luciana Amorim

há 35 min

Por que a casa não se limpa sozinha?

Davi Tedesco

há 57 min

Sentindo falta dos amigos

Casseano Guerra

há 3 horas

Recomeçando

Recomeçando?

Alice pôs o celular de lado, com uma súbita falta de ar. Seus batimentos cardíacos ficaram mais rápidos e ela sentiu um bolo se formar na garganta.

Raiva.

Raiva pura e descontrolada.

Como Casseano se atrevia a expor esse tal recomeço assim, em público? E como se atrevia a “recomeçar” com aquela vadia? Existia uma regra tácita nos relacionamentos que dizia haver um tempo mínimo de intervalo entre o término de um namoro e o anúncio de outro. Ou será que essa regra só existia em sua cabeça? Tudo bem que ela mesma tinha postado uma foto beijando outro cara havia poucos dias, mas só tinha feito isso depois que vira a foto de Casseano com aquela balzaquiana. Mas, recomeçar? Ah, não, isso já era demais! Ela ainda mal havia juntado os cacos do seu coração...

Esforçando-se para parar de pensar naquilo, Alice tentou se concentrar na TV. Mas logo ficou furiosa ao ver um casal se beijando num anúncio de pasta de dentes. Não queria que seus dentes ficassem mais brancos. Queria quebrar os dentes de Casseano.

Furiosa, tacou o celular em uma almofada no chão. Sentiu o coração dar um pulo, no entanto, quando ouviu alguém buzinar na rua, parecendo estar bem em frente à sua janela. Alice deu uma tragada profunda, enquanto fazia um esforço para reprimir o pressentimento – e o desejo de vingança – que assaltou seu

coração.

Não... Não podia ser ele. Que sentido haveria naquilo? Afinal, ela e Eamon não tinham combinado nada. Mas se fosse ele, sinceramente, não poderia ter chegado em uma hora melhor.

Então, com as pernas bambas, Alice se levantou, tomada por um entusiasmo e uma ansiedade quase infantil, e foi até a janela. Quando avistou Eamon lá embaixo, com um sorriso tímido, o braço esticado por cima do teto do carro abarrotado de malas, ela não teve opção. Sentiu algo se acender em seu coração com a força de uma ogiva nuclear. Por isso, quando a imagem de Luana se insinuou em seus pensamentos, Alice a ignorou.

Estava decidida. E perdida.

Isso a ensinaria, refletiu, rindo de si mesma, a não seguir o barulho de uma buzina como se fosse um rato atrás dos acordes de uma flauta. Sem alternativa, Alice apenas sorriu para Eamon e balançou a cabeça. Quinze minutos depois, sua mala estava pronta.

Ao chegar à portaria, Eamon se aproximou para ajudá-la a descer com a bagagem. Nenhum dos dois disse nada. Só sorriram um para o outro enquanto ele guardava as coisas dela com naturalidade, como se aquilo fosse algo que já estivesse acostumado a fazer. Pietro dormia tranquilo no banco de trás e Alice reparou havia um pequeno espaço reservado para a sua mala no interior do veículo. Quando Eamon bateu o capô, com uma expressão satisfeita, ela enfiou as mãos nos bolsos e perguntou:

– Como soube que eu aceitaria ir?

Ele deu de ombros.

– Eu não sabia. – Aproximou-se dela com cautela. – Nunca poderia imaginar que seria tão fácil te convencer. Vim treinando mil argumentos pelo caminho. O que te convenceu, afinal?

Alice sorriu e estreitou os olhos.

– Eu estava mesmo querendo conhecer a terra de Shakespeare. Além do mais, não resisto a uma carinha bonita... – Em seguida

acrescentou, com uma expressão brincalhona: – E Pietro está uma graça nesse suéter marrom.

Ele alargou o sorriso.

– Meu filho teve a quem puxar.

Então ele a conduziu pelo cotovelo até o outro lado do carro e abriu a porta para ela. Depois deu a volta no carro e sentou ao volante. Alice se ajeitou no banco e o encarou.

– Sabe que está me metendo em uma encrenca, não é?

– Espero que não. – Ele sorriu, depois aproximou bem o rosto do dela ao prender o cinto de segurança. Em seguida, um pouco mais sério, acrescentou: – Mas, se isso for verdade, tomara que o risco valha a pena.

– Algo me diz que valerá.

Eamon sorriu outra vez. E quando se afastou para dar a partida no carro, Alice se perguntou onde estava com a cabeça. Agora estavam flertando abertamente. Em seu coração, a lealdade começou a entrar em luta contra o desejo. O que aconteceria quando Luana soubesse? Será que a recriminaria? Mas ainda havia um problema maior: no fundo, Alice sabia que o maior motivo para que tivesse decidido ir com Eamon não fora a atração por ele, e sim o ódio que estava sentindo de Casseano.

E era ali, bem ali, que morava o perigo.

Capítulo 14



O melhor de viajar de carro, na opinião de Eamon, era poder absorver cada detalhe dos lugares por onde passava. E o caminho para Stratford-upon-Avon era espetacular. A estrada seguia por colinas verdejantes, florestas, pradarias cobertas de flores silvestres, pastos de ovelhas e vilarejos lindíssimos. Era uma das mais belas e emblemáticas paisagens da Grã-Bretanha.

Por isso, ele não se incomodou nem um pouco por levar mais do que as três horas programadas para chegar. Tiveram que parar várias vezes no caminho por conta de Pietro, que ora queria fazer xixi, ora comer alguma coisa, ou simplesmente ver as vaquinhas e os cavalos pelo caminho. Em cada parada, Eamon e Alice desciam do carro, cobrindo os olhos com uma das mãos para protegê-los do sol, e admiravam as extensas campinas que margeavam o trajeto, trazendo uma sensação imediata de paz. Algumas propriedades, as que mais fascinaram Eamon, tinham o terreno coberto por uma espécie de flor amarela, assemelhando-se a plantações de trigo.

Já Alice observava com admiração os cubos de feno regularmente dispostos sobre um extenso gramado, a cerca de 10 metros de distância um do outro, pensando na paciência e no

esforço necessários para posicioná-los daquela maneira. Para a própria surpresa, ela desejou ver aquele trabalho sendo feito, quem sabe até mesmo participar. Devia ser terapêutico – e reconfortante – se dedicar a uma tarefa sabendo exatamente qual seria o seu resultado final.

Não que não ela gostasse da imprevisibilidade ligada à sua profissão. Na maior parte dos dias, Alice nem sentia que estava trabalhando. E isso, em sua opinião, era o melhor elogio que se podia fazer a um emprego. Ela adorava as emoções envolvidas em um leilão, o desafio de conseguir o valor mais alto possível nas vendas, o glamour dos eventos... Só estava imaginando que, às vezes, na simplicidade e na rotina também devia haver alguns pontos positivos.

Esse pensamento a fez pensar, sem que ela pudesse evitar, em momento específico de sua infância. O pai a tinha levado para passar o dia das crianças em uma fazenda, e os dois vagaram por uma extensa pradaria iluminada pelo sol, colhendo flores pelo caminho para levar para a mãe dela. Havia sido um momento único. Alice não se lembrava de ter passado tanto tempo sozinha com ele depois daquele dia. Às vezes Alice abria bem os braços e fechava os olhos para sentir o vento correr por ela. Imaginava que era um pássaro. Seu pai vinha correndo por trás, pagava-a no colo e a fazia girar no ar. A menina gargalhava de satisfação, sem medo de cair. Na época, imaginava que se sentiria sempre segura nos braços dele. Que o pai estaria sempre ao seu lado.

Mas ele a havia abandonado, sem olhar para trás.

Alice sentiu uma ardência passageira nos olhos e ainda divagava sobre isso quando sentiu o toque quente da mão de Eamon em seu braço. Olhou para ele, que a fitava com um sorriso gentil, indicando que já era hora de voltarem para a estrada.

– Não queremos chegar quando já estiver escuro.

Ela viu que Pietro já estava sentado dentro do carro, esperando.

Embora desejasse ficar mais alguns minutos naquele estado de espírito, acompanhou Eamon.

Algumas horas depois, eles chegaram à entrada de Stratford-upon-Avon, que era uma cidade pequena porém muito charmosa, o santuário do grande poeta e escritor William Shakespeare. O lugar respirava sua vida e obra por todos os cantos. Quase tudo remetia à dramaturgia. No centro, por exemplo, havia uma escultura de um ator. No entanto, o local não se limitava a isso. Havia também muitas construções antigas, bem preservadas, com a encantadora arquitetura em estilo Tudor. As ruas principais, como a Henley, eram repletas de lojinhas e cafés, um convite a uma longa caminhada sem pressa.

O destino deles, porém, era o rio Avon, cujas margens estavam repletas de patos e cisnes. Assim que chegaram, Alice maravilhou-se com todas aquelas embarcações. Os *narrowboats* eram como residências completas.

– A maioria nem sai do lugar – explicou Eamon. – Ficam só ancorados, como casas de veraneio.

Havia várias dessas embarcações ancoradas lado a lado, com famílias inteiras em seu interior. Algumas delas, inclusive, eram abertas à visitação. E ainda havia pequenos barcos que podiam ser alugados para um passeio até o outro lado do rio. O lugar era tão agradável que parecia um cenário de filme.

O sol estava a pino e fazia bastante calor. Então, assim que chegaram, Eamon levou as coisas para o barco que havia alugado e Alice o seguiu com Pietro no colo. Eamon abriu todas as janelas e conferiu se o frigobar estava funcionando. Em seguida, visivelmente animado, sacou duas cervejas geladas que havia trazido no cooler e as abriu para comemorarem o início oficial do passeio.

– Que seja um feriado inesquecível – falou, sorrindo.

– Algo me diz que será – retrucou Alice, brindando com ele.

Em seguida, começou a rir da animação de Pietro, que correu a

todo vapor pelo interior do barco, analisando os equipamentos. De repente, o menino pulou em uma das camas e gritou:

– Esta é minha!

Nesse momento, Alice percebeu que só havia duas camas ali, uma de solteiro e uma de casal, com uma cortina entre elas. Engoliu em seco e virou-se para Eamon, que bebia no gargalo da garrafa e a examinava com um olhar indecoroso, consciente da mesma coisa.

– Está abafado aqui, né? – comentou Alice, passando a garrafa gelada pela testa, porque de repente sentiu um calor intenso.

Em seguida, fingiu interesse pelos equipamentos da cozinha e começou a fazer perguntas aleatórias para desfazer aquela tensão sexual que pairava no ar, densa como uma rocha.

Então, os dois começaram a se entreter explorando o barco e o seu manuseio. Depois, foram dar uma caminhada pelas redondezas. Alice notou que, em certo sentido, Eamon era muito parecido com Casseano. Ambos pareciam apreciar o presente, em vez de estarem sempre preocupados com o futuro, como ela, que já pensava no passeio que fariam a seguir. Andando pela cidade, Eamon seguia devagar, como se a lentidão fosse o elemento-chave para se desfrutar melhor do momento. Parava em todas as barracas, cheirando flores, e sabia distinguir uma variedade infinita de ervas. Alice se ajustou ao ritmo dele.

Após visitarem o Birthplace – local de nascimento do bardo – e assistirem a uma breve apresentação shakespeariana, foram tomar sorvete à margem do lago, onde havia várias pessoas fazendo piqueniques no gramado, conhecido como Bancroft Gardens. Pietro não podia estar mais feliz: corria descalço de um lado para outro atrás das aves enquanto Eamon e Alice desfrutavam do sorvete sentados em cadeiras portáteis, apreciando aquela vista tão agradável. Por vezes, Eamon se levantava e corria atrás do filho, que parecia muito tentado a dar um mergulho. Nesses momentos, Alice ficava olhando para ele, muito entretida com aquele traseiro que

dava vontade de beliscar. E por alguns segundos, fazia de conta – que mal havia nisso? – que eles eram uma família feliz de férias naquela cidade adoravelmente pitoresca.

Mas ela logo retornava à realidade. Até pouco tempo antes, Alice sequer cogitava aquela hipótese. Lar, família, permanência... Era tudo muito assustador. Mas então, refletiu, soprando a fumaça de um cigarro, por que agora tinha começado a pensar se algum dia desejaria aquelas coisas para si? Será que era influência de Eamon e do ótimo relacionamento que ele tinha com o filho? Será que tinha passado a acreditar que nem todo homem seria um cafajeste como o seu pai?

Intrigada, remexeu-se na cadeira e olhou para outro lado. A água murmurava ao beijar a vegetação nas margens do rio em pequenas ondas formadas pelo movimento de lanchas e outras embarcações que circulavam por ali. Era tudo tão plácido, tão sereno... Alice teve vontade de ficar sentada olhando para aquela paisagem pelo resto da vida.

Entretanto, logo um jovem casal se sentou ao seu lado e chamou sua atenção. Os namorados se acomodaram na grama, munidos de minigarrafas de champanhe, e começaram a se beijar. Algumas pessoas ao redor olharam incomodadas para eles, que não se importaram. Continuaram trocando carícias e dando risadinhas. Alice se lembrou de quando ela e Casseano foram a Veneza. Ele também lhe dava beijos intensos no meio da rua. Os dois dividiam o mesmo sorvete, passeavam com as mãos no bolso de trás da calça um do outro e, quando se enfiavam em alguma ruazinha deserta, entregavam-se a carícias mais ousadas. Talvez por isso ela tenha sentido uma pontada no peito enquanto observava aquele casal que chegava a ser petulante em sua crença de que não existia mais nada ao redor.

“Merda! Por que não paro de pensar nele?”

Talvez, ponderou, fosse verdade aquele ditado que diz que a

distância faz ao amor o que o vento faz ao fogo: apaga o pequeno e inflama o grande.

Só que ela não sabia que o que sentia por Casseano era grande.

Quando a noite caiu, e junto com ela a temperatura, Eamon, Alice e Pietro jantaram juntos em um restaurante perto dali e depois voltaram para o barco para dormir. Tinham uma extensa programação para o dia seguinte, então resolveram se recolher cedo.

Enquanto Eamon colocava o filho na cama, Alice ficou sozinha do lado de fora fumando um cigarro. De repente ele apareceu junto dela, que estava tão concentrada na vista que não o notou. Alice tinha prendido o cabelo em um rabo de cavalo e estava usando camiseta justa, jaqueta e saia de couro preta. Subitamente, ela sentiu uma rajada de vento e abraçou o próprio corpo, observando um corvo rasgar o ar, voando para longe. Estava dando uma tragada lenta quando sentiu um calafrio, causado pela respiração de Eamon em seu pescoço.

– Está gostando do passeio? – perguntou ele.

Para acalmar o coração, Alice não se virou. Só bateu a cinza do cigarro e deu outra tragada demorada.

– E tem como não gostar? Esta cidade é fascinante.

– E da companhia? – acrescentou ele, aproximando o corpo do dela.

Eriçada, Alice jogou o cigarro longe. Observou a brasa voar na escuridão até ficar oculta nas sombras das águas. Ficou imaginando como seria se virar e aceitar logo o que aquele homem maravilhoso insistia em lhe oferecer. Entretanto, preferiu deixar as coisas esclarecidas entre eles primeiro. Então se virou, afastou-se e foi se sentar em um banco do deque. Quando cruzou as pernas, Eamon concentrou o olhar naquele ponto.

– Pois muito bem, não vou ficar aqui perdendo meu tempo com uma encenação de indiferença feminina – disse ela. – Você sabe que

estou interessada em você. Mas o que quer que vá acontecer entre nós precisa ter as regras bem definidas.

– Regras? – Ele ergueu uma sobrancelha, achando aquilo divertido, então se sentou ao lado dela. Usava uma calça jeans desbotada e uma camiseta da universidade de Oxford, que deixava à mostra os seus braços tonificados. – Que tipo de regras?

Alice mordeu os lábios.

– Eu amo a Luana, e tenho quase certeza de que você também a ama.

Eamon hesitou, com uma expressão de contrariedade. “Que assunto mais desestimulante...”, pensou.

– Por que está me dizendo isso?

– Porque sei que você ainda se preocupa com ela. Foram casados. E, afinal, ela é a mãe do seu filho.

– Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Eu...

– O fato é que eu não quero fazer nada que vá magoá-la – interrompeu Alice. – E não tenho certeza de que Luana estaria de acordo com isto – falou, apontando para os dois. – Portanto, caso alguma coisa aconteça, gostaria que ficasse entre nós, até que eu mesma resolva contar a ela.

Paciente, Eamon respirou fundo.

– Não me importo com Luana. E não quero que ela se meta na minha vida. Por que eu contaria? Aliás... – Ele passou a mão no rosto de Alice e abriu um sorriso sedutor. – Não sei se você sabe, mas fazer as coisas em segredo é um dos afrodisíacos mais poderosos que existem.

– Eu sei, mas...

– Escuta... – Ele virou mais o corpo para Alice e tocou no queixo dela. – Eu quis vir aqui com *você*, porque queria passar mais tempo ao seu lado. Não vamos programar nada, vamos apenas curtir. Sei que você não vai ficar muito tempo aqui na Inglaterra, por isso não acho justo fazermos planos. Vamos focar no momento, no presente,

no agora. Então – Eamon aproximou-se ainda mais do rosto dela, os olhos azuis fitando acintosamente a boca entreaberta –, se você não tem mais nenhum aspecto animador para analisar, pretendo fazer uma coisa que estou querendo desde que vi você com a cara amassada, vestindo aquele blusão ridículo.

Alice não teve tempo de proferir o insulto que queimou em sua língua, pois sua boca foi dominada pela dele, num beijo apaixonado.

Com um braço, Eamon puxou-a para o seu colo, para que se aconchegassem melhor. Alice não resistiu e se deixou levar. Explorou o cabelo dele, sua barba, seu tórax... Eamon era um homem forte e habilidoso, que lhe tocava de forma experiente e decidida. Além disso, estava usando um perfume com notas amadeiradas que era extraordinariamente estimulante. Por essa razão, Alice não entendeu quando algo em sua cabeça sinalizou que ele não tinha o “cheiro certo”.

“Deve ser a culpa”, ela disse a si mesma, ao se afastar e abrir um largo sorriso.

Como Eamon ficou encarando-a por algum tempo, Alice franziu a testa com estranheza.

– Que foi?

Intrigado, ele a colocou ao seu lado.

– Sei lá. Parecia que você não estava... – ele fez uma pausa para achar a palavra certa – comigo.

– Como assim?

– Você parava.

– Parava? – disse Alice, confusa.

– É. Como se estivesse... me avaliando.

Ele riu da própria conclusão.

Alice ficou olhando para ele por algum tempo.

– Ai, droga... – Então ela cobriu o rosto com as mãos. – Eu devo ter feito isso. Sabe o que é? É a primeira vez que fico com outra pessoa em... sei lá, anos! Eu só achei... estranho.

Enternecido, Eamon mordeu o lábio inferior, num sorriso divertido.

– Eu sei como é. Parece que a pessoa não tem o *gosto* certo.

– É – disse ela, sentindo-se compreendida. – Mas não foi o gosto, e sim o cheiro.

Eamon fez uma careta ao ouvir aquilo.

– Talvez seja diferente para homens e mulheres. Mas eu também me senti assim por um tempo, depois que me separei da Luana.

– E passou?

Pensativo, ele deu de ombros, e, para ganhar tempo, jogou no rio uma pedrinha que achou no banco. Observou-a voar num arco até cair na água, formando uma pequena onda circular.

– Você acaba se acostumando com os gostos diferentes.

A resposta não pareceu convincente. Por isso, Alice quis saber:

– Mas algum desses gostos que experimentou fez a diferença para você?

Eamon tornou a fitá-la.

– Se quer saber se eu me apaixonei novamente, a resposta é não. Mas isso não tem nada a ver com o cheiro, nem com o gosto.

– Como pode saber?

– Eu estou mais seletivo, só isso. Tão seletivo que acabei me interessando por uma mulher com o coração indisponível.

Ele deu um pequeno puxão no cabelo dela, de brincadeira.

Alice abriu um sorriso sem graça. Não poderia dizer o contrário. Tudo ainda era muito recente e ela não tinha mesmo a intenção de se envolver com ninguém. Além do mais, o caminho para seu coração sempre tinha sido acidentado e difícil. Não era possível conquistá-lo em um final de semana. Mas isso não significava que não pudessem se divertir.

– Meu coração pode ainda não estar disponível – disse ela, aproximando-se dele –, mas meu corpo está. E em perfeito funcionamento, posso lhe garantir.

Imune à alfinetada sexy, Eamon fez um carinho afetuoso em seu rosto.

– Isso é o que você pensa. Tenho certeza que ainda não está preparada para dar esse passo.

– Pois eu acho que estou.

– Não está.

– Como pode saber? – perguntou Alice, indignada. – O corpo é meu. Se estou dizendo que quero você, é porque quero você. Por que não aproveita a oportunidade?

Eamon abriu um pequeno sorriso e beijou sua testa.

– Gosto de criar as minhas próprias oportunidades – murmurou com os lábios contra a pele dela, depois levantou-se. – Vamos dormir. Amanhã será um dia longo, cheio de passeios, e Pietro acorda cedo.

Bastante ressentida, Alice também ficou de pé. Que tipo de homem desistia de uma noite descompromissada de sexo assim, tão facilmente? Ainda mais num cenário lindo como aquele... Então, ele não devia estar tão interessado nela assim, concluiu, indignada. Será que a estava usando somente para fazer ciúme em Luana? Como isso não havia lhe ocorrido, Alice sentiu o sangue ferver.

– É mole? Me convida para viajar, me paquera por todo o caminho, me beija, e agora vai querer me fazer implorar por sexo? Não acredito que vai agir como um cretino comigo...

Sem se ofender, Eamon segurou a mão dela.

– Se eu fosse um cretino, a levaria para a cama neste exato momento. Mas não tenho certeza de que você iria querer olhar para a minha cara amanhã de manhã.

Alice fechou mais o casaco e olhou para a água, cruzando os braços. No fundo, sabia que Eamon tinha razão. Se só um beijo nele a havia deixado tão confusa, o que aconteceria após uma noite de sexo? Ao pensar nisso, foi tomada por uma raiva violenta contra Casseano, que já estava bastante à vontade para passear em outros

galinheiros.

– Vamos dormir? – perguntou Eamon.

– Pode ir você – sussurrou ela, pensando que ficar sozinha seria a melhor maneira de digerir a humilhação que o irlandês acabara de lhe infligir. – Vou ficar mais um pouco por aqui.

– Eu não queria que ficasse chateada – disse ele de modo sincero.

– E eu não queria ter vindo.

Eamon fez uma expressão condoída.

– Eu não te rejeitei, apenas não quero que você se magoe.

Ela engoliu em seco o bolo que se formou em sua garganta.

– Tudo bem, Eamon. Mas não espere que eu te agradeça agora por isso. Neste momento, tenho inveja de Luana, que não é tão problemática quanto eu. Mal faz uma viagem para a Rússia e já arruma um namorado novo. Ela é tão descomplicada...

– Ela arrumou um namorado na viagem?

Esquecendo-se do drama do momento, Eamon não conseguiu disfarçar o espanto.

Alice tentou se convencer que foi somente choque o que viu nos olhos dele.

– Parece que é um dos bailarinos da companhia dela.

A mágoa cresceu e agarrou Eamon pelo pescoço. E então veio a fúria, quentíssima.

– Aquela maluca não tem mesmo juízo! – rosnou ele, e olhou para o rio. Em seguida, fechou os olhos, bloqueando a presença de Alice em seu mundo por um momento, mas em seguida voltou a si.

– Vai ficar mesmo por aqui? Eu vou entrar para dormir.

– Daqui a pouco eu entro.

Alice estava chocada com a reação dele.

Visivelmente abalado, Eamon já começava a descer para o interior do barco quando Alice o chamou:

– Ei!

Com os ombros arriados, ele se virou para trás. Até mesmo o ar em torno dele vibrava de frustração. Ao contemplá-lo dessa vez, Alice soube tudo o que precisava saber sobre aquele homem. Então, disse:

– Tenho certeza que Luana também nunca mais se apaixonou por ninguém. Ela mesma me falou isso.

Uma sutil expressão de alívio tomou conta do rosto dele, que a encarou com os olhos límpidos, depois desviou o olhar. Não disseram nada durante algum tempo.

– Por mim tanto faz – murmurou ele por fim. – Desde que ela mantenha os seus namorados longe do meu filho.

Compreensiva, Alice acenou com a cabeça. Eamon a encarou de novo, por uns dois segundos, e então uma conexão particular e silenciosa aconteceu entre eles.

Um reconhecimento.

Um coração partido acenando para o outro. E quando ele finalmente desapareceu de sua vista, Alice sentiu-se grata por eles não terem dormido juntos. Ao que parecia, não era só ela que não estava preparada para se envolver de novo. Eamon ainda sofria, por mais que tentasse disfarçar. E foi quase um alívio para ela quando se enxergou refletida nele. Não era fácil reconhecer a própria dor pela perda de Casseano, mas também não precisava sentir vergonha daquilo. Ela era humana, como Eamon. Só isso. Nem todo mundo consegue seguir em frente com rapidez, ela percebeu. O mundo queria que eles superassem, os amigos também, mas era como se, dentro deles, houvesse sempre uma música melancólica que lhes lembrasse a tristeza que tocava bem lá no fundo. Às vezes, esse som ressoava baixinho, mas em outras, rugia de forma ensurdecadora.

Como naquele momento.

Suspirando, Alice pegou um maço de cigarros no bolso da jaqueta, com os olhos rasos d'água. Talvez, depois, ela até pudesse

ajudar Eamon a enxergar esses conflitos internos. Provavelmente, pensou, mortificada, ele agora estaria lá dentro com a cabeça nas mãos, gemendo baixinho e procurando um meio de canalizar sua raiva. Mas primeiro, pensou, acendendo um cigarro, ela precisaria passar a noite enfrentando as próprias angústias. Os próprios medos. E o seu próprio fantasma.

Capítulo 15



Casseano corria pela praia do Leblon, absorvido em sua solidão. O céu, com o amanhecer, apresentava várias tonalidades alaranjadas. Mas no seu interior só havia o vermelho. Um vermelho violento. Desde que vira a foto de Alice beijando aquele cara, não conseguira dormir direito. A dor dominou-o, ardendo como picadas de vespas. Por isso, agora estava ali, exercitando-se às cinco horas da manhã e ouvindo o rugido agourento das ondas. Precisava extravasar. Precisava colocar a ira para fora através do suor.

“Como ela pôde ter se esquecido de mim tão rápido?”, perguntou a si mesmo, enfurecido, enquanto os pés pisavam a areia fofa. Nem sequer podia imaginar o que aquela desmiolada andava fazendo sozinha em Londres. Os pensamentos eram devastadores. Repulsivos. Mortificantes. Sua cabeça latejava um rosário de acusações contra a ex. A raiva se misturava à tristeza, que depois crescia e se misturava com a melancolia. Um turbilhão de emoções.

Porém, de repente, sem conseguir evitar, Casseano avistou um ponto específico na areia e se lembrou de quando convidara Alice para correr com ele na praia, ainda no início do namoro. Embora detestasse praticar atividades físicas, ela tinha ido para agradá-lo, e

agora todas as recordações daquele dia invadiram seu pensamento. Seu coração se abrandou e ele quase sorriu. Lembrava-se nitidamente de como achara lindo o balanço daquele rabo de cavalo grosso e ruivo, que se movia ao ritmo das passadas dela. Mas logo sua atenção se voltara para outro lugar: o rosto ofegante da bela ruiva. Nos primeiros dois minutos de corrida, Casseano tinha acreditado que ela estava só se aquecendo, se adaptando ao esforço. Três minutos depois, começara a se perguntar se a garota tinha asma. E vinte segundos mais tarde, precisara ajudá-la a se sentar em uma cadeira de praia, enquanto Alice justificava o chiado em seu pulmão como alergia a algas marinhas – segundo ela, ambos haviam pisado em algumas pelo caminho.

Casseano riu outra vez. Teimosa. Era isso que ela era. E foi naquela ocasião que ele começou sua campanha particular para a namorada parar de fumar.

Com um suspiro de tristeza, Casseano voltou ao presente e olhou para longe, lembrando-se de novo da foto maldita. Quando a vira no Facebook pela primeira vez, havia ficado tão furioso que pegou o carro e foi direto para a casa da ex. Tinha a chave, por isso invadiu o loft e pegou todas as suas coisas. Não deixou sequer a sua escova de dentes. Não tinha feito isso até aquele momento porque uma parte dele ainda tinha esperanças de que ambos iriam acertar os ponteiros. Mas depois daquela foto não havia mais como reatarm.

Nunca.

Jamais.

Num ato desesperado, Casseano também acabara rasgando a única foto impressa que ele e Alice tinham juntos. Queria deixar bem claro para ela, quando a ex voltasse de viagem, que tudo entre eles havia acabado. A imagem dela beijando aquele branquelo simplesmente não lhe saía da cabeça.

“Mas, também, o que eu poderia esperar?”, pensou ele, fazendo um mea culpa. Não fora ele quem dissera a Alice que conhecera

outra mulher? Que precisava se dar essa chance? O problema era que, nos recônditos de seu coração, Casseano sabia por que tinha feito aquilo. Ele esperava que Alice ficasse desesperada e aceitasse se casar com ele. Fora uma atitude infantil. Insensata. Arrependia-se de tê-la magoado. E pior, sentia-se fracassado, pois nem assim fora capaz de convencê-la a morar com ele. Seu mal tinha sido acreditar, de forma arrogante, que não iria perdê-la de vez.

Mas agora já era tarde. Alice havia seguido em frente e, pelo visto, estava muito feliz. Então só lhe restava fazer a mesma coisa.

Queria nutrir algum sentimento verdadeiro por Vera, a mulher de quem agora era muito próximo. Ela era uma boa amiga, excelente ouvinte, além de bonita, inteligente e espirituosa. Estava recém-separada e tinha um filho de 12 anos. Ao que parecia, era excelente mãe. Seu único defeito era não ser Alice. Não ter a sua pele, sua risada, seu cheiro...

Casseano bem que tentara enxergar Vera com outros olhos, pois ambos vinham de relacionamentos destruídos e tinham muitas coisas em comum, mas fora impossível. Chegaram a sair juntos algumas vezes, para conversar, mas quando ele percebeu que Vera estava começando a se iludir sobre ele, Casseano recuou. Não deixou de vê-la, pois sabia que ela gostava muito de conversar com ele, de desabafar sobre seus problemas. Como sempre, a necessidade de ajudar, de curar, tinha prevalecido sobre todo o resto. Casseano era incapaz de ignorar o sofrimento alheio.

Mas agora, ele não sabia o que fazer a respeito da própria situação. Como se ajudar. Como se curar. Havia muito tempo que se cansara das baladas e dos casos furtivos sem envolvimento emocional. Antes mesmo de Alice entrar em sua vida, muitos anos atrás, Casseano já havia aprendido a gostar da própria companhia e se recusava a sair com os amigos todos os sábados, "caçando" mulheres vazias e encontros efêmeros. Aquilo não era para ele, que sempre fora um romântico. E depois que finalmente experimentara

um amor verdadeiro, como poderia voltar atrás? Como poderia lançar-se de novo na noite em busca de um divertimento passageiro?

Podia parecer utópico e careta para alguns, mas Casseano queria algo que fosse eterno, que trouxesse um sabor doce às suas manhãs. Queria alguém que fosse a sua melhor companhia para passear de bicicleta pela Lagoa. Alguém para quem ele pudesse exibir os seus dons culinários e seu conhecimento sobre vinhos. Queria uma mulher que ele reconhecesse pelo cheiro dos cabelos, pelo toque da pele, pela voz, e que transformasse o seu dia de folga no melhor dia da semana. Queria viver um amor tranquilo, mas cheio de desejo e paixão. Queria ter para quem voltar depois de 48 horas exaustivas de plantão. Queria sentar em sua poltrona na sala com uma xícara de café forte na mão e ficar observando enquanto ela, de short jeans, camiseta e um rabo de cavalo mal amarrado, mexia em seu iPad deitada no chão. Queria esperá-la na cama até que saísse do banheiro com uma lingerie vermelha de tirar o fôlego. Queria brincar de fazerem cócegas um no outro, até que o perdedor tivesse que ir até a cozinha para preparar o lanche dos dois. Queria entregar-se completamente àquele sentimento, sem medos, sem reservas, sabendo que haveria um futuro ao lado daquela mulher. Um futuro onde ele faria de tudo para que ela fosse feliz.

Mas pelo jeito não era isso que a mulher que ele amava queria. E ele não podia passar o resto da vida à mercê dela.

– Merda! Pare de pensar nela...

Com um gemido de desgosto, Casseano parou de correr no final da praia, tirou o boné e enxugou o suor da testa. Sua camiseta verde neon estava encharcada, e seu rosto, um pouco ruborizado. Ele verificou o monitor de frequência cardíaca no pulso e viu que seus batimentos estavam normais. O sol começava a ficar mais forte e Casseano sentiu seu estômago roncar. Já eram seis da manhã. Estava com sede e com fome. Então, subiu a pequena inclinação de

areia que o levava até o calçadão. Estava perto de um de seus cafés preferidos, e resolveu calçar os sapatos que estavam no carro e ir até lá.

Assim que passou pela porta, pegou sua carteira no bolso de trás do short de tacetel preto e foi para a fila fazer o pedido. Estava distraído em meio a um longo suspiro quando avistou Ellen, uma ex-namorada da adolescência, sentada em uma mesa no fundo, sozinha, tomando um cappuccino. Estava muito bem arrumada, provavelmente a caminho do trabalho. O relacionamento deles tinha sido curto, e havia terminado porque ela fora fazer intercâmbio em Paris, onde morara por dois anos.

Ao vê-lo, Ellen sorriu, animada, e fez um gesto para que ele se juntasse a ela. Casseano hesitou. Não sabia se seria uma boa companhia naquele dia. Estava muito pra baixo. Mas, no fim das contas, também precisava de um café... e de um ouvido receptivo. Assim, sorriu e foi até lá.

– Quanto tempo... – disse ele, dando dois beijinhos no rosto dela.

Em seguida, também se sentou.

– Eu que o diga! Se não fosse o Facebook eu não saberia nem se você estava vivo.

– E mesmo assim, não costumo entrar muito nas redes.

– Eu sei, mas sempre vejo as fotos em que nossos amigos te marcam.

– Faz um tempo que não saio com eles.

Ellen revirou os olhos.

– Faz um tempo que você não sai com ninguém. Desde que começou a fazer residência. Depois que começou a namorar, então...

Casseano pigarreou.

– Não estou mais namorando.

– Não?

– Só um minuto. – Ele aproveitou que a fila no caixa havia

acabado e correu para pedir um café e uma garrafa de água. Voltou só com a garrafinha. – Terminamos há pouco tempo. Ela está fora do Brasil.

– Mas terminaram de vez?

– Acho que sim.

Ele abriu a garrafinha e bebeu a água toda. Resgatando o tom de cumplicidade que tinham, ela se inclinou para a frente e perguntou:

– E de qual dos dois foi a culpa desse rompimento?

– Dos dois. – Ele enxugou o queixo. – Dela por ser uma idiota e minha por pedi-la em casamento.

Ellen quase engasgou, depois riu.

– Ela te largou porque você a pediu em casamento?

– Exatamente.

Casseano agradeceu quando a atendente colocou o café na sua frente. Ellen ficou encarando-o, pasma.

– Não estou entendendo. Ela não queria se casar com você?

– Ela não quer se casar *com ninguém*. Os pais dela tiveram um casamento difícil, e Alice ficou traumatizada. Na verdade, minha proposta inicial foi morarmos juntos. Eu só queria que ela abrisse mais espaço para mim.

– De repente, ainda dá tempo de abrir esse espaço...

– Não com ela.

Ao ouvir isso, Ellen ficou pensativa. Em seguida, fitou o rosto bronzeado de Casseano. Quem rejeitaria um pedaço de mau caminho daquele?

– Bem, então talvez ela tenha medo de ser feliz.

Ele fez uma careta.

– Ou talvez a felicidade não seja a sua configuração padrão. – Observou um grupo de adolescentes barulhentos que entrou pela porta. – Mas vamos mudar de assunto. – Apoiou os cotovelos na mesa e encarou a velha amiga. – Fale sobre você. O que anda fazendo? Soube que se tornou advogada.

Ellen se recostou na cadeira.

– Estou trabalhando feito uma louca. Meu pai me chamou para ser sócia dele, e eu caí na besteira de aceitar. Os processos mais trabalhosos caem todos nas minhas costas.

– Imagino. – Ele riu. – Seu pai sempre foi um workaholic. E o coração, como anda?

– Não anda. Também terminei há pouco tempo.

– Por quê?

Ela suspirou.

– Porque depois de quatro anos de namoro, Dudu *não* me pediu em casamento.

Casseano deu risada e pegou sua xícara.

– O algoritmo do coração. Ninguém conseguiu desvendá-lo, ainda.

– Mas acho que não devemos desistir, não é mesmo?

Ele concordou com a cabeça e tomou um gole do café, enquanto a estudava. Ellen passou a exibir um brilho diferente nos olhos castanhos.

– Por que está me olhando desse jeito? – perguntou ela, jogando charmosamente uma mecha do cabelo loiro e bem tratado para trás.

– Porque estou começando a me sentir um pouco nostálgico em relação ao nosso passado, quando tudo era muito mais simples.

Ellen passou um dedo no canto da boca e em seguida sugeriu:

– Então por que não passa na minha casa hoje à noite para revermos nossos álbuns de fotos juntos?

Muito tentado, Casseano pousou sua xícara no pires.

– É, talvez não seja uma má ideia. A que horas eu passo lá?

Ellen se limitou a sorrir e depois pegou sua bolsa.

Capítulo 16



Assim que passou pela porta, Luana avistou Alice sentada no parapeito da janela da sala. Estava fitando a rua, taciturna, com um olhar de abandono. Os dias que haviam se passado depois da viagem com Eamon não tinham sido bons para ela. Além disso, a data de sua viagem de volta se aproximava e ela ainda não sabia como conseguiria sobreviver sem Casseano. Claro que poderia contar com o carinho e a amizade da sócia, mas o ex-namorado era o seu melhor amigo. O único que a aturava sem ressentimentos, houvesse o que houvesse. Agora, estaria sozinha com a sua rabugice. E com a sua dor.

Quando percebeu a presença de Luana, Alice virou o rosto para o apartamento e tentou forçar um sorriso receptivo, sem muito sucesso. Sabia que não conseguiria esconder seu estado de espírito da amiga. Aliás, sentiria falta de Luana quando voltasse para o Brasil. Ela podia ser meio avoada, porém sabia oferecer o ombro como ninguém. Mas ela não sorriu ao contemplar o rosto de sua hóspede.

Após fechar a porta, Luana arrastou a mala de rodinhas para o meio da sala e tirou a jaqueta que estava usando sobre o

minivestido. Em seguida, jogou-a sobre a mesa. Alice estranhou aquele silêncio, pois em geral Luana sempre chegava tagarelando aos lugares. Mas não naquele dia.

Ela tirou os sapatos e, ainda calada, virou-se para examinar Alice com um olhar analítico. Viu que o semblante dela estava péssimo e teve a impressão de que qualquer um poderia derrubá-la apenas com um pensamento mais agressivo. Pois era isso mesmo que Luana pretendia fazer.

– Tudo bom com você?

– Tudo. – Alice abriu um sorriso suave. – Como foi o resto da sua viagem?

– Tive muito trabalho. – Luana sentou-se no sofá e abriu os braços para apoiá-los no encosto, depois cruzou as pernas. – E você? Tem aproveitado bem a sua estadia em Londres?

Estranhando o tom da amiga, Alice virou mais o corpo na direção dela.

– Passeei bastante enquanto você esteve fora.

– E posso saber aonde você foi?

Alice franziu as sobrancelhas.

– Aconteceu alguma coisa?

– É você quem precisa me dizer.

Como Alice ficou em silêncio, Luana se inclinou para a frente, depois pousou o cotovelo no joelho e apoiou o rosto na mão.

– Já dormiu com ele? – disparou sem maiores rodeios.

– O quê?

– Com Eamon.

O sangue de Alice ficou gelado e um vento de mau agouro passou por ela.

– Do que está falando?

– Eu já sei de tudo. – Luana se levantou e foi até a mesa pegar um cigarro do maço de Alice. Em seguida, acendeu-o e soprou a fumaça. – Estive na casa de Eamon antes de vir para cá. Eu queria

ver o meu filho e levar os presentinhos que comprei para ele na Rússia. E sabe o que aconteceu? Pietro perguntou por você...

Com um sorriso trêmulo, Alice balançou a cabeça.

– E o que tem de mais nisso? O que fez você supor...

– Suzanna me contou tudo – interrompeu Luana. – Aquela velha me odeia. Não perde a oportunidade de me espezinhar. Ficou me provocando o tempo todo e dizendo, com uma falsa sutileza, que depois da viagem Pietro se apegou muito a você. E depois que Eamon chegou do trabalho, coloquei-o contra a parede e ele me confessou tudo. Como pôde fazer isso comigo?

– Ei! – Sentindo-se traída e usada pelo maldito irlandês, Alice ficou de pé. – Não aconteceu nada entre nós. Só ficamos amigos. E só viajamos juntos porque eu já queria conhecer a cidade de Shakespeare. Foi uma simples conveniência.

– Ah, claro... – Luana apagou o cigarro no cinzeiro, ainda praticamente intacto. – Foi mera coincidência vocês terem ido no mesmo final de semana, terem dormido no mesmo barco...

– Não aconteceu nada entre nós – reiterou Alice.

Com um sorriso incrédulo, Luana cruzou os braços.

– Acha mesmo que vou acreditar em você? Olha bem na minha cara e me diz que nada aconteceu entre vocês.

Acuada, Alice abaixou os olhos.

– Um beijo. Foi só isso que aconteceu. Mas aí ós dois percebemos que ainda estamos presos a nossos relacionamentos antigos.

– Não me venha com essa... – A voz de Luana estava cheia de desdém. – Você é uma *vadia*, isso sim. Eu te recebo na minha casa, te alimento, faço tudo para recebê-la como uma rainha e é assim que você me retribui?

– Você quer ouvir a minha explicação ou prefere continuar me agredindo sem me dar chance de falar?

– Vou te deixar falar e depois me reservarei o direito de continuar

te agredindo.

Alice contraiu os lábios e tentou se justificar:

– Eu estava sozinha, sofrendo por Casseano estar saindo com outra mulher. Eu estava vulnerável quando Eamon apareceu aqui e...

– Não me venha com essa... Você deixou que ele te usasse para me ferir.

– Não! – exclamou Alice, estendendo as mãos espalmadas para a frente. – Nós não planejamos nada. Nenhum de nós dois queria magoar você...

Luana revirou os olhos, andando de um lado para outro.

– Incrível essa sua cara de pau...

Por um momento, Alice se enfureceu. Luana sempre havia desprezado seu ex. Que direito tinha de se irritar?

– Quer saber? Se você se importa tanto com o Eamon, por que não está com ele? Ele vale dez vezes mais do que todos esses babacas com quem você dorme. E te ama. É tão burro que, mesmo sendo desprezado por você, não consegue te esquecer. Mesmo você sendo uma mãe relapsa e agindo como uma piran...

O tapa veio de forma tão inesperada que Alice quase caiu. Em seguida, com a mão na face latejante, encarou Luana, com lágrimas nos olhos. Com um olhar assassino, sua anfitriã aproximou-se e apontou um dedo para o seu rosto.

– Nunca mais use meu filho para me ferir, ouviu bem? Nunca mais!

– Desculpe, eu fiquei nervosa... – retrucou Alice, arrependida.

Não sabia por que dissera aquilo.

Tentando se recompor, Luana afastou-se dela. Suas mãos tremiam.

– Você, mais do que ninguém, sabe que sou atacada todos os dias por Eamon. Ele não perde uma oportunidade de me criticar. Sempre diz que sou uma péssima mãe. Nunca pensei que você se uniria a ele nisso também...

– Luana... – disse Alice, aproximando-se dela – Eu não te julgo. Não estava aqui quando tudo aconteceu entre vocês. Mas o que vejo hoje é que você está tão concentrada nos próprios sonhos que às vezes deixa Pietro de lado. Seu filho é um menino lindo, amoroso, que precisa de você...

– E você acha que eu não sei disso? – Envergonhada, Luana virou-se de costas. Com muita dificuldade, engoliu o bolo que se formou em sua garganta, sufocando-a. – Acha que não me sinto uma merda de mãe? Que não me sinto uma merda de tudo? Uma merda de esposa, de filha, de atriz... Nada deu certo na minha vida. Meu pai não demonstra, mas sei que tem pena de mim. Mas agora tudo isso vai mudar... – Ela enxugou os olhos e tornou a encarar Alice. – Vou estrelar como Salomé. Finalmente terei minha chance. A oportunidade de fazer algo importante. Não vou descansar enquanto não estiver cheia de fãs. Esse sempre foi o meu sonho...

Compreensiva, Alice deu um passo à frente.

– Todo mundo quer ser admirado, Luana. Eu entendo, de verdade. Mas o seu maior fã está sendo desprezado por você. – Ela se calou por um momento e esperou que a amiga assimilasse suas palavras. – E ele só tem 2 aninhos. Sabe o que eu acho? Que mesmo quando você estiver muito famosa, ainda vai se sentir incompleta, porque o que precisa é da *própria* aprovação. Enquanto não tiver isso, você nunca será feliz...

– Eu serei, sim. – Luana deu um passo para trás. – Agora, se não se importa, eu gostaria de ficar sozinha.

Alice fitou-a com carinho. Sabia que Luana tinha consciência do que estava abrindo mão em prol de sua ambição. E pela primeira vez, percebeu que a amiga sofria com isso. Queria muito poder ajudá-la.

– Quer que eu vá embora? Não vou impor a minha presença. Posso ir para um hotel. Mas quero que saiba que pode sempre contar comigo, ouviu? Peço desculpas se traí sua confiança. Eu não

deveria ter feito isso.

Mais calma, Luana tornou a fitá-la. A raiva já estava passando, mas seu olhar ainda estava desconfiado. De qualquer forma, não queria se precipitar. Alice valia muito para ela.

– Não quero que você vá embora. Só quero um tempo para mim. Vou ficar no meu quarto.

Alice abriu um sorriso fraco, de alívio e gratidão.

– Tudo bem, mas posso te pedir uma coisa?

Aquietando os nervos, Luana fez que sim com a cabeça.

– Para desfazer esse clima, posso te arrastar para a Picadilly Street amanhã e te encher de presentes? Acho que estamos precisando de compras...

Como nos velhos tempos, aquilo desarmou Luana. Comovida, ela expirou com força e deu um abraço na amiga. Depois, beijou a face onde havia batido.

– Me perdoa – falou, chorosa. – Doeu mais em mim, acredite. Eu não confio em ninguém como confio em você, e a possibilidade de ter perdido isso me deixou apavorada.

Alice beijou a testa da amiga.

– Eu mereci.

– Mereceu nada... – Luana se afastou e segurou-a pelos ombros, depois limpou uma lágrima que deslizou pela sua bochecha. – Eu realmente não tenho o direito de controlar a vida do Eamon, muito menos a sua. Quer saber? Vamos logo fazer essas compras. Amanhã é meu aniversário e quero que a gente esteja divina na festa. Reservei um espaço em uma boate. O pessoal da minha companhia estará lá.

Mais animada, Alice sorriu, satisfeita pelo bom e velho truque das compras ainda funcionar após tantos anos.

– Vou conhecer o seu namorado novo? – perguntou.

– O Karel? – Já recomposta, Luana fez um gesto de descarte com as mãos. – Já terminamos. Ele era muito infantil. Não tinha

pegada, sabe? Muito inexperiente...

Alice balançou a cabeça enquanto Luana foi calçar os sapatos.

– Você é maluca.

– Pois é...

– Então estamos bem?

– Mais ou menos. – Luana pegou sua bolsa e deu uma piscadinha. – Prefiro perdoá-la na volta. Por enquanto, vou bancar a ofendida e estourar o seu cartão de crédito. Pode ser?

Alice sorriu, satisfeita, e passou um braço pelo ombro dela.

– Você nunca foi uma amiga com baixo custo de manutenção.

Capítulo 17



Na noite seguinte, o volume da música estava tocando em decibéis ensurdecedores quando Eamon entrou na boate. Por isso, ele logo se questionou se deveria mesmo ter aceitado aquele convite. No entanto, Luana havia insistido para que ele comparecesse a sua festa de aniversário, para desfazerem o clima pesado da última vez em que haviam se visto. Além disso, ele se convenceu de que estava indo em consideração a Alice. Afinal, ela devia estar chateada por ele ter contado à ex-mulher o que havia acontecido durante a viagem a Stratford-upon-Avon.

Eamon riu sozinho dos próprios argumentos. Adoraria acreditar naquilo. Porém, a dura realidade é que não tinha ido só por causa de Alice. Sua necessidade de estar perto de Luana superava qualquer outra coisa racional. Além disso, ele havia ficado intrigado com a irritação com que Luana o imprensara na parede, exigindo um relatório completo de tudo o que ele e Alice haviam feito durante a viagem. Por um segundo, pôde jurar que o que viu nos olhos dela era ciúme. E aquela percepção efêmera teve um efeito devastador sobre ele, reacendendo a esperança. Xingava-se mentalmente por nutrir esse sentimento. Era patético que ainda desejasse aquela

mulher. Amava e odiava Luana com a mesma intensidade. Aquilo era um martírio.

Um pouco irritado com o tumulto, Eamon correu os olhos pela multidão na pista de dança em busca de algum rosto conhecido. Como não achou, torceu para não encontrar Luana se agarrando com algum imbecil desavisado. Se isso acontecesse, ele esfolaria o sujeito. Claro que sabia que a mãe de seu filho saía com outros homens, mas nunca a tinha visto beijando ninguém. Só o pensamento o atormentava. Por isso, quando o primeiro garçom passou servindo champanhe, logo pegou uma taça.

Bebeu de uma vez só, esquadrinhando o ambiente com os sagazes olhos azuis. Em seguida, largou a taça vazia na primeira mesa que viu e tornou a incursionar pelo local atrás de Luana, com o propósito renovado. No caminho, esbarrou sem querer em um garçom, que acabou derrubando meia dúzia de taças. O rapaz era tão franzino que Eamon parecia ter o dobro do seu tamanho. Com bastante cautela, ele ajudou o garçom a recolher do chão os cacos de vidro maiores e colocou-os sobre a bandeja. Não podia se machucar. Precisaria de todos os dedos intactos para arrebentar a cara de alguém que porventura estivesse se agarrando com aquela desmiolada.

Assim que se empertigou de novo, porém, seu mundo parou por cerca de dois segundos quando ele avistou Luana. Foi como se não houvesse mais ninguém no local. Tudo se apagou, menos ela... Luana estava perto do bar com duas amigas esguias, também dançarinas. Usava um vestido preto extravagante, colado ao corpo, com um indecoroso decote nas costas, e sapatos de salto agulha tamanho quinze. Estava mostrando a uma das amigas um anel de brilhantes que devia ter custado uma fortuna. O cabelo solto estava arrumado em grandes ondas platinadas, tornando-a ainda mais sensual. O batom, de um tom intenso de vermelho, completava o visual provocativo. E quando ela deu uma gargalhada, o coração de

Eamon, em geral bastante contido, deu um súbito solavanco.

“Maldita seja!”

Luana estava radiante... Tão saborosa... Tão cheia de vida... Várias lembranças da vida em comum deles começaram a invadir os pensamentos de Eamon. Sentindo-se apunhalado, ele começou a andar na direção dela. Mal percebeu que sua expressão ameaçadora havia se transformado em desalento. Ele estava quase chegando até ela quando Luana olhou para o lado e notou a sua presença. Um sorriso alegre, de dentes bem brancos, tomou conta do rosto dela, que deixou as duas amigas de lado e foi ao encontro do ex-marido para lhe dar um abraço. Sempre corria para ele quando estava cercada de mulheres, para embotar a presença das outras. Era bastante engenhosa nessa manobra.

– Que bom que você veio – comentou, vaidosa.

Eamon fitou-a nos olhos, impactado pela maravilhosa fragrância feminina.

– Feliz aniversário. Você está linda.

Sentindo-se poderosa, Luana afastou uma mecha da franja dele do rosto, uma velha mania. Os cabelos cor de fogo estavam mais escuros por conta da iluminação baixa, mas os olhos dele continuavam incrivelmente brilhantes. E o leve rubor em suas faces indicava que Eamon já havia bebido.

– Fico feliz que tenha concordado em dar uma trégua nas nossas diferenças. Apostei cem libras com Alice que você não viria hoje. Agora estou devendo esse valor a ela.

– Pode deixar que eu pago. – Foi pura força de vontade que o fez desviar os olhos dela e esquadrihar o bar. – Ela está aqui?

– Quem?

– Alice.

Ali estava. Mais uma vez, Eamon viu algo se transformar no fundo dos olhos castanhos da ex-mulher. Um sentimento escuro e mordaz, que o fez sentir um frêmito de expectativa. Seu humor

melhorou drasticamente. Então, ele resolveu ir adiante. Precisava tirar aquilo a limpo.

– Quero me desculpar com ela por ter contado tudo a você. Tinha prometido que não iria dizer nada.

Ressentida, Luana deu um passo para trás e desviou de um garçom que passava por eles.

– Você deve ser fiel em primeiro lugar a mim, que sou mãe do seu filho.

– Não vou discutir isso com você. – Experimentando um ímpeto de vaidade, Eamon tornou a desviar o olhar, rindo por dentro. – Preciso acertar as coisas com Alice antes que ela volte para o Brasil. Você sabe onde ela está?

– Foi ao banheiro.

Com o orgulho abalado, Luana cruzou os braços e fez um biquinho.

Mordendo a bochecha por dentro para não rir, Eamon afastou-se dela e foi até o bar para pedir uma caneca de cerveja. Depois, apoiou um cotovelo na bancada e ficou de longe analisando Luana, que ainda estava encarando-o com evidente rancor. Havia febre em seus olhos. Exultante, Eamon levou a bebida à boca para conter um sorriso vitorioso. “Então é isso”, concluiu, admirado. “Depois desse tempo todo ela ainda nutre um sentimento de posse em relação a mim. Ótimo saber.”

Revigorado por essa constatação, ele sustentou o olhar dela por mais alguns segundos, apreciando as curvas da ex-mulher naquela roupa. Como ela se atrevia a sair em público daquela maneira? Luana já era um ímã natural para os homens. Devia ter perdido o juízo de vez! Mas ele o colocaria de volta na cabeça dela assim que tivesse a chance.

Ainda admirando-a, imaginou a si mesmo levantando o vestido de Luana até que toda a pele dela ficasse exposta. Pensou na ex-mulher em uma linda lingerie.

Tomou outro gole de cerveja.

Quando Alice retornou para perto das amigas, Eamon deixou de lado os devaneios com a mãe de seu filho, foi até ela e puxou-a pela mão para longe de todos. Contrariada, Luana observou enquanto ambos iam em direção a um canto mais reservado, onde havia um sofá com estofado vermelho. Imaginou-se indo até eles e esganando os dois mentirosos. Era óbvio que algo estava acontecendo entre os dois, concluiu, furiosa. Como puderam ser tão inocentes, achando que ela nunca descobriria?

Apesar de sua irritação, Luana não foi até lá. Teve a presença de espírito de reprimir um xingamento e virar-se de costas para ir dançar com os amigos. Se aquele sacana imprestável estava querendo chamar a sua atenção, ficaria desapontado. Ou, pelo menos, não iria perceber. De qualquer forma, ela decidiu que estaria discretamente atenta ao casal de pombinhos, para qualquer eventualidade.

Alice se sentou ao lado de Eamon sem lhe dirigir nenhuma palavra, então ele foi o primeiro a falar:

– Ainda está zangada comigo?

– Zangada não. Decepcionada.

O olhar dela estava dirigido à multidão. Uma fumaça azulada embaçava os raios de luz por cima das cabeças dançantes, e o cheiro de uísque e cerveja recendia por todo o lugar. Ela resolveu pegar um maço de cigarros na bolsa.

– Me desculpe – falou Eamon. – Luana apareceu lá em casa de surpresa e, quando soube da viagem, começou a agir feito louca.

– Eu sei. – Alice acendeu o isqueiro e a chama iluminou o seu rosto. Em seguida ela deu uma tragada e soprou a fumaça. – Também tivemos uma discussão horrível. Inclusive levei um belo tapa na cara.

A expressão dele foi de choque, mas seu interior se iluminou mais ainda.

– Ah, meu Deus... Perdão, Alice. Eu nunca imaginei...

– Ela ainda ama você. – Alice encarou-o, sinceramente feliz em dar a notícia. – Agora eu tenho certeza. Luana nunca teria feito isso por causa de qualquer outro homem.

O coração de Eamon bateu mais forte no peito, acelerado. Ele era um estúpido! Um tolo apaixonado e estúpido!

– Isso não importa agora – obrigou-se a dizer. – Sua amizade é muito importante para mim. Quero que fique bem e que não vá embora chateada comigo.

Por um momento, Alice apenas o avaliou em silêncio, depois apoiou seu cigarro num cinzeiro próximo. Era impressionante que se conhecessem há tão pouco tempo. Já tinha uma conexão tão forte...

– Sabe de uma coisa? – disse ela, tomando coragem para falar. – Se Luana não existisse, se Casseano não existisse...

– Eu sei... – Com ternura, Eamon segurou sua mão e beijou-lhe os dedos. – Também sinto a mesma coisa por você. Sinto que poderia te amar de uma forma diferente, se meu coração não tivesse dona.

Alice sorriu com afeto ao ouvir aquela declaração. Quem diria que aquele ogro que ela conhecera em seu primeiro dia em Londres pudesse proferir palavras tão lindas? Mas ela sabia que era normal homens muito românticos esconderem-se em carapuças de rabugentos. Afagou a mão dele.

– Luana é uma mulher de muita sorte – comentou.

– E Casseano é um homem de muita sorte também.

Sorrindo, ela acariciou seu rosto. Depois tornou a fitar a amiga de longe.

– Bem, pelo menos temos uma coisa em comum: nós dois amamos aquela maluquinha.

– É verdade. – Ele espiou Luana de longe, incomodado por um momento. – Sabe quem enfiou aquele pedregulho no dedo dela?

– O quê? O anel? Não se preocupe, não foi ninguém com quem

– Você deva se preocupar. Foi um diretor. Só amizade. E ele nem está aqui, portanto nada de arrumar um barraco por causa disso, ok?

– Nem me fale. – Eamon sugou o ar entre os dentes. – Quando cheguei estava pronto para quebrar a cara de alguém que estivesse se agarrando com ela.

Com uma risada, Alice pousou uma mão em seu ombro. Ambos ouviram um estalido de garrafa de champanhe sendo aberta perto dali.

– Que espécie de arquiteto é você, que adora chutar o pau da barraca?

– Quando eu chuto, é a barraca inteira – disse ele, rindo.

– Seu arruaceiro. – Cheia de compaixão, Alice pousou um queixo em seu ombro e estendeu o dedo mindinho. – Amigos, então?

– Amigos. – Eamon virou o rosto e lhe deu um selinho carinhoso nos lábios. Realmente, sentiria falta de suas conversas. – Espero que não se esqueça de mim quando voltar ao Brasil. Nem de mim, nem de Pietro.

– Eu jamais conseguiria.

– EU SABIA! – gritou Luana, já ao lado dos dois. Assim que viu a cabeça de Eamon cobrir a de Alice em razão do beijo que ele lhe deu, ela perdeu a compostura e foi correndo até eles, abrindo caminho pela multidão às cotoveladas. – Eu sabia que vocês tinham alguma coisa!

Eamon fez uma expressão confusa.

– Do que está falando? – perguntou, ficando de pé.

Os lábios atraentes de Luana comprimiram-se numa expressão de revolta. Estava difícil não espumar. Ela queria bater os pés e voar no pescoço daquele safado.

– Da sem-vergonhice que eu acabei de testemunhar.

– Que sem-vergonhice?

– O beijo! – exclamou, repugnada. – Foi rápido, mas eu vi. Foi por isso que se esconderam neste canto escuro?

– Foi só um selinho inocente... – explicou Eamon segurando o braço dela, bastante envaidecido com o ataque de ciúme.

– Inocente uma ova! – retrucou Luana, empurrando-o. – E você? – perguntou, olhando para a amiga. Que, no momento, estava mais para inimiga, em sua opinião. – Não tem nada para me dizer em sua defesa?

Determinada a manter a elegância, Alice se levantou, colocou a bolsa no ombro e deixou o cigarro aceso no cinzeiro de alumínio. Seus olhos estavam cheios de humor. Já sabia onde tudo aquilo terminaria.

– Eu não tenho nada a dizer, mas depois desta cena toda, acho que Eamon deve ter. Vejo vocês mais tarde.

– Mas o que...

A última coisa que Luana esperava era ser erguida do chão daquela maneira. Em seguida, mal teve tempo de protestar antes que Eamon a jogasse no sofá e cobrisse a sua boca com a dele. Beijou-a de forma ardente, intensa, com voracidade. Luana chegou a emitir um gemido baixo, que definiu quando seu corpo enfraqueceu e foi amparado por aqueles braços de ferro.

Foi como ser envolvida por uma manta. Como mergulhar num mar conhecido. O cheiro, o gosto, o toque... Tudo nele lhe era familiar. O reconhecimento foi atordoante... Ela tinha se esquecido da sensação de segurança que sentia quando estava nos braços dele. Eamon a invadiu por inteiro.

Assustada consigo mesma, Luana sentiu as lágrimas arderem no fundo dos olhos enquanto seu coração acelerava depressa. Tinha medo de cair, medo de se perder... Então o abraçou, buscando segurança, como se pedindo desesperadamente para que ele não a deixasse se afastar outra vez. Deixou que Eamon explorasse à vontade a sua boca com a língua. Estava entregue por completo, fluindo como água em sua direção. Por trás das pálpebras fechadas, luzes vermelhas pulsavam, o sangue fervia. De repente, tudo dentro

dela acendeu quando os lábios dele, impacientes e famintos, começaram a buscar o seu pescoço, queimando-a. Obedecendo a seus impulsos, Luana puxou mais uma vez aquela boca para a sua, levando os dois ao delírio. Porém, junto com o imenso prazer, veio o pavor.

Não! Não podia se entregar àquele sentimento. Não podia voltar a desejar Eamon. Não agora, que começaria a decolar na carreira. Seria uma insensatez. Tudo com que sempre havia sonhado estava para acontecer. O teatro, a turnê, ela estrelando uma peça sozinha... Apavorada, Luana afastou os lábios dos dele e encarou-o por um mais um momento, ainda indecisa, atormentada pela batalha interior entre a ambição e o desejo. E mais do que desejo, encontrou o amor.

Atordoada, correu a mão por aquelas feições marcadas e pela boca bem desenhada... Que sensação gloriosa foi beijá-lo outra vez! Descobriu que a falta que sentia daquele homem doía em lugares que ela nem imaginava possíveis. E os olhos de Eamon a fitavam com tanto desespero, sofreguidão e ternura... Olhos de um azul profundo e cristalino, emoldurados naquele rosto poético, do tipo que sabiam atingir em cheio as entranhas de uma mulher. Era muito mais fácil ignorá-lo e voltar a flutuar nas correntes de suas fantasias. Sendo assim, Luana o empurrou e se levantou, desejando sumir. Levou as mãos à cabeça, que parecia girar. Ele... ele... havia se imposto a ela. Era a única explicação. Havia lhe segurado à força até que... até que não precisasse forçá-la a nada. Até que ela o desejasse. Até que ele se tornasse tudo o que ela mais queria naquele momento.

- Nunca mais faça isso! – ordenou, incisiva.
- Isso o quê?
- Nunca mais me beije desta maneira.

Eamon se ajeitou no sofá, desnorteado, como se tivesse sido arrancado de um sonho maravilhoso. Ainda sentia na boca a doçura

dos lábios dela.

– Por que não? Eu vi que você ainda me quer.

Agitada, Luana tentou ajeitar os cabelos. Não podia olhar para ele, que estava afrontosamente sensual com os cabelos desgrelhados.

– Você não sabe o que eu quero. – Sua garganta estava apertada. – Eu quero muito mais do que isso.

Aquela conversa de novo. Um nevoeiro vermelho dominou os olhos de Eamon e ele se levantou. Parecia que suas veias do pescoço iriam explodir de tanta raiva.

– É a droga da sua carreira de novo, não é?

– Tá vendo? – retrucou Luana, apontando para o rosto furioso dele, sentindo-se mais à vontade no território da briga. – É assim que você fala dos meus sonhos.

– Eu sempre apoiei os seus sonhos.

– Apoiou porcaria nenhuma! Você tentou me transformar na sua mãe. Queria que eu ficasse em casa cuidando do Pietro enquanto você trabalhava, como uma idiota inepta.

Eamon arregalou os olhos, magoado.

– Mas alguém tinha que fazer isso. Alguém tinha que cuidar do bebê...

– Você podia ter dividido essa tarefa comigo, em vez de fazer tudo no meu lugar... – As lágrimas vieram, escorrendo pelas faces dela como um rio caudaloso. Aquela era uma mágoa que ela acabara de compreender que vinha acalentando. – Podia ter apostado em mim. Podia ter dividido a carga... Me dado espaço para conseguir trabalhar, para crescer...

– Mais? Eu sempre te ajudei. Sempre te apoiei. Eu acordava até durante a noite para ficar com Pietro, mesmo tendo que trabalhar no dia seguinte.

– Você cuidou dele, mas não cuidou de mim. Eu estava em depressão, precisava de ajuda. Mas você ficava o tempo todo com

Pietro, ou então trabalhando. Me deixou completamente de lado. Deixou meus sonhos de lado. Eu me sentia sozinha, sem apoio... E depois você mandou a sua mãe...

Por um minuto, Eamon viu a fragilidade de Luana, que ele julgava insensível. Deu um passo à frente, mas quando ela fez um ligeiro movimento de recuo, ele estacou, como se tivesse batido em uma grossa parede de vidro. Percebeu que não seria fácil derreter aquele iceberg.

– Nunca imaginei que você se sentisse assim. Eu fiz o melhor que pude...

– Eu sei. – Desamparada, Luana baixou o olhar para ajeitar o vestido. – Só que não foi o suficiente para mim.

– Luana! – chamou uma voz masculina. Era um de seus convidados, com uma aparência tão viril e máscula quanto a de Eamon. – Todo mundo já está te esperando para cortar o bolo.

– Eu já vou.

– Mas...

– Ela já vai – intrometeu-se Eamon, com uma advertência clara nos olhos.

O rapaz ergueu as mãos diante daquele homem de aparência beligerante e recuou com um semblante assustado. Quando se foi, Eamon deu um passo até ela.

– Eu não entendo o que você quer – falou, com a voz angustiada.

Deixando sua máscara de lado, Luana fitou-o com sinceridade após muito tempo, os olhos levemente borrados de rímel. Nunca mais conseguiria encará-lo como se fosse um homem banal.

– Na verdade, eu também não sei o que quero. Mas preciso descobrir, e sozinha. Não posso te magoar outra vez. E quero que saiba que eu não atribuo os meus fracassos a você. Fui eu que falhei, sempre. Sinto muito, Eamon, mas não há espaço para você na minha vida.

Ele cerrou os punhos como se concentrasse o ódio nas mãos. Estava cansado de ser descartado daquela maneira.

– Pois se é assim, a partir de agora me deixe viver em paz com a mulher que eu escolher.

– Não posso fazer isso.

Atordado, ele piscou.

– Por que não?

Como Luana não disse nada, Eamon a segurou pelos ombros e a sacudiu de forma agressiva.

– Por que não?

Ela encarou-o com firmeza.

– Você tem que ser muito idiota para me perguntar uma coisa dessas.

Dito isso, ela simplesmente se virou e caminhou de volta para perto dos amigos, tentando se recompor.

“Louca! Ela só pode ser louca!”, Eamon concluiu. Era extenuante a convivência com aquela mulher. Uma criatura voluntariosa, bipolar... Com uma frustração latente, ele virou de costas e desferiu um murro contra a parede de veludo vermelho. Depois, dirigiu-se para a saída, enquanto Alice, de longe, lamentava profundamente mais aquele desentendimento entre os dois.

Capítulo 18



Sean costumava ser bastante pragmático em suas seleções. No entanto, daquela vez, estava disposto a abrir uma exceção em benefício dos próprios interesses. Quando cismava com uma mulher, não descansava até tê-la em sua cama. E quando eram atrizes, como naquele caso, ficava tudo muito mais fácil. Uma ou duas promessas vazias e sem comprometimento contratual geralmente já eram o suficiente para que ele alcançasse o objetivo. No entanto, com Luana era diferente. Sentia que aquela mulher tinha muito mais a lhe oferecer do que uma noite satisfatória de sexo. Ela era linda, ambiciosa e exalava aquele vigor juvenil... Seria capaz de fazer uma besteira para tê-la ao seu lado de forma definitiva, até mesmo jogar para o alto o casamento insípido que vivia. No entanto, primeiro era fundamental que sua candidata passasse pelo famoso teste do sofá.

E foi pensando nisso que Sean havia convidado Luana para fazer a audição para o musical naquela manhã, quando não havia mais ninguém em seu escritório. Abriu um sorriso lascivo quando a campainha tocou. Sabia que, depois daquele anel de brilhantes e a promessa de protagonizar *Salomé*, havia conquistado a simpatia e a

confiança da loira. De qualquer forma, antes de atendê-la, abriu a gaveta de sua escrivaninha e espirrou dois jatos generosos de sua colônia nos pontos de pulsação. Em seguida, ajeitando as calças na cintura roliça, andou em direção à porta e sorriu ao ver Luana segurando um pacote de *muffins*.

– Sei que você adora os de chocolate. – Com um sorriso cordial, ela estendeu o pacote de bolinhos para ele. – Deixe os de *blueberry* para mim.

Sean beijou-a no rosto e a fez entrar. Antes de fechar a porta, porém, espiou o corredor rapidamente para conferir se estava vazio. Em seguida, trancou a fechadura e guardou a chave no bolso interno do casaco.

– Senti sua falta no meu aniversário.

Descontraída, Luana se acomodou no sofá de couro da sala e cruzou as pernas tonificadas, sem imaginar quanto o produtor achou apropriada a escolha do assento.

– Tive um compromisso – mentiu ele, pois não iria confessar que não queria ter sido visto por ela ao lado de vários caras malhados, jovens e cheios de energia, para evitar comparações.

Luana apoiou sua bolsa na mesinha lateral.

– Bom, foi uma pena. A festa foi ótima. Mas não se preocupe, já decorei todos os meus textos para o teste.

– Tenho certeza que sim. – Sean se dirigiu para o bar. – Martíni?

– Não, obrigada. Não costumo beber antes de trabalhar.

– Relaxe, hoje é só um teste. E seu lugar já está praticamente garantido.

Ao ouvir isso, o sorriso confiante de Luana alargou-se. Mesmo assim, ela recusou a bebida. Sean terminou de se servir e foi se acomodar ao lado dela. Em seguida, estendeu a mão livre para jogar uma mecha do cabelo de Luana para trás, roçando os dedos em seu pescoço. Ela sentiu um arrepio.

– Podemos começar? – perguntou, ansiosa.

– Acho que precisamos conversar sobre os detalhes primeiro.

O sorriso dela se apagou.

– Detalhes? Que detalhes? Se vai falar sobre cachê...

– Não, não é nada disso... – Sean colocou seu copo de lado. – Bem... Salomé é uma personagem muito sensual... Você sabe disso, não é?

– Claro que sei.

Começando a perceber o olhar estranho, Luana se remexeu, a fim de se afastar um pouco dele no sofá.

– Pois então. – Sean se arrastou mais para a frente. – Foi por isso mesmo que te ofereci o martíni, para ajudá-la a se soltar na performance.

– Mas eu não preciso disso. Aliás – acrescentou, olhando para o relógio, começando a ficar nervosa –, tenho que pegar meu filho daqui a pouco na creche. Melhor andarmos logo com isso.

Ousadamente, Sean segurou o cabelo de Luana na altura da nuca e puxou a cabeça dela para perto de seu rosto. O bafo de álcool invadiu as narinas da moça.

– Você está parecendo tensa... Acho que precisa relaxar.

– Me solta, Sean. Não estou gostando da sua atitude.

– Ah, não? – Apreciando a resistência dela, apertou-lhe ainda mais os cabelos. Adorava quando as vadias se faziam de difíceis. Tornava tudo muito mais emocionante. – Mas de ganhar esse anel de diamantes você gostou, não foi? Ficou alegre feito uma cabritinha...

– Se você não soltar meu cabelo, vou começar a gritar – ameaçou Luana, entre dentes.

Segurando seu rosto com força, ele encostou os lábios nos dela. Imediatamente, Luana se debateu, enojada. Entretanto, o peso dele sobre o seu corpo dificultou os seus movimentos.

– Sean, para com isso, por favor...

Uma das mãos dele subiu pelo seu vestido, enquanto a outra a

imobilizava pelo ombro.

– Eu posso te dar muito mais do que um simples anel – falou, metendo a mão com violência bem no meio das pernas dela. – Posso te dar o papel, posso te dar uma casa...

– Eu não quero nada disso – retrucou Luana, enquanto tentava chutá-lo.

– É claro que quer.

– Não dessa maneira.

– Bom... – Irritado com os sacolejos, Sean immobilizou as duas mãos dela e encarou-a mais sério. – Então, pelo menos, você vai pagar por esse anel que te dei. Deixa de ser ingrata!

Com um movimento brusco, Luana desferiu um chute poderoso na barriga dele, depois conseguiu rolar por debaixo de seu corpo e fugir para a porta, mas, quando chegou lá, percebeu que estava trancada.

– Onde está a chave? – gritou com histeria.

Com uma mão na altura do abdômen, Sean virou-se para ela lentamente, a expressão ameaçadora. Depois ergueu-se com um sorriso sombrio. Em seguida, foi até a escrivaninha e abriu uma das gavetas, de onde sacou uma faca abre-cartas.

– Isso pode ser fácil, e tenho certeza de que você vai gostar. Ou pode ser difícil, e eu vou gostar mais ainda.

Luana arregalou os olhos ao avistar o objeto cortante.

– Sean, por favor, recupere o juízo. Veja bem o que está fazendo. Estupro é crime!

Ele começou a caminhar devagar em sua direção, excitado com o pavor nos olhos castanhos.

– Não é estupro quando os dois querem.

– Mas eu não quero – retrucou Luana, recuando até a parede.

– Isso é o que nós vamos ver.

Meio segundo antes de Sean chegar até ela, Luana avistou um pequeno extintor de incêndio ao seu lado. Esperou que o homem a

agarrasse e colasse os lábios aos seus para esticar o braço e pegá-lo, depois golpeou-o com toda a força no crânio dele. Com a ação, a própria cabeça dela bateu contra a parede. Na mesma hora, Sean desmaiou.

Trêmula, sentindo a cabeça latejar, Luana largou o extintor no chão e começou a chorar, aliviada por não ver uma poça de sangue se espalhar em torno do homem desacordado. Depois, reprimindo a bile que lhe subia pela garganta, abaixou-se para procurar a chave nos bolsos do casaco do seu agressor, apalpando-os. Sua vista estava embaçada por conta das lágrimas, mas ela conseguiu encontrar. Logo em seguida, pegou sua bolsa e saiu correndo dali, deixando Sean desmaiado. E prometeu a si mesma que jamais colocaria os pés naquele escritório novamente.

Capítulo 19



— *Eu não consigo acreditar* que você fez isso!

Alice olhava admirada para um porta-retratos de madeira que havia acabado de ganhar do amigo. Era fim de tarde, e ambos estavam às margens do Tâmis, sentados no murinho que separava a calçada da água. Eamon segurava firme o pulso de Pietro enquanto o menino tentava sair correndo atrás de um pombo.

— É para você se lembrar sempre da gente.

Comovida, Alice ergueu os olhos para ele. Adorou a foto dos três em frente à casa de William Shakespeare. Com certeza, jamais se esqueceria daquelas férias, muito menos dos amigos que fizera em solo britânico.

— Vou sentir saudade desse pestinha.

Ela enfiou o presente na bolsa e pegou Pietro no colo. Depois, apontou para uma barca que navegava ao longe para distrair o menino. Eamon ficou observando a intimidade dos dois.

— É uma pena que você tenha que ir embora logo amanhã.

— É verdade, mas pode ter certeza de que venho te visitar. Agora tenho mais de um motivo para voltar a Londres. E também quero recebê-los lá no Brasil. Vou mostrar a Pietro o que é uma praia de

verdade. Com sol, calor e tudo mais.

Eamon deu risada, depois ficou sério outra vez.

– Luana ainda está aborrecida com você?

– É claro que não. – Beijou a mão de Pietro, que estava em seu rosto. – A gente não fica brigada por muito tempo. Ela está aborrecida é consigo mesma. Você a deixou bem confusa naquela noite.

– *Eu* a deixei confusa? Isso só pode ser piada... – Subitamente irritado, Eamon jogou uma pedrinha na água. – Luana é tão volúvel, tão temperamental, tão...

– Mulher – concluiu Alice, rindo dele.

Eamon balançou a cabeça.

– Vocês são todas malucas.

– E vocês não vivem sem nós.

Pietro começou a pedir para descer e Alice colocou-o no chão. O menino não perdeu tempo e saiu correndo para perseguir as aves.

– Deixa ele gastar energia – aconselhou ela.

Eamon respirou fundo e tornou a fitá-la. Preferiu tirar o foco do próprio sofrimento.

– Alguma notícia de Casseano?

– Não. – Com uma careta, Alice se sentou de novo. – Parei de olhar as redes sociais. Aquilo estava me deprimindo. Quando não via notícias dele, ficava ansiosa. Quando via, queria matá-lo...

Compassivo, Eamon acariciou seu cabelo.

– Entendo perfeitamente. Mas o que você vai fazer quando voltar ao Rio?

– Não tenho ideia – disse ela, erguendo uma das mãos. – Até onde sei, Casseano está com outra mulher. O que posso fazer?

– Lutar por ele.

Alice o encarou com uma expressão sarcástica.

– Eu o vi jantando com outra mulher. E ele me disse *claramente* que queria um tempo.

– Balela... – disse Eamon, descartando o comentário dela com um aceno da mão. – Os homens não sabem o que querem. Você precisa falar para ele o que quer.

– É assim com você e Luana?

O rosto dele se fechou.

– Luana foi um feitiço na minha vida. Uma maldição...

Com uma gargalhada, Alice tocou em seu ombro.

– Não diga isso...

– Acho que vou voltar para a Irlanda – declarou ele.

Paralisada, Alice estudou o seu rosto.

– Está falando sério? Não pode fazer isso.

– Claro que posso.

– Mas e Luana e Pietro? Eles quase nunca vão se ver...

– Vão, se ela for atrás dele.

– Perdoe-me por dizer isso, mas acho essa sua decisão bastante egoísta.

– Pode até ser – retrucou Eamon, dando de ombros. – Mas passei muito tempo pensando nos outros. Está na hora de pensar mais em mim. Não consigo esquecer Luana estando tão perto dela. Fico o tempo todo remoendo a tristeza. Além disso... – Ele parou de falar.

– Além disso o quê?

O rosto dele ficou vermelho.

– Fala – insistiu Alice.

Eamon desviou o olhar para o rio.

– Eu estou sentindo falta da minha mãe.

Sem poder resistir, Alice caiu na gargalhada outra vez. Aquilo era muito doce para sair de uma boca tão rude.

– Então é verdade o que dizem sobre os irlandeses?

– O quê?

Ele também estava rindo.

– Todos amam cerveja, brigas de bar e são apaixonados pela

mãe.

– Mais ou menos isso.

– Tá certo. – Divertida, Alice enxugou o canto do olho. – Para falar a verdade, também sinto muita falta da minha. Mas, infelizmente, não posso mais vê-la. Se você sente falta da sua, vá abraçá-la enquanto está viva.

Com um ar já saudoso, Eamon passou um braço pelo ombro de Alice e puxou a cabeça dela em direção a seu peito. Em seguida, beijou os cabelos ruivos e sussurrou:

– Se Casseano não aceitá-la de volta, terei um belo motivo para visitar o Brasil.

Achando graça, Alice olhou para cima.

– Vai lá bater nele por mim? Eu ficaria muito grata.

– Isso também. Mas, fora isso, vou trazê-la de volta. Faz muito tempo que não tenho uma amiga de verdade.

O coração dela se aqueceu e Alice beijou-o no rosto. Em seguida, o celular tocou em sua bolsa e ela levantou-se para atender. Demorou para entender, mas enfim conseguiu compreender que era um amigo de Luana. Empalidecendo, ouviu tudo o que ele tinha a dizer e depois desligou, visivelmente aflita.

– O que foi? – quis logo saber Eamon.

– Luana. Ela sofreu uma tentativa de estupro.

O coração de Eamon deu um salto violento no peito.

– O quê? Como assim?

– Mas ela está bem – acrescentou Alice, tentando acalmá-lo. – Conseguiu fugir. Mas ligou para esse amigo muito nervosa, achando que matou o cara que a agrediu. Depois desligou o telefone, como uma fugitiva. Ninguém sabe onde ela está.

Sem poder pensar direito, Eamon correu e pegou o filho no colo, depois o entregou a Alice. Cansado, o menino recostou a cabeça no ombro dela e enfiou o polegar na boca. Eamon tirou o celular do bolso da calça e começou a teclar.

– Vou procurá-la nos lugares que ela costuma frequentar. Leve Pietro para a minha casa. Vou ligar para Suzanna e pedir que fique com ele.

– Tudo bem, mas depois vou procurá-la também. O primeiro que a encontrar avisa o outro.

Eamon assentiu e apressou o passo em direção ao metrô, onde desceu a escadaria correndo enquanto teclava, deixando Alice aflita com o menino no colo.

Capítulo 20



Luana estava sentada na escadaria do prédio onde morava, esperando a polícia. Já podia ver seu rosto nas páginas policiais. Queria tanto ser famosa... Pois bem, agora seria, mas não da maneira como esperava. Era uma assassina. Seus cabelos estavam emaranhados e os olhos, encharcados de lágrimas, as olheiras fundas. Não parava de repetir a si mesma que merecia passar por tudo aquilo. Em sua cabeça, achava que em algum momento devia ter dado algum sinal errado para Sean. Afinal, desde que abandonara o marido, estava agindo como uma prostituta, indo para a cama com qualquer um, embora soubesse que, no fundo, sua ligação emocional com Eamon a impedisse de sentir prazer com outra pessoa. Até Alice já havia percebido e jogado isso na sua cara. Por isso, estava disposta a se entregar às autoridades, quem sabe assim poderia negociar uma pena mais curta.

Desolada, mal pôde acreditar quando avistou Eamon virando a esquina de sua rua e correndo em sua direção, com um olhar ansioso, como se quisesse alcançá-la o mais rápido possível. Desejando o mesmo que ele, Luana se levantou e correu ao seu encontro, lançando-se nos seus braços assim que se aproximou dele.

Com os olhos anuviados, Eamon apertou-a forte e beijou o alto de sua cabeça. Ficaram assim, abraçados, por alguns segundos. Depois, ele se afastou o suficiente apenas para apalpá-la e verificar se estava ilesa. Examinou seu abatimento, a palidez, as sombras escuras embaixo dos olhos castanhos... Ela estava arrasada.

– Você está bem? Aquele cara te machucou?

Confortada pela sua presença, Luana balançou a cabeça negativamente.

– Só um pouco. Sean estava fora de si.

Ao ouvir aquele nome, as feições de Eamon se endureceram como aço. Seus ombros ficaram rígidos.

– Sean? Quem é esse?

– O meu produtor... - Abalada, Luana assentiu com a cabeça. Ainda estava nauseada pela lembrança do gosto amargo dele na língua. – Ele tentou me atacar quando fui fazer o teste hoje de manhã, mas eu consegui fugir depois de bater na cabeça dele com um extintor. Sean caiu desmaiado no chão.

– Você apagou o cara? – perguntou Eamon, espantado. Luana assentiu, mas não entendeu o brilho orgulhoso que tomou conta dos olhos azuis do ex-marido. – Essa é a minha garota...

Ela começou a tremer violentamente.

– Não ria, Eamon. Eu acho que o matei. Deixei ele lá desmaiado.

– Pois muito bem, tomara que ele tenha morrido mesmo. Pois se não morreu ainda, vou matá-lo!

– Não diga bobagens. E se eu for presa?

– Claro que não será, estava agindo em legítima defesa.

– Mas ninguém vai acreditar em mim. Sean tinha dinheiro, e eu sou brasileira. Ninguém daqui ficará ao meu lado.

– Eu vou ficar – garantiu Eamon, segurando os ombros dela com firmeza. – E prometo que ninguém vai encostar em um fio de cabelo seu.

Sem compreender por que ele estava sendo tão solícito, Luana o

encarou com uma expressão que beirava a adoração. A bondade de Eamon em relação a ela não tinha limites.

– Por que você faria isso? Eu não mereço o seu apoio...

Eamon envolveu o rosto dela com as mãos, depois fitou seus olhos profundamente.

– Porque eu amo você, sua cabeça dura. Sempre amei e sempre vou amar. Por que acha que saí da minha terra para vir morar aqui?

Confusa, Luana piscou.

– Para que Pietro ficasse mais perto de mim.

Eamon riu com ternura.

– Isso não teve nada a ver com Pietro. Tem a ver comigo. Foi uma decisão puramente egoísta. Não se passou nenhum dia da minha vida sem que eu ficasse matutando sobre como te reconquistar, como te trazer de volta... Quando me casei com você, na minha cabeça, nós nos tornamos um só. Minha vida será sempre incompleta se eu não tiver você ao meu lado. Mas você precisa cair na real, Luana, precisa ver o que está fazendo da sua vida. Você tem um filho, tem a mim... Por que escolhe viver desse jeito, correndo riscos?

Aquelas palavras a atingiram com a força de um soco. Olhando para Eamon agora, depois do que acabara de passar, Luana sentiu o odor desagradável de sua vida leviana invadir as suas narinas. Com nojo de si mesma, resolveu confessar:

– Eu também sinto sua falta, Eamon, só agora eu percebo isso. Sinto tanto a sua falta que dói. No dia do meu aniversário, fiquei maluca com a possibilidade de você se apaixonar por outra mulher...

– Então, por que você me deixou? Por que foi embora de casa?

– Eu me sentia desnecessária – retrucou ela, enfim compreendendo. – Você queria fazer tudo para mim, exatamente como meu pai. Você sabe como ele me criou. Como filha caçula, nunca fui requisitada para nada. E quando minha mãe morreu, meu pai me excluiu mais ainda das atividades domésticas, tentando me

proteger. Eu não me sentia parte da... organização familiar. Acho que foi por isso que saí de casa cedo. Queria provar para mim mesma que era capaz de fazer alguma coisa importante. E depois, eu me apaixonei por você... – Ela acariciou a face dele. – Eu tinha tanto medo de te decepcionar, tanto medo de não ser admirada... Eu mal conseguia cuidar do nosso filho, e me sentia incompetente aos seus olhos. E depois que Pietro nasceu, sua mãe começou a me olhar daquele jeito, como se eu não soubesse fazer nada direito...

Com os olhos cheios de amor, Eamon beijou sua boca, com o coração explodindo de compaixão e arrependimento.

– Por que nunca me disse isso? Eu teria entendido, teria tentado mudar as coisas...

– Achei mais fácil fugir... – Lágrimas quentes deslizaram pelas faces dela. – Além do mais, é sempre mais fácil atribuir nossas falhas a outras pessoas.

– Mas agora eu estou aqui. E entendo. E quero mudar.

– E eu quero você. – As palavras dela aqueceram o peito de Eamon como um bálsamo. – Quero criar nosso filho com você. Quero a nossa família de volta. Eu fui tão burra.... – As lágrimas transbordaram mais uma vez. – Nunca deveria ter feito o que fiz. – Arrependida, ela colocou-se de joelhos na frente dele. – Me perdoe, Eamon. Me perdoe por ter sido tão egoísta... Por só ter pensado em mim...

Emocionado, ele também se ajoelhou para abraçá-la de novo. A compaixão o preencheu como um rio caudaloso.

– É claro que eu te perdo, Luana. Eu nunca quis viver sem você.

Ao ouvir isso, ela soluçou ainda mais e deixou as lágrimas escorrerem livremente, até sentir o coração limpo. Era incrível que aquele homem ainda pudesse amá-la depois de tudo o que ela tinha feito. Se Eamon lhe desse mesmo outra chance, ela jamais a desperdiçaria. Estava cansada de relacionamentos vazios, frívolos, superficiais... Naquele momento, todos os planos que havia feito

sem ele, todos os pensamentos práticos, escoaram de sua mente de forma lenta, gradual e completa. Tudo o que importava agora era reconquistar a sua família.

Eamon a pegou no colo e entrou com ela no prédio. Subiu cada degrau bem devagar, aninhando Luana no peito. Assim que entraram no apartamento, olharam um para o outro, deixando que o mel da renovação do casamento, grosso e morno, preenchesse seus corações.

Ainda em seus braços, Luana fitou o rosto amoroso do marido e lembrou-se de como ele sempre fora gentil com ela. Sempre protetor, amigo... Abria-lhe a porta do carro, gostava de andar de mãos dadas... Em que momento tudo aquilo se perdera? Quando ela deixara de reparar em quão maravilhoso ele era?

De fato, a gravidez inesperada havia alterado a dinâmica do casal. Mesmo assim, Eamon não parara de mimá-la durante todo aquele período.

Mas depois Pietro chegou. Tinha cólicas, gritava e parecia constantemente infeliz. Era um bebê tenso, que lhe exigia toda a atenção. Vendo que a esposa estava esgotada, Eamon tornou-se muito participativo. Quando ela olhava para o filho, sentia culpa. Culpa por não tê-lo desejado. Culpa por não saber como satisfazê-lo.

Foi naquele período que Luana mais sentiu a falta da mãe. Estava desnorteada. Queria que alguém lhe dissesse que não seria daquela forma para o resto da vida, que Pietro iria crescer e se transformar em um menino lindo, que ela estava fazendo o melhor que podia... mas nada disso tinha acontecido. Pelo contrário: sua sogra passara a visitá-la com mais frequência e aos poucos fora assumindo todas suas funções maternas. E, é claro, executava todas as tarefas com o dobro do primor. Fazia refeições maravilhosas para Eamon e colocava Pietro para dormir em minutos. Luana ressentia-se disso. Queria sentir gratidão, queria enxergar a sogra de maneira maravilhosa como a via no começo de tudo, mas não conseguia. Era

como se ela tivesse se tornado sua rival. Seus olhos ardiavam e a garganta doía cada vez que Eamon elogiava as tarefas da mãe. Cada atitude da sogra era recebida por ela como uma crítica silenciosa. Luana tinha passado a vida tentando se livrar das baixas expectativas do pai em relação a ela, tentando assumir o controle da própria existência e viver sonhos que pareciam impossíveis. Mostrar que era capaz de qualquer coisa... E acabara vivendo tudo aquilo de novo em seu casamento, entregando o controle de sua família para outra mulher.

Mas agora, Luana queria o filho de volta. E o marido também.

Caminhando com ela para o quarto, Eamon a beijou com ternura. Depois a encarou como se fosse a pessoa mais especial do planeta. Nesse momento, uma voz dentro dela sussurrou: "É assim que fui feita para viver. Minha vida inteira me empurrou até aqui. Não mereço ser menos amada que isso."

Eamon a deitou na cama com todo o cuidado, como se Luana pudesse quebrar. Com gentileza, tirou seus sapatos e beijou cada um de seus pés. Percebeu que ela tremia, mas sabia que agora não era de medo. Assim como ele, Luana estava sendo tomada por uma emoção primitiva. Uma emoção que os dois conheciam tão bem. Eamon ficou feliz por saber que ainda despertava isso nela.

Com paciência, ele desabotoou a própria camisa, depois tirou as calças, e então deitou-se sobre a pele macia de Luana. O corpo dele era forte, esguio e firme. À meia-luz, os olhos dele estavam azul-escuros, e seu rosto reluzia. Suspirando, Luana fechou os olhos e arqueou o tronco quando Eamon começou a explorar seu colo com a língua, saboreando o seu gosto, recordando... Devagar, ele puxou o vestido dela para cima e tirou-o pela cabeça.

Então o prazer cresceu dentro dela, belo e doloroso, quando a mão dele começou a explorá-la de forma mais íntima. Eamon tornou a cobrir seus lábios com os dele, acariciando, apertando, sentindo... terminando de eliminar as barreiras de roupa que havia entre os

dois. As mãos dela passeavam por suas costas e o puxavam mais para si. A urgência cresceu entre eles, e a respiração de Eamon parecia queimar nos pulmões quando finalmente entrou nela.

Deslumbrada, trêmula, Luana encarou-o e correu as mãos por seus cachos avermelhados, enquanto ambos começavam a se mover juntos, indo em direção a algo que não podiam deter. O desejo que sentiam um pelo outro não lhes deixava escolha. Mais uma vez, eram marido e esposa na privacidade da noite. A alegria a fez abraçá-lo, e quando ambos chegaram ao clímax, tudo o que tinham vivido nos últimos tempos explodiu dentro deles: amor, ódio, tristeza, culpa... Então, Eamon enfiou o rosto no pescoço dela e ambos choraram juntos, enfim reconectados.

Capítulo 21



A primeira coisa que Luana avistou quando abriu os olhos no dia seguinte foi o rosto rechonchudo do filho. Flutuando numa nuvem de bem-estar, ficou tão emocionada que se perguntou se não estava sonhando. O jeito como Pietro encostou a mãozinha em seu rosto e ficou ali, parado, esperando com toda a paciência que a mãe acordasse... Ele era exatamente como o pai. Sabia amar sem medida. Sabia esperar. O menino estava encantado por vê-la deitada ao lado de Eamon, na sua casa. Era tudo muito inusitado para ele.

Encarando os curiosos olhos azuis do filho, Luana decidiu que faria tudo o que pudesse para compensar os estragos que havia causado àquela família, sobretudo àquele pequeno. Havia perambulado pela escuridão por muito tempo e saíra de mãos vazias. Mas, por sorte, Eamon a trouxera de volta à luz. Luana ainda não se sentia digna dele depois de tudo o que havia feito. Na verdade, sentia-se como o lixo trazido pelo mar, mas não permitiria que sua baixa autoestima a derrotasse outra vez. Deixaria o passado para trás, começaria tudo de novo. Daria tudo o que seu filho e seu marido mereciam.

Na noite anterior, ela e Eamon haviam ido à delegacia depois de

fazerem amor, para prestar queixa contra Sean, que, felizmente, não sofrera nenhum dano permanente com o ataque defensivo de Luana.

– Fiz aquilo para me defender – afirmou ela ao delegado – Ele tentou me estuprar.

Desesperado com a possibilidade de enfrentar uma batalha judicial, com o circo da mídia o apresentando como um carrasco, Sean havia ligado para Luana para implorar o seu perdão. Chegara até a lhe oferecer uma boa quantia em dinheiro para que ela deixasse o assunto de lado. Entretanto, Luana resolvera denunciá-lo mesmo assim. Sabia que, se não o fizesse, outras dançarinas e atrizes poderiam passar pelo mesmo que ela.

Isso feito, ela e Eamon seguiram para a casa dele. Queriam dormir juntos naquela noite. Acordar juntos pela manhã. E a presença de Pietro no quarto só tornou o seu despertar ainda mais agradável.

– Vem aqui, meu fofinho.

Feliz, Luana ajudou o filho a subir na cama e Pietro se deitou entre ela e o pai.

O movimento no colchão fez Eamon acordar e, quando ele se virou, abriu um sorriso preguiçoso. Estava à vontade, usando somente uma cueca samba-canção, com a mão esparramada sobre o abdômen rígido. A penugem clara de seu braço brilhava à luz do sol. Ele mal podia acreditar no que via: Luana, a sua mulher, estava li deitada, observando-o com os olhos cheios de amor. Era como um sonho realizado. Tinha uma esposa linda e um filho maravilhoso na sua cama. Um homem teria que ser louco para renunciar a algo assim. Eamon sentiu-se feliz por ter aguardado aquele milagre.

Sorrindo, Luana aproximou-se dele e passou a ponta do nariz pela sua boca, o lugar a que sempre pertencera. Achando engraçado, Pietro apertou o nariz dos pais assim que seus rostos se separaram. Eamon fingiu que ia morder sua mãozinha e o menino

recuou, com uma gargalhada gostosa. Em seguida, Eamon olhou de novo para Luana e roçou os lábios nos dela, numa carícia suave e gentil. Comprimiu com gentileza os lábios contra os dela, ainda com os olhos abertos. Temia fechá-los e tudo aquilo desaparecer.

– Bom dia, meu amor.

– Bom dia – respondeu ela, sorrindo.

Em seguida aprofundou o beijo dos dois. Eamon se afastou com uma expressão animada.

– Acho que esta manhã merece um café especial. Que tal sairmos nós três? Eu só tenho compromissos depois do meio-dia.

Luana contraiu os lábios.

– Sinto muito, mas não vai dar. Vamos ter que tomar café aqui mesmo. Alice vai embora hoje e quero me despedir dela, levá-la ao aeroporto...

– Ah... Claro... – Mais desperto, Eamon apoiou-se em um cotovelo. – Tinha me esquecido. – Espiou cautelosamente o rosto da esposa, depois deu um sorriso maroto. – Não está mais com ciúme de nós dois?

Luana fez um muxoxo.

– Claro que não. Você só estava usando Alice para me provocar. Que infantilidade...

– Infantilidade? – repetiu ele, com um olhar zombeteiro. – Você é que vivia se exibindo para vários caras na minha frente. Por pouco, não mandei alguns pra casa aleijados... – Ela riu enquanto alisava a cabeça do filho. – Bom, já que esse assunto está resolvido, que tal tomarmos café com a Alice, então?

Ainda sem acreditar que estava ali, Luana examinou os cabelos ruivos e desgrenhados do marido. Depois passeou o olhar pelo seu rosto, parando por dois segundos em seus olhos resplandecentes. Sua barba estava por fazer, o que o deixava ainda mais sexy. Como ela tinha sido capaz de deixar um homem como aquele sozinho por tanto tempo? Tinha quase 1,90 metro de altura, ombros largos e

traços marcantes. A figura masculina dos sonhos de qualquer mulher.

– Acho uma ótima ideia. – Ela o beijou, ainda ressentida pelo tempo perdido. – Vou tomar um banho e depois ligo para ela.

Ambos ouviram um barulho de porta batendo no andar de baixo. Surpresa, Luana encarou Eamon.

– Deve ser a Suzanna – informou ele, tranquilo. – Ela gosta de chegar cedo para fazer o café.

Como se voltando no tempo, Luana respirou fundo. Não iria reviver tudo aquilo de novo.

– Pois vou lá avisá-la que não precisa mais fazer isso. Daqui para a frente, eu mesma quero preparar o café da manhã para a minha família.

– Acho ótimo – retrucou Eamon. Depois, deu um meio sorriso. – Só peço que fale com ela com jeitinho. Suzanna nos ajudou muito nesse tempo que você esteve fora. E pode continuar ajudando, se você ainda quiser correr atrás da sua carreira.

Luana pensou nisso por um momento. Fora ter a sua família de volta, não tinha mais tanta certeza do que queria da vida. Ser famosa de repente não lhe parecia mais tão importante. Havia escolhido essa carreira pelos motivos errados, mas agora já sabia que era amada por quem realmente importava.

– Ainda vou pensar melhor sobre isso. – Virou-se para o espelho acima da cômoda e começou a colocar os brincos. – Mas, no momento, preciso de um pouco de privacidade com vocês dois. Me adaptar aos poucos à nova rotina da casa...

Pelo espelho, Luana viu uma expressão estranha perpassar o rosto de Eamon.

– Suponho que isso signifique que está pensando em entregar seu apartamento e se mudar para cá – comentou ele, num tom neutro.

Insegura, Luana sentiu um aperto no peito.

– Não é isso que você quer?

Eamon encarou-a por mais um momento, então suspirou. Inesperadamente, levantou-se e aproximou-se dela por trás. No caminho, abriu um sorriso. Depois abraçou-a com força.

– Nunca tive tanta certeza de alguma coisa na vida – falou, em seguida beijou o pescoço dela.

Sentindo-se aquecida e segura, Luana encarou-o, cheia de gratidão.

– Então, providenciarei isso ainda esta semana.

– Faça isso. – Satisfeito, ele recuou e tornou a se jogar de lado na cama, onde Pietro se divertia com os controles remotos. – Vou esperar enquanto você conversa com Suzanna. Não vou me meter nessarixa de mulheres. Eu e Pietro tomaremos um banho enquanto você resolve tudo isso, depois você sobe.

Luana revirou os olhos.

– Tudo bem. Melhor eu fazer isso logo, enquanto estou com coragem. Aquela velha é bastante assustadora quando quer.

Eamon riu.

– Por que acha que prefiro ficar aqui?

Assim que Luana passou pela porta da cozinha, vestindo somente uma camisa social de Eamon, Suzanna formou um “o” com os lábios, mas não emitiu nenhum som. Era como se tivesse visto uma assombração. Seu olhar era de alguém escandalizado. Contudo, mal teve tempo de processar os pensamentos antes que a outra puxasse uma cadeira e se sentasse à mesa.

– Bom dia – cumprimentou Luana, ensaiando um sorriso.

– B... Bom dia – gaguejou Suzanna.

– Não vamos tomar café em casa hoje, então não precisa preparar nada. Gostaria que se sentasse um instante. Vou só dar um telefonema rápido e depois preciso falar com você.

Zonza, insultada, Suzanna não teve outra reação a não ser obedecer. O que aquela mulher desprezível fazia naqueles trajes?

Será que o Sr. Ó Conaill sabia daquilo? Será que ele havia tido uma recaída?

“Pobre homem”, pensou, “enlaçado na teia dessa Jezabel...” Enquanto aguardava, repugnada, que Luana terminasse de falar com Alice pelo telefone, a velha senhora contraiu os lábios e apertou o avental que tinha nas mãos. Imaginava que, se aquela messalina e o patrão realmente tivessem reatado, ela seria mandada embora no mesmo dia. Afinal, nunca fizera questão de disfarçar a antipatia que nutria por aquela mulher. E, de qualquer forma, também não acreditava que conseguiria servi-la.

Jamais.

Luana desligou o telefone, colocou-o sobre a mesa e cruzou as mãos.

– Bom, como você já deve imaginar, eu e Eamon fizemos as pazes. Nós dois estamos dispostos a reconstruir o nosso casamento. Sendo assim, acho que eu e você precisamos ter uma conversa.

Suzanna não disse nada, apenas assentiu de forma solene.

– Em primeiro lugar, quero te agradecer – começou Luana, deixando a outra chocada. – Sei que cuidou muito bem do meu marido e do meu filho enquanto estive afastada. E, embora sempre tenha deixado clara sua aversão por mim, eu sempre me senti segura sabendo que você estava cuidando de Pietro.

– Ele é um menino ótimo. Fiz isso por amor.

– Tenho certeza disso. Você é muito mais do que uma funcionária para Eamon. Para ele e Pietro, você já é da família. E, embora eu não te veja da mesma maneira, não quero que você deixe de fazer parte da vida deles.

Suzanna respirou fundo, tentando ser tolerante.

– Se quiser que eu continue a trabalhar aqui, prefiro continuar me reportando ao Sr. Ó Conaill.

Ao ouvir isso, as orelhas de Luana ficaram quentes e ela se sentiu momentaneamente depreciada. Depois, porém, engoliu em

seco e ergueu a cabeça. Não iria conviver com aquela insubordinação na sua casa. Estava farta daquilo.

– Nada disso. A partir de hoje, se quiser trabalhar aqui, você se reportará a mim, que sou a dona da casa.

– Dona da casa? – Suzanna riu com sarcasmo. – Você abandonou aqueles dois quando eles mais precisavam. Mal cuidava do próprio filho. Como uma mulher leviana como você pode querer...

– Conforme falei – interrompeu Luana em um tom rígido –, Eamon a considera parte da família, mas *eu não*. Portanto, cuidado com as suas palavras. Meu marido já me perdoou por tudo o que fiz, e o perdão dele me basta. Então, não vou aceitar que outras pessoas me julguem ou fiquem me culpando. Meu passado está enterrado e meu futuro começa aqui. Esta agora é a minha casa, e nela vive a minha família. De qualquer maneira, você foi paga para fazer tudo o que fez. – Diante da firmeza da outra, Suzanna se retraiu. Luana inspirou, sentindo o gosto da vitória. – Conforme falei, sou muito grata a você e reconheço as suas qualidades. Por isso quero que fique conosco, mas só duas vezes por semana. No resto do tempo eu mesma vou cuidar de tudo. Ainda não sei se sou capaz, mas quero tentar.

Suzanna a examinou com desconfiança, e então algo em seu olhar se suavizou.

– Está mesmo disposta a fazer isso funcionar? Não vai fugir de novo na primeira dificuldade?

Luana a encarou com firmeza.

– Não, não vou mais embora. Estou aqui pra ficar.

Ao ouvir aquilo, os lábios de Suzanna se curvaram involuntariamente para cima, mas ela os deteve. Um resquício de mágoa atravessou o seu rosto.

– Posso ter sido paga para fazer o que fiz, mas também tenho coração e me apeguei a esta família.

– Eu sei. Desculpe se fui muito rude.

Os olhos da senhora se umedeceram.

– Quero continuar trabalhando aqui. Quero ver Pietro crescer. Por favor, não me tire isso...

Comovida, Luana estendeu uma mão e tocou em seu ombro. O gesto gentil fez o lábio inferior de Suzanna tremer.

– Eu não vou fazer isso. E, para falar a verdade, ficaria muito feliz se você me ajudasse me dizendo tudo o que devo fazer. Sei que vai ser difícil nos ajustarmos, mas podemos fazer isso, por eles. – Apertou de leve o seu ombro e depois recuou. – Você pode ser a minha treinadora no começo, o que acha?

A velha enxugou os olhos com o avental, mal acreditando no que Luana estava pedindo, depois abriu um sorriso divertido.

– Para falar a verdade, sempre te achei uma bruxa. E sempre quis colocar uma vassoura na sua mão.

Sem poder evitar, Luana deu uma gargalhada expansiva.

– Acho que seu desejo será realizado, mas já aviso que eu não vou voar para longe daqui.

– Promete? – perguntou Suzanna, estreitando os olhos.

– Prometo – disse Luana, sorrindo.

Capítulo 22



Quando voltou ao quarto para tomar banho, Luana observou o marido e o filho sentados sobre o tapete, já arrumados. Suas cabeças estavam quase encostadas uma na outra enquanto seguravam carrinhos montados com peças de Lego e simulavam o barulho de bombas. A cena a fez ter vontade de rir e chorar ao mesmo tempo. Considerou-se abençoada por ter os dois em sua vida.

Meia hora depois, encontraram com Alice num café no centro de Londres. Comeram juntos e deram risadas de algumas coisas que haviam vivido nos últimos dias. Em certo momento, Eamon arrastou sua cadeira para trás e se levantou para se despedir, pois precisaria levar Pietro para a creche antes de ir trabalhar. Ele e Alice se abraçaram longamente, com o coração apertado. Sabiam que agora significavam muito um para o outro. Eamon beijou-a na testa e disse para ela se cuidar.

– Parabéns por ter conseguido reunir a sua família de novo – comentou ela.

– Tenho que agradecer a você por isso – disse ele. – Sua presença aqui foi uma bênção para nós.

Luana chorou ao contemplar a despedida dos dois. Quando foi a vez de dizer adeus a Pietro, Alice teve que se controlar para não parecer uma boba e cair em prantos. O menino permitiu que ela o abraçasse e depois enfiou um dedo no nariz dela, como despedida.

Assim que eles partiram, Luana e Alice resolveram pagar a conta e dar uma volta, já que o voo de Alice só sairia no meio da tarde.

– Sabe o que eu percebi nos últimos dias? – comentou Alice enquanto caminhavam pelo gramado de um parque próximo. – Que nós somos muito parecidas. Acho que foi por isso que ficamos amigas assim que nos conhecemos.

Com uma risada triste, Luana passou um braço pelo ombro da outra.

– Você é uma pessoa muito melhor do que eu, Alice. Pelo menos, não cometeu tantas burradas.

– Não diga besteira, é claro que cometi. Assim como você, enxotei um homem maravilhoso da minha vida.

– Mas não enxotou um filho.

– Talvez porque ainda não tenha um.

A amiga encarou-a, sabendo que Alice estava sendo generosa.

– Se você ainda ama Casseano, precisa dizer a ele. Pelo menos você vai saber que tentou.

– Não sei... – Alice cruzou os braços e apertou os olhos por conta do sol ofuscante da manhã. – Não acho justo com ele, agora que está refazendo a vida. Não posso estragar tudo o que ele está vivendo porque só agora descobri que estou pronta para me comprometer.

Luana parou na sua frente.

– Pois eu acho que você ainda está com medo. Medo de se casar e de seu casamento acabar como o da sua mãe.

– E não é para estar? – Alice cruzou os braços e seu coração se acelerou um pouquinho. – Eu vi o estado em que ela ficou. Minha mãe foi ao fundo do poço por conta da traição. Tenho certeza de

que aquele câncer foi gerado pela tristeza.

– Talvez, mas ficar daquele jeito foi uma opção dela. Sua mãe poderia ter reagido, mas preferiu se entregar. E você não deve usar o fracasso dela como desculpa para arruinar a sua vida, e sim tentar fazer seu melhor. Ser mais forte. Agora a escolha é sua. Você não estará traindo a sua mãe se confiar em alguém novamente. Você pode ser feliz.

Surpresa, Alice olhou com atenção para o rosto da amiga.

– Meu Deus, como Eamon fez bem a você... Você está radiante.

Luana sorriu.

– Não mude de assunto.

– Não, é sério. Tudo isso que você me falou fez todo sentido. De onde veio tanta sabedoria?

– Sei lá. – Luana deu de ombros e tornou a andar. – Talvez do meu próprio sofrimento. Tenho descoberto muitas coisas sobre mim nos últimos dias. Na verdade – acrescentou, dando uma risadinha –, me deu até vontade de fazer faculdade.

A revelação deixou Alice sem palavras.

– Você quer estudar? E o que pretende fazer?

– Estou pensando em psicologia. Queria entender melhor as pessoas, principalmente a mim mesma.

Um sorriso de orelha a orelha adornou o rosto de Alice.

– Pois eu acho que você leva jeito. Sempre foi tagarela, mas também uma ótima ouvinte. A melhor que tive na vida.

Os olhos de ambas se encontraram por dois segundos, então elas entrelaçaram os dedos e os apertaram com força. Seus olhos arderam.

– Ah, meu Deus... – desabou Luana. – O que farei da minha vida sem você?

Alice beijou sua mão.

– Também vou sentir sua falta, amiga, mas você não está mais sozinha.

– Mas você está – retrucou Luana, enxugando os cantos dos olhos. – Por que não fica mais um tempo por aqui com a gente? Você já é da família.

Alice fez que não com a cabeça.

– Não posso. Minha vida está no Brasil. E, para falar a verdade, não consigo passar mais nem um dia sem comer farofa e feijão-preto. Estou entrando em abstinência.

Luana deu um gritinho e em seguida agarrou uma bola que veio voando na direção delas. Passado o susto, devolveu-a ao menino que foi atrás dela e imaginou como seria seu filho naquela idade. Olhou para Alice, agradecida.

– Obrigada por tudo – falou, apertando a sua mão. – Por cada esporro, por cada ofensa... Você me ajudou muito a enxergar o que eu estava perdendo...

Tornando a caminhar, Alice envolveu o braço dela no seu e deu uma apertadinha.

– Minha sócia sempre me diz que os melhores amigos são aqueles que dizem o que a gente precisa ouvir, e não o que a gente quer. Mas você e Eamon também me ajudaram a perceber o que estou perdendo. E também é por isso que preciso voltar.

– Vai procurar o Casseano? – perguntou Luana, já imaginando a resposta.

– Não – disse Alice, encarando a amiga com firmeza. – Vou procurar a mim mesma.

Capítulo 23



A viagem de volta se passou num borrão, e Alice gastou a maior parte do tempo de voo assistindo a filmes ou ouvindo a conversa dos outros para se distrair. Isso teria sido inevitável de qualquer maneira, visto que seu assento era grudado em mais dois. Felizmente, sua poltrona era no corredor, não no meio. Riu algumas vezes do desentendimento entre o casal atrás dela: os dois discutiam onde colocariam uma peça de arte que haviam comprado na França. A mulher insistia em colocá-la na sala de estar para exibir para as amigas, enquanto o marido argumentava que ficaria melhor em seu escritório. Pelo tempo que já durava aquele embate, Alice imaginou que a rixa entre eles sobrevoaria o Atlântico. Porém, o pior de tudo era acompanhar a interação do casal que estava sentado do seu lado direito, trocando carícias. Os dois vinham de sua lua de mel e conversavam com empolgação sobre o futuro. Irritante e apaixonados.

– Não vejo a hora de chegarmos em casa para abrir os presentes de casamento – dizia a mulher.

– Meu presente mais maravilhoso é você... – retrucou o homem, para em seguida beijá-la pela vigésima vez.

Irc... Alice ficou com vontade de vomitar... de inveja! Não queria pensar no que a esperava quando pousasse em sua cidade, sobretudo quando chegasse a seu apartamento vazio. Antigamente, toda vez que viajava, Casseano a esperava na volta, em geral perambulando pela cozinha, preparando-lhe um maravilhoso jantar de boas-vindas. Da última vez, ele estava sem camisa, de banho tomado e com a calça do pijama listrado bem abaixo da cintura. Quando Alice passou pela porta, o namorado interrompeu o que estava fazendo, abriu-lhe um sorriso de tirar o fôlego e fez questão de matar as saudades ali mesmo, no balcão da área de serviço.

– Por Deus, mulher, nada é mais apetitoso do que você... – dissera ele na época.

A lembrança daquelas palavras cortou fundo na sua alma, e seu peito estremeceu num soluço hesitante. Agora Casseano não estaria mais lá, e ela precisaria se acostumar a essa nova realidade.

O pouso no Brasil foi tranquilo e, logo após os procedimentos com o passaporte, Alice foi pegar as suas malas na esteira. Como não havia avisado a sócia sobre a data em que voltaria, não havia ninguém a esperando. Então, resolveu pegar um táxi. No caminho, observou tudo atentamente pela janela. O trajeto até sua casa demorou um pouco por estarem no fim do dia, bem na hora do rush. Para onde quer que ela olhasse, havia um caos de faróis e luzes vermelhas. O céu estava cor de chumbo, dando à paisagem uma nuance um tanto melancólica.

Ao se aproximarem do destino, o táxi foi andando devagar pela rua comprida, onde Alice pôde avistar os garis trabalhando, os estabelecimentos fechando e uma quase invisível garoa fina que descia do céu.

Quando estacionaram em frente ao seu prédio, Alice percebeu que tudo parecia exatamente igual, como se ela nunca tivesse se afastado. Então, por que diabo se sentia tão diferente? Adoraria saber a resposta. Talvez aquela viagem não tivesse lhe feito tão bem

quanto ela pensava.

– Obrigada – disse ao motorista, tentando sorrir. – Preciso pegar minhas coisas no porta-malas.

– Claro, vou ajudar a senhora.

Doida para chegar em casa, Alice desceu do carro, recolheu as suas coisas e pagou o taxista. Depois, abriu a porta do antigo galpão para entrar no prédio. O jovem casal que acabara de alugar o andar de baixo estava saindo no mesmo momento e a cumprimentou rapidamente, aproveitando para pegar o táxi que ainda estava parado. Alice ficou satisfeita por ter mais alguém por ali. Só esperava não ter que passar a noite ouvindo os gemidos dos dois pombinhos.

Precisou fazer três viagens para conseguir subir com tudo o que havia trazido. Quando conseguiu, estava ofegante. As malas estavam bem mais pesadas do que quando havia partido de férias.

Devido às persianas abaixadas, estava tudo escuro quando Alice entrou em seu loft. O lugar parecia um túmulo: fechado, abafado e silencioso. Ansiosa por ouvir uma voz humana, ela arrastou as malas de rodinha para dentro e ligou a televisão. Em seguida foi abrir as janelas, mas mesmo quando a luz externa se derramou sobre o chão, o lugar ainda parecia uma concha sem a presença do ex-namorado. Com tristeza, ela observou o porta-retratos que costumava ter uma foto deles agora vazio, e se sentiu mal por Casseano ter se dado a este trabalho. Para afastar esse pensamento, foi à cozinha pegar um copo de água, mas teve que tapar o nariz quando abriu a geladeira.

– Santo Deus! Parece que tem alguma coisa morta aí dentro...

As primeiras coisas à vista eram um pote transparente contendo um pedaço de mamão em decomposição e um pacote de salame já quase azul. Outras sobras e restos eram impossíveis de identificar por conta do mofo. Irritada consigo mesma por não ter esvaziado a geladeira antes de viajar, Alice recolheu tudo e jogou no lixo.

De qualquer forma, estava tão estafada devido à viagem que a única coisa que desejava era dormir. Por isso, nem cogitou tomar banho. Tirou a roupa e deixou-a jogada no chão, ficando só de calcinha e sutiã. Mal se deitou na cama e seus olhos já se fecharam, engolfando-a na escuridão.

Dezoito horas depois, ouviu um zumbido distante. Não tinha certeza de onde estava até abrir os olhos e se deparar com o familiar abajur.

Casa. Alice sentiu um calorzinho satisfatório no peito ao se localizar.

Esfregou os olhos e ouviu outro barulho, dessa vez mais estridente e vivaz. Reconheceu-o como o som da sua campainha e, um segundo depois, sentou-se alerta na cama. Olhou para o celular sobre a cômoda: 16h05. “Por Deus! Como consegui dormir tanto?” O som estridente a assustou novamente. Será que era Casseano? Será que ele descobrira que ela havia chegado? Se fosse, ela devia estar um bagaço depois de tantas horas dormindo. Sabia que o jet lag desajustaria seu sono por algum tempo.

Amaldiçoando a curvatura da Terra, Alice enrolou-se em uma toalha e correu para a porta, com os olhos ainda remelentos e os batimentos acelerando cada vez mais. A pulsação normalizou assim que ela avistou a sócia através do olho mágico. Expirando, forçou um sorriso receptivo e abriu a porta devagar.

– Camilla...

– Sua miserável sem coração, custava me avisar que já havia voltado?

Alice apertou os lábios.

– Também fiquei com saudades...

Ambas se abraçaram rapidamente e depois Camilla invadiu o apartamento com uma grande sacola nos ombros, que depositou sobre a mesa. Alice esfregou os olhos de novo, desenrolou a toalha do corpo, colocou-a em uma cadeira e amarrou os cabelos num

coque. Depois, foi ao banheiro pegar um robe.

– Como soube que eu cheguei?

– Não soube. – Sua sócia estreitou os olhos, indignada. – Mas como você ficou dias sem dar notícias, já é a terceira vez que venho aqui para ver se havia chegado. Se estava viva... O que houve com o seu Facebook, e-mails, WhatsApp?

A risada de Alice ecoou lá do banheiro, depois ela retornou à sala.

– Me desconectei por um tempo.

– Hum... – A expressão carrancuda de Camilla suavizou-se. – Pois eu acho ótimo. Somos mesmo escravos dessa parafernália toda. E férias são férias. Mas – acrescentou, jogando-se no sofá e estudando a amiga – essa greve digital tem alguma coisa a ver com uma certa pessoa?

– Tudo a ver – disse Alice, ajeitando o robe em torno da cintura.

Depois, cruzou os braços.

Camilla achou melhor mudar o assunto para temas mais seguros:

– Fez boa viagem?

– Sim. Acho que no final o saldo foi positivo.

– Então depois você me conta tudo. Senta aqui. Tenho boas notícias. – Alice aproximou-se e se acomodou ao lado da sócia. – Parece que aquele incidente com o Dr. Álvaro já está esquecido. Nos ofereceram dois leilões na semana passada, e acho que serão bem lucrativos.

Alice se animou:

– Isso que é boa notícia. Não vejo a hora de mergulhar de cabeça no trabalho.

Camilla ergueu uma mão, na qual se destacavam as unhas vermelhas e um anel de brilhantes.

– Calma aí, mocinha. Nada de mergulhar, ainda mais agora que não está mais namorando. Comece a nadar aos poucos, com moderação, para poder ver as outras coisas boas da vida além do

trabalho.

– Como o quê, por exemplo?

– Como a sua saúde. Estou achando você muito magrinha. Por que não vai a uma clínica fazer um checkup? Conheço um médico maravilhoso que atende lá onde o Casseano trabalha.

– Não quero aparecer naquela clínica.

– Ora, vamos... – Camilla se levantou, deu a volta no sofá, parou atrás da amiga e começou a massagear seus ombros. Depois, procurando amolecê-la, beijou-lhe o alto da cabeça. – Não faça disso um cavalo de batalha. Vou preparar um lanche reforçado para você.

Alice encostou a cabeça nas costas do sofá e percebeu que estava faminta.

– Não tem nada para comer aqui. Preciso fazer compras.

– Eu trouxe tudo – falou Camilla. Então sacudiu a sacola que tinha deixado em cima da mesa e deu uma risadinha. – Tinha certeza que você passaria fome quando voltasse.

Alice esticou os lábios num sorriso de gratidão.

– Acabou de ganhar o posto de minha fada madrinha.

– Sua interesseira – retrucou Camilla. Então diminuiu o sorriso e fingiu se concentrar em esvaziar o balcão da cozinha. – Seu pai me ligou.

Os pelos dos braços de Alice se arrepiaram na defensiva.

– Ah, foi? – falou, tentando parecer desinteressada. – Não sabia que vocês dois ainda tinham contato.

– Ele queria saber notícias suas. Disse que, desde que você o bloqueou no Facebook, nunca mais se falaram. Nem acreditei que você fez isso. Não acha que está agindo de modo infantil?

Alice emburrou a cara.

– Não vejo por quê. Não quero que ele fique fuxicando a minha vida. Bloqueei porque, da última vez que postei uma foto minha e de Casseano num restaurante, ele apareceu quinze minutos depois por lá com aquela vadia. E ainda teve a cara de pau de ir me

cumprimentar. E sabe como é o Casseano, né? Se eu não interferisse rapidamente, ia até convidá-los para se sentarem com a gente...

– E qual seria o problema? – Camilla largou o que estava fazendo e se virou para ela. – Ele é seu pai. Uma hora vocês terão que deixar esse passado para trás. Eu, tanto quanto você, não aprovo o que ele fez com a sua mãe. Mas todo mundo erra, Alice. Você nunca agiu errado com uma pessoa que amava?

– Bom... – Alice se levantou, incomodada. – Pensei que sua visita seria mais agradável, mas se continuar falando naquele verme, prefiro que vá embora. Eu já tomei minha decisão: quero meu pai *fora* da minha vida.

Camilla inspirou fundo e voltou sua atenção para as compras.

– Tudo bem, não vamos mais falar sobre isso. Você é mesmo uma cabeça-dura. Vá tomar um banho que seu cabelo está um horror! Mais tarde vamos sair.

– Vamos? – perguntou Alice, erguendo uma sobrancelha enquanto seguia para o balcão da cozinha.

– Vamos.

Camilla começou a tirar os alimentos da sacola. Pão, sucos, verduras e frios. Contrariando a atmosfera saudável, Alice pegou um maço que estava próximo e acendeu um cigarro, porque havia ficado aflita com aquela conversa.

– Você precisa ver gente – continuou Camilla –, em vez de ficar deprimida por estar solteira de novo. Eu tentei avisar, sempre falei que um cara gato e inteligente como Casseano era para ser valorizado, mas você não me ouviu... Acho que ele está namorando.

Alice queria morrer.

– Eu sei – falou, soprando a fumaça.

– Mas – disse Camilla, erguendo o dedo indicador na direção da amiga –, embora você tenha agido como uma anta, sua vida ainda não acabou.

– Obrigada pela força. – Alice deu uma risada triste. – Hoje você

realmente está nota dez para me animar.

– De nada. Você ainda tem muito para viver, e tenho certeza de que Deus reservou um futuro brilhante para você. Isso se este vício maldito não te matar antes, é claro.

Alice revirou os olhos.

– Quer ajuda na cozinha?

– Não, apague isso e vá se arrumar.

A contragosto, Alice obedeceu.

– Posso pelo menos saber aonde vamos? Algum barzinho? Estou precisando beber e dar umas risadas.

– Nada de barzinho. – Camila começou a cortar um pedaço de queijo brie. – Esses lugares acabam sendo o destino obrigatório de qualquer mulher decepcionada com a vida. Principalmente aquelas que tomaram um fora ou são infelizes no casamento. Você não aprende nada de útil nesse tipo de ambiente. A verdade é que se relacionar dá trabalho, mas vale a pena. A grande maioria das pessoas não nasceu para viver sozinha, só que algumas demoram um pouco para descobrir isso.

Alice entendeu a indireta.

– Por que todo esse empenho em levantar meu astral? – perguntou, irônica.

Com um suspiro, Camilla pousou a faca sobre a mesa e encarou a amiga de modo severo.

– Sua mãe era minha melhor amiga, e prometi que cuidaria de você como ela mesma faria. Mas não está dando certo. Os anos estão se passando e vejo você cada dia mais infeliz, cada vez mais dura... Sei que você é uma mulher e não uma menininha, e eu não tive nenhuma filha para saber como lidar com você. Meus dois filhos cresceram na igreja e nunca me deram trabalho. Sei que você já me disse várias vezes que não sou sua mãe, mas eu te amo do fundo do meu coração, então, agora farei as coisas do meu jeito. Goste você ou não.

Alice encarou-a com arrependimento no olhar. Camilla sabia apertar o torno.

– Eu nunca quis magoar você – falou. – É verdade, eu disse que você não é minha mãe, mas cuida de mim como se fosse. E eu te amo como se fosse da minha família. Me desculpe se nunca te disse isso.

Os olhos de Camilla se encheram de lágrimas, mas ela as conteve.

– Que bom. Agora que estamos entendidas, vá colocar uma roupa decente. Não vamos a nenhum antro de doidões que sofrem de angústia no fim da festa.

Com uma risada descontraída, Alice se afastou do balcão.

– Nossa, de onde você tirou essa cena dramática?

– Sei lá – disse Camilla, dando de ombros enquanto lavava uma folha de alface. – Acho que tenho visto televisão demais.

– Não vai mesmo me contar o que a gente vai fazer?

De modo firme, Camilla ergueu os olhos para ela.

– Até hoje você só aprendeu a erguer muros. Acho que está na hora de aprender a construir algumas pontes.

Capítulo 24



— *Se precisar, amarrarei você* na cadeira até acabar a reunião – ameaçou Camilla, não completamente de brincadeira.

Mal-humorada, Alice examinava a fachada do prédio espelhado e de três andares. Estavam dentro do carro na porta de igreja que Camilla frequentava, em Ipanema.

– Você sabe que não tenho religião – disse Alice, irritada.

– E nem precisa ter. – O tom de Camilla foi cordial. – O que vai acontecer aqui hoje não é um culto.

– Então é o quê?

– O pastor cedeu algumas salas para um grupo de psicólogos, e eles fazem encontros com pessoas que têm os mais diversos tipos de problema. Não é maravilhoso?

Alice se empertigou, piscou, e então cravou um olhar ferino na amiga. Sua ideia de “maravilhoso” estava bem longe disso.

– Por acaso você acha que sou alguma maluca?

– Não seja ignorante – retrucou Camilla, descartando o comentário da outra com um aceno da mão. – Todos devíamos fazer terapia em algum momento da vida. Eu inscrevi você nesse grupo porque acho que vai ajudá-la a compreender o que se passa aí

dentro.

Tocou de leve no peito de Alice, que a encarou, aflita com suas intenções.

– E se eu não quiser saber? – perguntou ela empinando o queixo, com um beicinho petulante.

– É claro que você quer, só está com medo, como todo mundo. – Alice revirou os olhos, mas Camilla nem chegou a fazer uma pausa.

– A maioria das pessoas prefere a acomodação à transformação. Tenho visto, ano após ano, você terminar namoros promissores, e sei que isso tem a ver com o que aconteceu no passado com seus pais, principalmente com a sua mãe. Esse tipo de coisa é muito comum em pessoas que vieram de lares problemáticos, só que a maioria delas prefere fugir do problema, em vez de encará-lo. Mas eu gosto demais de você para deixá-la continuar assim. – Passou a mão no rosto da amiga e segurou seu queixo quando reparou que seus olhos estavam ficando vermelhos. – Olha, eu sei que conviver com um problema conhecido é sempre mais fácil. Mas a negação de que algo está errado em você é uma forma de manter o problema. Só estou pedindo que ouça o que eles têm a dizer. Fica pelo menos quinze minutinhos... Por mim?

Dividida, Alice estudou a fachada de igreja demoradamente, com os lábios comprimidos. Em seguida fez um muxoxo, derrotada.

– Se eu fizer isso, você vai me deixar em paz?

Um sorriso iluminou o rosto de Camilla.

– Prometo que é a última vez que te trago à força.

– Posso pelo menos saber em que tipo de grupo me inscreveu?

– Codependência.

Houve uma pausa solene, com Alice estarecida.

– Co o quê? – rugiu ela. – Que diabo é isso? Logo eu, que nunca dependi de ninguém...

– Pois é – A sócia abriu a porta do carro e a encarou antes de sair. – É exatamente esse o problema.

Alice bateu a porta do carona com cara de quem comeu e não gostou. Não conseguia compreender como sempre deixava a sócia convencê-la a fazer as coisas mais loucas. Entretanto, sabia que era melhor ceder um pouco, para que a amiga não a acusasse de ser intransigente. Sempre que Camilla enfiava algo na cabeça, era difícil dissuadi-la da ideia. Alice já tentara algumas vezes, mas acabava sempre com dor de cabeça, após discussões inúteis, rouca de tanto protestar. Além do mais, no fundo, sabia que Camilla só estava agindo daquela maneira por estar preocupada com seu bem-estar. O mínimo que ela podia fazer em troca era demonstrar boa vontade.

Ambas atravessaram o portão de ferro recém-pintado de branco e entraram no prédio. Lá dentro, pegaram um elevador para o segundo andar e se dirigiram à última sala do corredor de paredes brancas, adornado com alguns grandes vasos de plantas. Todo o interior do prédio cheirava a produtos de limpeza, tinha tetos rebaixados em gesso e o ar-condicionado central mantinha todos os ambientes climatizados.

Quando chegaram à sala certa, Alice observou seis mulheres – quatro mais velhas que ela e duas que pareciam ter em torno de sua idade – e um homem ainda de pé, conversando perto de uma mesa que continha garrafas de café e rosquinhas. Havia um enorme sofá bege em formato de L e duas poltronas vermelhas em frente a ele. Persianas claras e verticais estavam entreabertas, deixando a suave luz do crepúsculo penetrar no ambiente. As paredes eram cor de salmão e havia alguns vasos de flores dispostos em pontos estratégicos. Camilla logo se aproximou do grupo e fez as apresentações. Minutos depois, o responsável pela reunião juntou-se a eles e todos se acomodaram. Alice afundou no assento, desejando se tornar invisível. Sentia-se como uma incapacitada sob interdição.

– Fico feliz que todos tenham conseguido chegar a tempo. O trânsito está uma loucura. – Ele olhou para Alice com uma expressão simpática. – Vejo que temos uma convidada. Muito prazer, meu

nome é Ygor. Sou psicólogo e colaborador desta igreja.

– Muito prazer – cumprimentou ela, em voz baixa.

– Há algum motivo especial para que tenha vindo nos visitar?

Alice olhou para Camilla, buscando orientação.

– Ela é minha sócia – apressou-se em dizer a amiga. – Eu a trouxe para ver como são as reuniões.

– Ah, tudo bem... – O sorriso receptivo dele permaneceu aberto.

– Neste caso, seja bem-vinda. Já sabe alguma coisa sobre o assunto? – Quando Alice fez que não com a cabeça, ele continuou: – Bom, aqui falamos sobre a codependência, que é um transtorno emocional que costuma acometer os familiares de pessoas problemáticas. Antigamente, só se denominavam codependentes parentes de pessoas com vícios, mas hoje em dia esse distúrbio é estendido a qualquer quadro de transtorno de personalidade ou de conduta. A característica principal consiste num tipo de atadura emocional, ou seja, a pessoa se encontra atrelada à patologia de outra. Está conseguindo entender?

– Acho que sim – resmungou Alice, não muito disposta a colaborar.

Ygor percebeu sua resistência e prosseguiu na explicação:

– Os codependentes são pessoas que vivem em função de outra que já é dependente ou está doente física ou psicologicamente. Por isso, eles assumem a responsabilidade por todos os comportamentos problemáticos dessa pessoa, preocupando-se de forma excessiva com o seu bem-estar. O que o codependente não percebe é que, cuidando do outro dessa maneira sem limites, acaba mergulhando em um processo de autoanulação. Seus objetivos e necessidades acabam sendo esquecidos por ele mesmo. – Pela segunda vez, Camilla espiou o rosto de Alice, desejando que ela estivesse compreendendo o tamanho do seu problema. – À medida que o codependente abandona suas necessidades e seus objetivos ao longo da vida, ele entra num processo de abandono de si mesmo, de

autodestruição. Só que nem sempre isso é tão claro para os que o cercam, muito menos para a própria pessoa. E acontece em vários níveis. Como esse padrão ocorre a longo prazo, em geral durante vários anos, resulta em muitas perdas, principalmente a perda do tempo que a pessoa deveria ter investido em si mesma, em seu lazer, em seus projetos pessoais... E há ainda a perda de relações que poderiam ter existido e sido saudáveis. Isso tudo pode desencadear alguns danos para a saúde da pessoa, seja no aspecto físico, através de doenças psicossomáticas, ou no campo psicológico.

A raiva que estava sentindo deu uma curta trégua, e Alice enfiou as mãos embaixo das coxas e manteve a cabeça baixa, absorvendo o que estava ouvindo e organizando as informações. Tentou lembrar qual tinha sido a última vez que buscara, de forma sincera, olhar para os próprios sonhos e interesses. Qual tinha sido a última vez que se colocara na frente de sua mãe, de suas lembranças, de seu trabalho e de tudo mais... Não conseguiu recordar.

Uma das mulheres se manifestou:

– O pior é quando isso acontece e a pessoa dependente já está curada. Veja o meu caso: meu marido já parou de beber há três anos e eu ainda fico louca toda vez que ele sai de casa.

Ygor assentiu com a cabeça. Em seguida, levantou-se e foi em direção à mesa do café.

– Em alguns casos, quando os alcoólatras ficam curados, o comportamento codependente da família permanece e, muitas vezes, até se intensifica. O medo de que o ente querido tenha uma recaída é mais doloroso do que a busca pela cura. Além disso, esse comportamento codependente ao longo dos anos pode viciar. Quando passamos muito tempo colocando alguém como nossa prioridade, isso se torna um hábito.

– E quando a pessoa dependente já morreu? – Alice se ouviu perguntar, para o espanto de todos.

De costas para ela enquanto servia o café, Ygor sorriu. Enfim a

novata havia aberto um pouquinho a porta. Satisfeito, ele passou pela brecha.

– É quase a mesma coisa – falou. – Só que o codependente direciona os seus cuidados para outra pessoa ou atividade, sempre de forma intensa. Uns se dedicam estritamente ao trabalho, ou a um hobby, ou a outra pessoa problemática também... Ou, então, mantêm vivas dentro de si promessas veladas que fizeram à pessoa que já se foi, como uma forma de ainda servi-la. É um comportamento patológico. A única pessoa de quem o codependente não cuida é de si mesmo. Além disso, ele dificilmente aceita ser cuidado por outros sem resistir. Em geral, essas pessoas têm uma enorme necessidade de controlar e manipular todo mundo à sua volta, e na ansiedade de não permitir que aconteça o contrário, acabam afastando pessoas queridas, que só queriam lhe fazer bem e ajudar. Por isso, nosso lema aqui é: só por hoje, serei a pessoa mais importante da minha vida. – Tornando a se sentar, sorriu para o grupo todo. – E aí, pessoal? O que fizeram por vocês mesmos na semana passada?

– Eu entrei na ginástica funcional – disse uma das senhoras, com orgulho.

– Que maravilha! E você, Luiza?

– Fui ao cinema sozinha, conforme prometi na semana passada.

– Ótimo! Para a semana que vem, que tal ir ao teatro? Você me disse que adora.

– Farei isso.

Todos continuaram narrando suas novidades e Alice percebeu, com um aperto no peito, que, se a pergunta tivesse sido direcionada a ela, não saberia o que responder. Mesmo na viagem de férias – para a qual fora praticamente empurrada pela sócia –, fizera muitas coisas em função dos outros. Havia tido um breve interesse por Eamon quando percebeu que ele precisava de cuidados. Afeiçoara-se a Pietro quando notou que o menino não recebia nenhuma atenção

materna, e não conseguira se relacionar com Eamon porque sua amiga também precisava ser resgatada. Onde era necessária, Alice procurava dar o melhor de si. Na verdade, ela só conseguira sentir-se livre para voltar ao Brasil quando ninguém mais em Londres precisava do seu amparo.

Então, pela primeira vez, acompanhando aquele raciocínio, considerou que de fato tinha algumas características de uma pessoa codependente. E que precisava interromper aquele ciclo.

Havia dedicado boa parte da juventude exclusivamente à mãe. Sempre tinham sido muito ligadas, pois Alice era filha única, e na época da separação da mãe, quando Ana entrara em depressão permanente, Alice ficara ainda mais próxima dela, para apoiá-la naquele momento difícil. Começou a trabalhar em uma loja de lingerie, assumiu algumas contas da casa e pagou pela própria faculdade de turismo – não que sonhasse em trabalhar na área, mas era o curso mais barato e perto da sua casa com que se identificava minimamente, já que gostava de viajar, então acabou se decidindo por ele.

Aos 20 anos, já estava formada. No entanto, após concluir que aquela carreira não lhe faria ganhar dinheiro – pelo menos não a curto prazo –, decepcionou-se profundamente. Para piorar, sua mãe morreu um mês após sua formatura, fazendo seu mundo desmoronar. Por muito tempo, durante a depressão de Ana, Alice tinha sido seu porto seguro. Depois, quando a mãe ficara acamada, tinha cuidado dela com todo o carinho. No final, Alice já se sentia tão responsável por ela que não estava mais claro quem era a mãe e quem era a filha. Como consequência, havia deixado de cuidar de si mesma.

Sua frustração com aquelas conclusões aumentava cada vez mais. De repente, Camilla aproximou-se de sua orelha e sussurrou:

– Espero que tenha compreendido por que insisti tanto em trazê-la até aqui.

Rendida, Alice sorriu brevemente, com os olhos ardendo.

– Eu entendi, sim.

– Percebe que ainda está tomando conta da sua mãe?

Alice fechou os olhos e fez que sim com a cabeça.

– E o que pretende fazer a respeito disso?

– Parece que ela não precisa mais de mim.

Foi como reviver uma despedida, que havia ficado pela metade.

Emocionada, Camilla passou um braço pelo ombro da amiga e beijou sua cabeça.

– É, não precisa. Sei que você sofreu muito por ter que cuidar dela tão jovem, mas Deus permitiu que tudo isso acontecesse na sua vida para que você se tornasse a mulher forte que é hoje. E Ele usará essa força para um bom propósito, e te transformará na pessoa que você nasceu para ser. Mas, primeiro, você precisa deixar Ana partir e começar a cuidar melhor de si.

– Mas eu não sei como começar – retrucou Alice, fungando.

– É exatamente por isso que você está aqui.

Capítulo 25



Quatro semanas depois, Alice já estava enturmada com o grupo da terapia e alargando a brecha cada dia mais. Frequentava as reuniões uma vez por semana e também se sentia cada vez mais à vontade com as orações que eram feitas ao final delas. Pouco a pouco, abria mais o seu coração e descobria coisas novas sobre si mesma.

Compreendeu, por exemplo, que em seu anseio desesperado para reunir os cacos da mãe após a separação e tentar compensá-la por todo o sofrimento, não tivera tempo de prantear, ela mesma, o abandono que também sofrera do pai. Essa consciência lhe rendeu uma tarde inteira chorando sozinha na cama.

Sua confiança em Ygor se sedimentava pouco a pouco, assim como a sua fé. Às vezes, sozinha em casa, Alice se pegava conversando com Deus, sinal de que O havia perdoado por tudo o que acontecera. Aprendera até algumas canções de louvor, que cantarolava de forma inconsciente durante o banho.

Também não afugentava mais tanto as pessoas, embora ainda fosse introspectiva com a maioria. A vida seguia na tranquilidade dos momentos de prazer que ela se comprometia a dar a si mesma pelo

menos uma vez por semana. Às vezes, ia andar de bicicleta em torno da Lagoa Rodrigo de Freitas, ou então passava a tarde em um salão de beleza, e em muitas ocasiões saía só para fotografar.

O maior desafio que Ygor tinha lhe proposto fora contratar alguém para fazer um ensaio fotográfico dela mesma, ao descobrir que Alice não gostava de aparecer nas fotos. Ela era linda, e precisava ter consciência disso.

Sem muito ânimo, Alice obedeceu, e ficou espantada ao perceber que era mesmo fotogênica. Tinha sido Camilla quem arrumara o estúdio, o fotógrafo, e a ajudara na produção das roupas. Alice havia gostado tanto das fotos que substituíra todas as imagens de seus perfis nas redes sociais. A única nuvem escura em sua vida era a saudade latente que ainda sentia de Casseano. Simplesmente não conseguia imaginar-se com outro homem, mas esperava que o tempo curasse aquela dor em seu coração. Orava com ardor por isso.

Em certa manhã, pegou-se folheando um caderno que tinha ganhado de Ygor. Ele a havia incentivado a olhar para dentro de si e colocar naquelas folhas em branco todos os seus projetos e sonhos. Tinha feito questão de frisar que ela só poderia anotar os seus desejos pessoais, nada que beneficiasse outras pessoas.

– É um exercício – esclarecera. – Quando estiver com esse caderno nas mãos, pense somente em você. Quero que descubra o que deseja em seu íntimo. E lembre-se, não há limite para sonhar.

No início, Alice não sabia o que escrever. Mas, à medida que começou a orar enquanto folheava aquelas páginas, diversas imagens foram surgindo em sua cabeça. Alguns dias depois, o caderno já estava cheio de planos e anotações. Um deles, é claro, era voltar a Londres assim que pudesse para rever os amigos. Também queria comprar um carro, estudar francês, conhecer a Indonésia e visitar a Amazônia. Alice não só escrevia seus sonhos como também colocava recortes de revistas com imagens

relacionadas a eles. Aquilo lhe fazia muito bem, inspirava-a a trabalhar para realizá-los. Como consequência disso, sua disposição e seu ânimo melhoraram consideravelmente.

Mas o mesmo não se podia dizer da sua saúde. Nos últimos tempos, Alice andava sentindo muitas dores de estômago. Isso lhe tirava o apetite e, por essa razão, ela ficava horas sem comer. Em certa manhã, ela havia acabado de acordar e estava dando uma olhada no Facebook no celular, deitada na cama. Sentia-se segura em fazer isso depois que excluía Casseano de sua lista de amigos. Ainda o amava, por isso mesmo não queria nenhum contato com ele. Precisava esquecê-lo e seguir em frente com a vida.

Em certo momento, após trocar algumas mensagens com Luana, Alice avistou um link patrocinado de uma loja de vestidos de noivas. Incomodada, largou o telefone de lado, apertou a mão contra os olhos e procurou não pensar no seu ex. Porém, foi inevitável sentir uma ardência na garganta e um sentimento de perda. Quantas vezes Casseano insinuara que ela ficaria linda num vestido daqueles? No entanto, ela sempre mudava de assunto, dizendo que não queria se casar. Mas será que aquilo era mesmo verdade?, perguntou-se pela primeira vez, sendo sincera consigo mesma. Agora que estava se libertando das amarguras do passado, será que não desejava aquilo para si? Uma grande festa, o bolo, a cerimônia e um companheiro para a vida toda? Quantas vezes brincara de se vestir de noiva quando era pequena? Será que esse sonho havia definhado em seu coração por causa da traição de seu pai?

Sentiu uma pontada no coração quando imaginou Casseano esperando-a no altar, trajando um smoking elegante.

“Quer saber? Não tenho nada a perder...”, disse a si mesma. Num impulso, descartou sua breve preocupação e foi para a frente do computador, onde se entreteve por alguns minutos procurando um vestido de noiva. Quando achou um que lhe agradou, imprimiu a imagem e colou-a no seu caderno de sonhos. No entanto, assim que

o fechou, sentiu uma dor aguda na barriga e dobrou o corpo para a frente.

– Droga, eu devia ter tomado café da manhã...

Arrastou-se para o sofá e deitou-se de bruços. A pontada aumentou. Procurou ficar quietinha por alguns momentos, mas os espasmos a fizeram se contorcer.

– Não acredito nisso...

Sem alternativa, Alice se arrumou com dificuldade, pegou sua bolsa e seguiu para a clínica. As dores estavam cada vez mais frequentes. Por sorte, ela havia ficado com o carro de Camilla depois de um evento na noite anterior. Dirigiu ofegante, fazendo uma careta a cada nova fisgada, enquanto encarava a interminável fila de automóveis a sua frente.

Cinquenta minutos depois, quando finalmente estacionou na rua arborizada da clínica, as contrações já haviam diminuído. Aflita, Alice cogitou voltar para casa e se conformar com um sal de frutas. Não queria entrar naquele lugar, que lhe trazia tantas recordações. Mas, segundo o livro do seu plano de saúde, aquele era o atendimento de emergência mais próximo à sua casa. Assim, ficou olhando para o edifício amarelo-claro, admirando o belo jardim que margeava a entrada. Uma ambulância estava estacionada próximo à recepção e alguns paramédicos conversavam ao redor dela. Funcionários e pacientes entravam e saíam pela porta de vidro automática.

Com a respiração entrecortada, Alice ainda estava indecisa se saía do carro ou não quando ouviu o ronco de uma moto e viu Casseano parar no estacionamento poucos metros à sua frente. Assim que o reconheceu, ela prendeu a respiração. Nem um músculo de seu rosto se moveu. Distraído, ele buzinou para alguém que passou de carro e acenou levantando dois dedos. Em seguida, tirou o capacete, pendurou-o no antebraço e desceu da motocicleta. Usava óculos escuros, camiseta preta e uma calça jeans meio rasgada.

Girando a chave no dedo indicador, ele caminhou apressadamente para a recepção. Algumas enfermeiras que estavam do lado de fora também o acompanhavam com os olhos enquanto ele passava, suspirando, e quando uma delas comentou alguma gracinha, Casseano retribuiu com um sorriso divertido e sem graça, depois passou pela porta de vidro.

Os músculos de Alice se retesaram. Bonito como era, Casseano devia ser paquerado o tempo inteiro pelas funcionárias daquele hospital. Não era de se admirar que, quando eles ainda namoravam, ela recebesse muitos olhares enviesados quando ia visitá-lo no trabalho.

Protegida pelo vidro escuro do carro, Alice olhava fixamente para a porta de entrada, perguntando-se o que faria se cruzasse com ele pelos corredores, mas ao mesmo tempo muito tentada a procurá-lo diretamente. Será que agiriam como amigos? A dor ainda era muito recente, e o sentimento de perda dela era devastador. Seria horrível se ele agisse com indiferença.

Droga! Por que não havia notado antes quanto o amava? Agora era tarde demais para lamentar.

Como um incentivo para sair do carro, sentiu uma pontada no abdômen outra vez. Era como se o seu corpo estivesse agindo contra ela. Rendida, Alice saiu do veículo e claudicou até a recepção, onde pessoas faziam fila para ser atendidas. Aguardou pacientemente até que chegasse sua vez. Depois, entregou a carteirinha do plano de saúde, seus documentos, e foi orientada a se dirigir para a sala 13, que, para seu alívio, não ficava no corredor da pediatria. Havia quase dez pessoas na sua frente. Resignada, Alice se sentou em uma cadeira de plástico no corredor e recostou a cabeça na parede, normalizando a respiração enquanto a dor lhe dava uma trégua.

Quinze minutos depois, o clínico geral a chamou pelo nome. Era um homem alto, de traços finos e rosto alongado. Tinha cabelos

negros, porém escuros demais para serem naturais, e impressionantes olhos azuis.

– Bom dia, meu nome é Júlio Cezar – falou quando ela entrou no consultório. – Em que posso ajudá-la?

– Bom – disse Alice enquanto se sentava na frente dele e apoiava sua bolsa no colo. – Há algum tempo venho sentindo dores no estômago, mas agora estão se intensificando. Agora de manhã fui surpreendida por uma pontada aguda, bem aqui – explicou, apontando para um ponto acima do umbigo.

– Como anda a sua alimentação?

– Nada bem. Não consigo comer por conta da queimação no estômago.

O médico assentiu com a cabeça e digitou algo no laptop rapidamente.

– Como foi a sua rotina nos últimos meses?

– Trabalhei bastante, até que fui obrigada por minha sócia a tirar umas férias, quando viajei para Londres.

– E conseguiu descansar?

– Mais ou menos. – Ela deu uma risadinha sem graça. – Foi uma viagem com altos e baixos.

– Você tem sentido náuseas? Vomitou alguma vez?

– Não, graças a Deus.

“Será que ele acha que estou grávida?” Isso seria impossível.

O médico pediu que Alice se deitasse na maca e começou a dar batidinhas em sua barriga, depois fez algumas perguntas e tentou descobrir de onde exatamente vinha a dor. Em seguida, ambos tornaram a se sentar.

– Bem – começou ele, inclinando o corpo para a frente e cruzando as mãos abertas sobre a mesa –, acho que o que temos aqui é uma crise de gastrite. Mas precisamos investigar, para descartar a possibilidade de úlcera. Já fez endoscopia alguma vez?

– Não, e tenho medo só de pensar.

– Não precisa ter medo, é um processo simples. Mas vai precisar de alguém para levá-la embora depois. E vou pedir um exame de sangue também. Assim que tiver tudo isso, volte para me ver. Por ora, vou te prescrever um remédio para ajudá-la com a dor.

– Tudo bem. Muito obrigada.

Ao sair do consultório, Alice começou a resmungar mentalmente, pois detestava agendar e fazer exames. Porém, uma luzinha em sua cabeça a alertou para o seu problema de codependência, então ela decidiu que investigaria o problema e cuidaria de si mesma como se deve.

Maldita foi a hora em que resolveu ir ao banheiro antes de sair, pois flagrou Casseano no corredor conversando com uma mulher que estava encostada à parede e vestia um jaleco branco, assim como ele. Não era a mesma pessoa que Alice tinha visto no Facebook. Esta era mais jovem – provavelmente residente – e com certeza mais bonita. Tinha longos cabelos loiros e um rosto de boneca. Ambos riam de alguma coisa, se entreolhando de forma muito íntima. Ao ver aquela cena, Alice sentiu os músculos da garganta se contraindo, como se o próprio corpo quisesse estrangulá-la. A ideia de seu ex estar pulando de galho em galho ardeu em seu coração mais do que um tapa no rosto. Não conseguiu se aproximar. E, mais uma vez, ficou entristecida com o abismo que havia criado entre os dois.

De repente, uma enfermeira se aproximou da garota para lhe dar um recado. Casseano aproveitou o momento para apertar o botão do elevador logo a sua direita, depois coçou o nariz e, em seguida, olhou para o lado. Foi quando flagrou Alice encarando-o, com uma receita nas mãos. Ela sentiu o rosto pegar fogo quando se deu conta de que estava parada ali feito um dois de paus.

Uma enxurrada de sentimentos inundou o peito dos dois. Sem que conseguisse conter, um dos cantos dos lábios dele se ergueu, vacilante, e o gesto fez Alice tremer. Ela ofereceu um sorriso débil

para disfarçar seu constrangimento e tentou acalmar as batidas do coração. “Pelo menos”, pensou, divertida, “se eu tiver uma arritmia, não poderia estar em lugar melhor.”

Voltando a si após a surpresa, Casseano se aproximou.

- Alice... O que está fazendo aqui?
- Tive uma crise de dor no estômago.
- De novo?
- Pois é.

A expressão dele ficou mais severa.

– Eu avisei pra você investigar isso antes. Quando voltou de viagem?

Pelo canto do olho, Alice percebeu que a moça que estava com ele momentos antes agora a observava com curiosidade, avaliando-a discretamente.

- Voltei há algum tempo.
- Ah...

A mínima reação nos olhos dele a fez prender a respiração. Aquilo que vira fora mágoa ou indiferença?

A colega de Casseano se aproximou e exibiu um sorriso largo, mas que não chegou aos olhos. Mais pareceu uma tentativa artificial de ser simpática.

– Preciso ver um paciente no segundo andar – informou a Casseano, lançando a Alice um rápido olhar de superioridade inerente aos estudantes de medicina.

- Tudo bem – disse ele, mas não as apresentou.
- Nos vemos mais tarde?
- Claro.
- Te espero na minha casa – disse a loira.

Depois de marcar território, ela começou a se afastar pelo corredor.

Casseano se virou de novo para Alice, que forçou um sorriso enquanto rezava para morrer. Embora estivesse se sentindo mais à

vontade sem o escrutínio daquela metida a besta, não podia acreditar que Casseano estava mesmo com outra pessoa. Como ele podia estar seguindo em frente com sua vida amorosa naturalmente, enquanto ela mal conseguia parar de odiá-lo por isso?

Na verdade, Alice queria se jogar nos braços dele. E queria estrangular aquela lambisgoia. E queria, também, que seu ex-namorado fosse feliz. Queria muitas coisas, e todas elas se chocavam entre si, numa grande confusão.

Casseano pigarreou.

– Espero que tenha aproveitado bem a viagem.

Abalada, ela guardou a receita na bolsa.

– Sim, foi ótima. Mas também foi muito bom voltar para casa. Eu estava com saudade da minha vida.

Ele sorriu, mas seus olhos pareciam tristes.

– Desculpe se fui muito duro com você antes de partir – falou, arrependido.

Alice balançou a cabeça em uma negativa.

– Não se desculpe. Nós dois precisávamos desse tempo.

– Fiquei com ódio de mim depois de fazer aquilo – retrucou ele, precisando desabafar. – De dizer aquelas coisas para você.

– Não devia – disse ela, tentando consolá-lo.

– Mas eu fui muito cruel afirmando que estava interessado em outra pessoa.

– Não foi, não.

– Fui sim.

– Não foi.

– Fui sim.

– Bom... – Alice abriu um sorriso, dessa vez sincero. – Pra falar a verdade, você foi um pouquinho.

Casseano também sorriu, surpreendido por ter ganho a batalha. Isso era bastante incomum com Alice.

– Fico feliz em ver que você está bem – afirmou ela, sendo

honestas.

O olhar dele acariciou o seu rosto, passeando por sua pele.

– Você está parecendo diferente – comentou, intrigado.

– De certa forma, eu estou.

O olhar desceu para a sua boca.

– Alice – disse ele, abaixando o rosto como se fosse beijá-la, mas parando bem perto da sua bochecha. O corpo dela reagiu quando sentiu uma nota tênue do seu cheiro. – Se precisar de qualquer coisa, me avise. Eu ainda me preocupo com você.

Foi impossível esconder a decepção, e os olhos dela ficaram marejados.

– Obrigada. Também me preocupo com você. E fico contente em saber que encontrou alguém que atende às suas expectativas.

Casseano estreitou os olhos ao ouvir aquilo, mas depois baixou o olhar e segurou a mão dela. Começou a brincar com seus dedos, parecendo indeciso sobre o que ia dizer. Alice estava pertíssimo dele, o suficiente para ver os pontos dourados no contorno de suas pupilas. Quando olhou para as mãos dos dois entrelaçadas, Casseano a soltou.

– Preciso ir – murmurou ele.

– Eu também.

O coração dela retumbava no peito.

– Você vai ficar bem? – perguntou ele, carinhosamente.

– Talvez não agora, mas logo ficarei.

Casseano não sabia se ela falava da dor no estômago ou de outra coisa.

– Mande um beijo para Camilla.

– E mande um abraço para sua mãe.

Parecendo indeciso, ele deu dois passos para trás, mas depois tornou a andar para a frente outra vez.

– Quer que eu chame um táxi para você?

– Não. Estou com o carro da Camilla, mas obrigada.

Nenhum dos dois sabia como alongar aquela conversa. Então, ficaram apenas parados, olhando um para o outro. Era nítido que tinham muito mais a dizer. Foi como se as persianas tivessem subido e, finalmente, as duas almas se reencontrassem. Por um minuto, Alice se esqueceu de que estava no presente, e não no passado. Não queria ir embora. Estar com Casseano era mil vezes melhor do que não estar, não importava como fosse.

– Ora bolas, deixa eu te acompanhar... – falou Casseano, quebrando o transe, então envolveu o ombro dela com o braço e levou-a para a saída.

Alice não sabia o que aquele gesto significava, então seguiu calada até o carro. Quando eles se aproximaram do veículo, ela destravou-o automaticamente e examinou Casseano, que enfiou as mãos nos bolsos do jaleco e rompeu o silêncio:

– Isso é estranho, não é? Quando te vi pela última vez, eu estava puto da vida. E depois, quando vi sua foto no Facebook com outro cara, quis te matar. Mas quando te vi no corredor agora há pouco só pensei em me aproximar de você, e não foi para brigar.

Ele riu.

Alice riu também, mas não sabia se aquilo era bom ou ruim. Para ficar enfurecida com alguém, a pessoa precisava se importar. Será que Casseano já tinha pulado essa etapa com ela?

– Também fiquei bem furiosa quando vi uma foto sua jantando com outra mulher.

– Era só uma amiga.

– Se eu estivesse no Brasil naquele dia, não tenho muita certeza se você estaria vivo.

– Sorte a minha.

Ambos riram e Casseano cruzou os braços, fitando-a nos olhos.

– Eu amei muito você, sabia? Nunca vou me arrepender do que nós dois tivemos juntos.

Alice engoliu em seco. Era doloroso demais ouvir o verbo “amar”

no passado, mas era bom saber que um dia fora amada por um sujeito tão bom como ele.

– Fico feliz em saber disso.

– Sabia que minha irmã me deu um esporro quando eu disse que nós tínhamos terminado?

– Sério? – disse ela, dando um riso debochado. – Logo ela, tinha tanto ciúme de mim?

– Pois é.

O astral entre os dois estava ótimo, e Alice aproveitou para perguntar sobre a família dele. Depois, Casseano quis saber mais sobre a viagem dela. Alice contou quase tudo, deixando de lado sua breve atração por Eamon e as confusões em que se metera por causa disso. Depois começaram a flamar por algumas recordações:

– Lembra aquela vez na Espanha, no metrô, quando saí correndo e acabei perdendo um sapato na plataforma?

– Eu tive que te carregar por duas quadras nas costas...

– Lembra quando estávamos naquela pousada, e você resolveu cozinhar e quase colocou fogo na cozinha?

– Puxa vida, eu não me lembrava disso...

– Nem eu, até agora.

Enquanto falavam, ambos riam e aproveitavam para encostar de leve um no outro. Era um roçar de peles delicioso, agridoce, uma memória distante de um tipo de contato que tiveram algum dia. Quando a sessão nostalgia acabou, Alice discorreu sobre suas recentes descobertas sobre si mesma, como uma criança orgulhosa que mostra as boas notas para o pai. Estava, inclusive, usando adesivos de nicotina e já suportara oito dias sem fumar. A cada frase Casseano sorria, cheio de admiração.

– Nossa, quantas novidades... Só falta você me dizer que resolveu se casar – comentou. A expressão de Alice endureceu, mas ele seguiu em frente: – Conheceu alguém interessante na Inglaterra?

- Ninguém em especial.
- E aquele cara da foto? Do beijo?
- Só fiz aquilo para provocar você.

Ao ouvir isso, Casseano não conseguiu evitar um meio sorriso, com um resquício de vaidade. As entranhas de Alice se reviraram diante daquele brilho malicioso nos olhos dele, revivendo lembranças e sensações. A tensão entre os dois voltou com força redobrada. Ambos sabiam que seria difícil achar alguém que superasse a química que havia entre eles. O carinho. A compreensão... Naquele momento, Alice se odiou por ser uma codependente e ter destruído um relacionamento que poderia ter sido sensacional. E sua mágoa se refletiu nos olhos de Casseano um segundo depois. Então, ambos desviaram o olhar.

– É melhor eu ir – disse ela, com tristeza. – Ainda tenho que passar na farmácia.

– Espero que melhore logo – desejou ele com brandura, depois, surpreendendo-a, envolveu o rosto triste de Alice nas mãos. – E, só para constar, eu também tive culpa em tudo o que aconteceu.

– Tudo o quê?

– O fim do nosso namoro.

Comovida, ela deixou uma lágrima descer. Casseano a enxugou com o polegar.

– Me perdoe por não ter entendido o que você queria me oferecer – disse ela.

– E me perdoe por tê-la pressionado antes da hora.

Não havia resquícios de rancor na voz dele.

Alice contemplou seus olhos castanhos uma última vez. E, assim, o último elo de ligação que ainda existia entre eles foi apagado. Num gesto quase imperceptível, Casseano estendeu o braço na direção dela e, de repente, os dois se abraçaram. Alice enterrou o rosto na curva do pescoço dele e chorou, inspirando seu perfume. Não havia palavras suficientes para extravasar a dor que havia em seu coração.

Aquele reencontro, tão secretamente aguardado, só tinha servido para colocar um ponto final em tudo. Como se ela houvesse puxado o fio de um suéter e Casseano a tivesse ajudado a desenrolar, até que não sobrasse mais nada.

Quando se desvencilhou dele, Alice correu para dentro do carro e logo deu a partida. Se ficasse mais um minuto naquele lugar, desabaria em prantos na calçada. Enquanto se afastava, espiou a paisagem pelo retrovisor com os olhos molhados. E viu Casseano parado, com as mãos na cintura, parecendo arrasado demais para conseguir voltar ao trabalho.

Capítulo 26



Recolhendo os próprios cacos, Alice resolveu ir trabalhar no dia seguinte, embora tudo o que quisesse fosse ficar em casa, apática, deitada no sofá, reunindo energia suficiente para cortar os pulsos. Ainda não acreditava que Casseano tinha saído de sua vida de vez. A saudade dele, agora que ela tinha voltado ao próprio ambiente, era intolerável. Alice sentia um mal-estar indefinido, como se seu coração estivesse batendo mais devagar. Pelo menos o remédio indicado pelo médico tinha aliviado a sua dor no estômago.

Decidida a se torturar, ela havia passado a noite anterior evocando lembranças dos dois, num pranto inesgotável que varou a madrugada. Sua companhia era uma barra de chocolate tão grande que ela provavelmente poderia voltar a Londres a bordo dela. A melhor parte da noite foi assistir a um programa de pessoas gordinhas que tentavam emagrecer a todo custo. Afinal, era sempre bom saber que existiam outras pessoas frustradas e infelizes também.

Porém, de tudo o que estava sentindo, Alice tinha certeza de que não existia nada pior do que a sensação de irremediabilidade. Por mais que Casseano tivesse sido gentil em dividir a culpa do fracasso

daquele relacionamento, ela sabia que sua teimosia e intransigência haviam sido o estopim que os afastara de vez. Porém, independentemente de qualquer coisa, Alice desejava do fundo do coração que ele fosse feliz, mesmo que fosse com outra pessoa.

Mas não era nenhuma santa. Toda vez que se lembrava da garota que estava com ele no corredor, seu sangue fervia. Ela quase espumava de raiva quando se lembrava do modo desdenhoso com que aquela cretina a examinara de cima a baixo. E só de imaginá-la nos braços de Casseano... Desejava vê-la morta! Mas não por um assassino profissional, mas por suas próprias mãos. Por que se privaria desse prazer?

Bom, não adiantava nada ficar alimentando delírios. Precisava ir adiante. Alice sabia que o tempo curava tudo. Por isso, na manhã seguinte, lavou o rosto, cumpriu todos os seus rituais matinais e foi cuidar das suas obrigações. Dirigiria um leilão na Zona Sul. Estava quase de saída quando seu celular começou a tocar dentro da bolsa.

– Alô?

– Filha?

A voz masculina e familiar lhe arrepiou os pelos da nuca. Alice sentiu um mal-estar.

– O que você quer? – falou, em um tom rude.

– Camilla me disse que você havia voltado de Londres...

– E como sabe que viajei?

– Isso não vem ao caso – retrucou ele, para despistá-la. – A viagem foi boa? Se divertiu?

Com um muxoxo, ela se sentou no braço do sofá.

– Desde quando você se preocupa com meu bem-estar?

– Nossa... Você parece uma metralhadora! Será possível que nunca mais conversaremos com civilidade?

Alice olhou para o relógio na parede da cozinha, subitamente impaciente.

– Estou com um pouco de pressa, estava saindo para o trabalho.

– Tudo bem... – Fernando ficou em silêncio por um momento, ponderando sobre como amansar a fera. – Gostaria de marcar um encontro com você, só nós dois. Tem algumas coisas que preciso lhe dizer.

Com uma dor no fundo dos olhos, Alice os pressionou com os dedos. Por que agora? A última coisa de que precisava era deflagrar outra crise em sua vida. Era melhor deixar mais essa bem enterrada.

– Ainda tenho alguns minutos. Pode falar agora mesmo.

– Não – disse ele. – Quero vê-la pessoalmente.

– Impossível. Ainda não estou pronta para ver a sua cara de novo.

– Está com medo de perder a paciência comigo ou de me perdoar?

– Perdoar? – repetiu ela, rindo com deboche. – Você é muito otimista mesmo...

– É verdade, eu sou. Pena que você não puxou isso de mim. Mas espero que também não tenha se tornado tão rancorosa quanto a sua mãe...

– Se for para falar mal dela... – interrompeu Alice, na defensiva.

– Não quero falar sobre ela, quero falar sobre nós... Você tem mesmo alguns minutos?

Alice suspirou e se sentou no sofá.

– Tenho.

– Então abra a porta.

– O quê? – perguntou ela, com as vísceras se revirando.

– Estou na frente do seu prédio.

– Mas como você sab... – começou ela, depois bufou e desligou o telefone. – Camilla, é claro... – falou consigo mesma, revirando os olhos com amargura.

Como uma condenada, Alice se arrastou até a porta do prédio, depois, tremendo de leve, desceu a escadaria e saiu para a calçada. Não sabia por que estava com aquele bolo gigante no estômago só

por encontrar o pai. Ele não significava mais nada para ela, certo?

Ela demorou para avistar a picape preta estacionada do outro lado da rua. No entanto, ao ver uma cabeleira vermelha já grisalha, Alice o reconheceu de imediato. Seu pai a fitou com os olhos verdes brilhantes e sorriu enquanto atravessava a rua a passos largos. Vestia uma camisa social listrada azul e branca, imperceptivelmente volumosa na barriga, e uma calça jeans escura. Sua compleição corporal ainda era robusta e vigorosa. Tinha um ar tão jovial e feliz que Alice teve vontade de estrangulá-lo.

– Até que enfim vou conhecer a sua casa – brincou ele.

– Não, não vai – disse ela, cruzando os braços com um semblante de desagrado. – Podemos conversar aqui mesmo.

Fernando se sentiu como se tivesse batido num muro. Contraiu os lábios finos e passou uma mão nos cabelos.

– Quer mesmo fazer isso de pé, aqui, no meio da rua?

– Sim – disse ela, taxativa.

Fernando quase riu quando reconheceu a sua menina teimosa.

– Bom – falou, enfiando a chave do carro no bolso e inspirando em busca de forças –, se prefere assim... Eu só queria ver como você estava e te dizer que, filha, eu realmente sinto muito por tudo o que aconteceu com a sua mãe.

Alice riu com deboche.

– Tarde demais para fazer seu teatro. Era só isso?

– Não, não era só isso – retrucou ele com a voz firme, e Alice experimentou o mesmo frio na barriga que sentia quando era pequena e seu pai ficava irritado. – Também queria dizer que sei que fui um cretino com ela, que não devia ter traído a Ana. Mas, mesmo que eu não tivesse feito isso, nosso casamento teria fracassado. Eu fiz o máximo para você não perceber como éramos infelizes, mas acabei criando um problema para mim mesmo.

– Isso não justifica a sua traição...

– Não, não justifica – concordou ele, com uma expressão grave.

– Mas o que quero dizer é que não fui cem por cento culpado. Sua mãe também teve uma parcela de culpa...

– O quê? – Os olhos dela se estreitaram como os de um gato arisco. – Como pode dizer isso?

– Sua mãe me tratava como um filho – desabafou ele –, não como um marido. Ela queria fazer tudo para mim, e vivia se matando para dar conta das tarefas de casa, mesmo que eu dissesse que preferia contratar uma empregada para deixá-la livre para cuidar mais de si mesma. Ana nunca se arrumava, nunca estava bonita... E, à noite, estava sempre cansada demais e dormia assim que batia na cama.

Chocada, Alice começou a reconhecer aquele comportamento nocivo de anulação.

– Nem por isso você tinha o direito de procurar outra mulher! – exclamou Alice, em defesa da mãe.

– É verdade, mas eu fui empurrado para isso. Perdoe-me dizer isso a você, eu não queria expor sua mãe dessa maneira, e respeitei Ana enquanto estava viva mantendo essa imagem imaculada para você. Mas agora ela está morta, e eu preciso resgatar a minha filha, e você nunca me deu uma oportunidade de me explicar...

Aquilo era a mais pura verdade. Alice engoliu em seco e tentou processar de forma mais fria o que tinha acabado de ouvir. Pela primeira vez, deixou seus rancores de lado e contemplou com atenção o rosto do pai. Sim, ele a magoara. Havia tornado sua vida mais difícil. Mas, após tantos anos, será que ainda nutria mesmo tanto ódio por ele? Um exame profundo e franco em seu coração a fez concluir que não. Ainda estava ferida, mas não o odiava.

– Pode até ser que tudo o que você disse seja verdade, mas e eu? Você não me preparou para o que iria fazer... Podia ter conversado comigo, me explicado tudo... Você simplesmente sumiu!

Envergonhado, Fernando baixou a cabeça. Nada que dissesse ou fizesse poderia reparar aquilo.

– Eu sabia que Ana precisaria de alguém, por isso agi daquela forma covarde, empurrando o problema para você, e só me dei conta disso quando já era tarde demais. Mas eu me arrependi, minha filha, por isso estou aqui. Preciso que você me perdoe...

Alice enxugou o canto dos olhos e olhou a calçada ao longe.

– Talvez eu até possa te perdoar, mas não conviver com você. E muito menos vou me jogar nos seus braços. O que você fez me prejudicou de várias maneiras... Trouxe graves consequências para a minha vida.

– Eu sei. E tenho que conviver todos os dias com isso. Mas pelo menos você se tornou a pessoa que é. Eu tenho muito orgulho de você e de tudo o que foi capaz de superar... Você construiu uma vida com as pedras que o destino lhe deu.

Aquelas palavras entraram nos ouvidos de Alice de modo agradável, então ela olhou para os pés. Ygor já havia lhe dito coisas parecidas.

– Também tenho outra coisa para te contar: você ganhou um irmão.

Aquela notícia pegou Alice totalmente desprevenida.

– O quê? Quando? – perguntou ela, ofegando em busca de ar.

– Magda deu à luz na semana passada – contou Fernando, sem conseguir esconder o sorriso. – Por isso eu queria tanto falar com você. Eu ficaria muito feliz se você conhecesse o bebê...

Atordoada, Alice se escorou de costas na porta. Parecia que seus pulmões estavam sendo espremidos.

– Eu... não sei o que dizer... O que sua mulher acha disso? De eu ver o bebê?

– Ela sonha com isso. Magda também quer muito que você a perdoe. Ela tem consciência de que errou.

– Não sei... – Alice passou uma mão pela testa, confusa demais, ao mesmo tempo que se lembrava de Pietro e ficava maravilhada com a ideia de ter outra criança por perto. – Acho que isso tudo é

demais para mim. Eu já falei com você hoje, ouvi o que tinha a dizer... Agora preciso de mais um tempo. Mas... – Ela o fitou rapidamente nos olhos, como uma menininha assustada. – Você pode me ligar quando quiser... para saber como andam as coisas.

Fernando deu de ombros, os lábios apertados.

– Isso não muda muita coisa para mim, mas tudo bem, vou aceitar a oferta de paz por enquanto. Espero que um dia você deseje conhecer seu irmão.

Alice ergueu os olhos.

– Qual o nome dele?

– Levi, que significa “aquele que une”.

Capítulo 27



Felizmente, o leilão estava cheio de convidados. Alice e Camilla esperavam conseguir um bom preço naquele imóvel, mesmo sem lançar mão de medidas apelativas para isso. Alice não se sentia mais à vontade expondo o seu corpo para fins lucrativos, por isso estava usando trajes bem discretos. Para falar a verdade, não acreditava que conseguiria aparentar muito entusiasmo no decorrer do leilão, pois estava se sentindo devastada. Com uma melancolia disfarçada. No entanto, esforçou-se ao máximo para manter um sorriso cordial para todos, inclusive para os funcionários, que a olhavam com desconfiança, uma vez que ela nunca havia sido delicada com eles.

Poucas pessoas sabiam que sua vida sentimental havia desmoronado, mas bastava olhar para o rosto dela para somar dois mais dois. No entanto, Alice decidiu que não precisava explicar a razão de sua tristeza para ninguém. Sua vida, ou o que restara dela, era problema seu.

Olhava para a multidão enquanto bebia um copo de água quando Camilla se aproximou, desorientada.

– Desculpe pelo atraso, o trânsito estava uma loucura e precisei

levar o meu neto na creche, porque a mãe dele tinha que viajar logo cedo...

– Tudo bem.

– Está tudo encaminhado por aqui? – Agitada, Camilla deu uma olhada ao redor. – Os funcionários chegaram no horário combinado?

– Aham.

– Hum... – Ela examinou Alice com mais atenção. – Você veio de táxi?

– Vim.

– Tem certeza de que todos os cômodos da casa foram limpos?

– Tenho.

– Ouvi dizer que roubaram algumas joias da proprietária.

– Que bom... O quê?! – Alice encarou a sócia com pavor nos olhos. – Quem te disse isso?

Camilla riu.

– Só queria ver se você estava prestando atenção. Pelo visto, ainda está abalada pelo reencontro com o Casseano.

– Pois é... – Com um suspiro, Alice deixou o copo de lado. – Não só com isso. Descobri recentemente que ganhei um irmão.

Camilla arregalou os olhos.

– Não precisa fazer essa cara, eu sei muito bem que você já sabia de tudo. Aposto que foi você quem deu meu endereço para o meu pai.

Com um olhar amuado, a sócia tocou em seu ombro.

– Está com raiva de mim?

– Não. – Alice olhou para a frente. – Mas fiquei muito abalada com a visita dele. Falamos disso outra hora. Nada disso vai me impedir de realizar o que vim fazer.

– Tenho certeza que não. E olha... – Camilla apertou seu ombro de modo afetuoso. – Sei que Deus vai cuidar de tudo: te ajudará na situação com o seu pai e mandará outra pessoa tão boa quanto Casseano para você.

Alice deu um meio sorriso incrédulo.

– Sei não... Sempre ouvi dizer que a cota de bênçãos é limitada por pessoa. Acho que já esgotei a minha com os homens. Só me resta virar lésbica.

Camilla deu uma risadinha e dois tapinhas em suas costas.

– Também não precisa jogar a toalha. Agora vamos falar de trabalho. – Fez algumas perguntas estratégicas sobre o leilão, sabendo que assim os pensamentos de Alice tomariam outro rumo. – Todos os convidados já chegaram. Acho que podemos começar.

Os possíveis futuros proprietários do imóvel tomaram seus lugares nas cadeiras dispostas em fileira no salão principal da cobertura e o champanhe parou de ser servido. Alice tomou o seu lugar, testou o microfone e, com muita elegância, deu início ao leilão. Primeiro, pediu para apagarem as luzes para passar um arquivo de Power Point feito por uma empresa de marketing que ela contratara, então começou a falar dos benefícios de morar naquele bairro. Exaltou as belezas naturais, o comércio abundante, a facilidade de acesso ao metrô, a proximidade a grandes shoppings, e depois enveredou por histórias emocionantes que tinham acontecido ali com músicos, atores e poetas de renome. Em seguida, imagens de famílias sorridentes brincando na praia pipocaram na tela ao som de uma música suave, otimista e acolhedora. Por fim, quando todos já estavam suficientemente encantados e convencidos de que não havia melhor lugar no mundo para morar, as luzes se acenderam de novo, para que Alice começasse a mostrar os detalhes e falar sobre o imóvel em si.

Contudo, assim que ela olhou para o público, sentiu o sangue fugir completamente do rosto ao ver Casseano no fundo da sala, com um pé encostado na parede e uma taça de champanhe na mão. O corpo dela reagiu como se tivesse acordado de uma anestesia geral. Além de dois garçons parados como soldados ao lado dos espectadores, ele era o único que estava de pé.

Ao perceber que a sócia tinha ficado muda, Camilla olhou para ela, alarmada. Estava sentada na fileira da frente com um laptop a postos sobre os joelhos para registrar os lances. Abalada, Alice fitou a amiga. Com um olhar significativo, Camilla fez sinal para que ela seguisse adiante.

Aflita e desnorteada, Alice tornou a olhar para os fundos. Casseano ainda a encarava, com um sorriso divertido. Percebendo que a amiga estava hipnotizada por algo, Camilla seguiu o seu olhar e sobressaltou-se ao descobrir o motivo. Rindo, Casseano deu um peteleco na aba de um chapéu imaginário e a cumprimentou. Na mesma hora, o sorriso dela se expandiu e Camilla se levantou, entendendo tudo. Solidária, caminhou até a sócia e deu um toquezinho discreto em seu ombro.

– Pode ir. Deixa que eu dou conta disso sozinha. Vai ser bom tomar as rédeas outra vez.

Alice saiu do transe e fitou a amiga, indecisa. Depois olhou mais uma vez para o ex-namorado.

“Não alimente esperanças”, disse uma parte dela.

“Cale a boca”, disse a outra.

“Ele pode estar aqui acompanhando algum amigo”, ponderou a primeira parte.

“Deixa de ser burra”, falou a outra, “é claro que ele veio ver você.”

“Tudo bem, o que quer que ele tenha vindo fazer aqui, pode esperar eu terminar meu trabalho”, pensou, fazendo um acordo consigo mesma.

Nesse momento, Casseano faz um gesto com a cabeça para a varanda e Alice desceu imediatamente do pequeno tablado.

Com um bolo no estômago, ela foi andando pelo corredor por entre as cadeiras até onde ele estava, perdendo-se numa fantasia desvairada de que a tal garota com quem o vira no dia anterior tinha sido enviada para o Médicos Sem Fronteiras, sido acometida pelo

vírus do Ebola ou qualquer outra desgraça providencial. Rezava ardorosamente por isso.

Ainda não sabia direito o que podia pedir em preces ou não.

– O que está fazendo aqui? – sussurrou ao chegar perto dele, reparando no restolho de barba que transparecia no rosto moreno.

Em vez de responder, ele deu um gole na bebida e avaliou-a, nos mínimos detalhes. Seu olhar parecia mais vivo, mais negro. Em seguida, Casseano indicou a varanda outra vez. Ansiosa, Alice se virou e caminhou para lá. No percurso, ele largou sua taça em uma bandeja e pousou as mãos com delicadeza nas costas dela para guiá-la. A sensação de estar há tanto tempo longe dele fez com que aquele breve toque já deixasse o corpo de Alice desperto.

Lá fora, Alice se recostou na mureta da varanda e Casseano ficou encostado no batente da porta.

– Onde está sua namorada? – perguntou Alice.

Logo em seguida, teve vontade de perfurar as cordas vocais com um saca-rolhas. “Isso lá é maneira de começar a conversa?”

Casseano apenas franziu o nariz e sorriu.

– É o que estou me perguntando até agora.

Contrariada, ela empinou mais o queixo.

– Acha que ela veio ao leilão? Espero que não tenha a intenção de fazer nenhum barraco comigo...

– Eu não acho – retrucou ele, erguendo uma sobrancelha. – Eu *sei* que ela está aqui.

Alice estreitou os olhos e perscrutou a plateia de longe.

– A não ser que você esteja namorando uma cinquentona, acho meio difícil.

Quando Casseano ergueu uma sobrancelha, ela se apressou em se explicar:

– Não vejo ninguém jovem entre os clientes.

O sorriso dele se abriu mais ainda. Depois, ele olhou para alguns garçons que estavam parados ali perto e se afastou do batente.

– Vamos para o banheiro – falou.

– O quê? – Assustadíssima com a proposta, Alice voltou os olhos para a multidão. Será que Casseano esperava que ela simplesmente abandonasse o trabalho para ter uma aventura sexual? Estavam no meio do leilão, na casa do cliente, pelo amor de Deus! – Quer que eu vá ao banheiro com você?

Ele abriu um sorriso mole e sensual.

– Pelo menos uma vez na vida, me obedeça.

Inadvertidamente, pegou a mão dela, atravessou o leilão e guiou-a pelo corredor do apartamento, até chegarem à porta do lavabo, que, pelo tamanho, parecia mais o banheiro de uma suíte. Alice percorreu o caminho todo calada, na vergonhosa expectativa de um amasso secreto.

Quando ambos entraram no banheiro, Casseano trancou a porta e se virou para ela.

– Acho que aqui teremos mais privacidade.

– Privacidade para quê? – perguntou ela, chocada. Ou pelo menos, ela se esforçou para parecer chocada. – Acha mesmo que não sentirão minha falta? Eu vi a cara do proprietário quando você estava me trazendo para cá. É capaz de ele romper o contrato conosco se suspeitar...

– Shhh... – fez Casseano, encostando um dedo nos lábios dela e depois roçando o polegar na boca de Alice. Ao toque dele, ela sentiu um nó na garganta, mas não conseguiu resistir ao apelo. Os olhos dele estavam tão exigentes... – Agora eu só preciso que você me ouça. Não diga nada. Quanto mais tempo ficarmos aqui, mais as pessoas irão suspeitar que estamos fazendo alguma obscenidade.

– Se não queria que pensassem isso, por que não foi para outro cômodo?

– Porque não quero que ninguém nos interrompa.

Alice colocou uma mão sobre o ventre, sentindo uma agitação no estômago. Casseano não a teria levado ali se não tivesse alguma

coisa muito importante para dizer...

“Fique calma!”, disse a si mesma. Ele podia estar seduzindo várias mulheres ao mesmo tempo. “Não se precipite...”

Mas, no fundo, Alice sabia que não estava. Se havia uma qualidade bem presente em Casseano, era a sinceridade. Ele tirou o dedo da sua boca e se afastou por um momento, encostando o quadril na pia.

– Como a vida nos prega peças... – começou ele. – Eu jurei que nunca mais iria lhe dirigir a palavra e nem sequer pensar em você, mas assim que te vi ontem no hospital eu... perdi o chão! – Abriu os dois braços rapidamente. – E toda vez que eu fecho os olhos à noite, sabe o que eu vejo? Vejo você, sinto você, respiro você... – Ele gesticulava com as mãos a cada palavra, parecendo angustiado. – Sei que a gente pensa diferente em muita coisa, que tudo acabou... Cheguei a te odiar quando vi uma foto sua beijando outro homem, senti um ódio tão forte que achei que esse sentimento pudesse matar meu amor por você... Mas isso não aconteceu.

As palavras fluíam dele de forma tão livre e honesta que Alice sentiu um aperto na garganta. Resolveu retribuir a sinceridade.

– Eu também me surpreendi com meus sentimentos em relação a você. Durante todo esse tempo, fiquei tentando me convencer de que o nosso relacionamento tinha acabado, que cada um seguiria com a sua vida, mas não é isso que sinto de verdade. Você continua no meu pensamento de dia e de noite.

Feliz em ouvir aquilo, Casseano aproximou-se e envolveu o rosto dela com as mãos. Seu cheiro invadiu as narinas de Alice, com o perfume que era a sua marca registrada.

– Eu também não me conformei com esse fim. Fico pensando em como tudo com você parece mais colorido... – disse ele

– Mesmo assim, você procurou outras mulheres... – retrucou ela em um tom levemente acusatório.

– Procurei, não vou negar, mas só porque estava tentando

desesperadamente achar você nelas... – A cobrança no olhar de Alice se converteu em ternura. – Mas desde que vi você de novo, não tem espaço para mais ninguém. Eu percebo que você está diferente, mas ainda é a Alice que eu amo. Já tivemos tempo demais para refletir onde erramos e eu já pude encontrar a minha resposta: eu quero você. Só você. Todo o ressentimento que havia no meu coração foi sufocado pela sua falta. Hoje, eu tenho certeza de que nada de ruim jamais mudará o meu amor por você. Nossa ligação é muito forte.

As lágrimas já escorriam pela face dela quando Alice tocou o rosto de Casseano.

– Eu nunca imaginei que você fosse tão importante para mim – confessou ela. – Tive várias provas disso no último mês. Não há nada que me faça esquecer a importância que você tem na minha vida, no meu cotidiano, no meu coração... Quero que você saiba que não te esqueci nem por um momento, Casseano, eu só pensava em você. E ainda te amo. Eu só queria uma chance para fazer tudo diferente...

Ansioso, ele tocou a barriga dela por debaixo da blusa e puxou seu corpo pela cintura para encaixar no dele.

– Eu também te amo... – A boca dele tocou a dela, e Alice, derretendo em seus braços, sentiu Casseano sorrir. – Vou lhe dizer como vai ser daqui para a frente. – O olhar dele se cravou nos olhos dela. – Eu só vou dormir de novo na sua casa depois do nosso casamento. Não estou mais a fim de ficar de joguinhos. Eu te amo e, pelas batidas do seu coração, tenho certeza de que você também quer o mesmo. Aliás... – Ele deu um sorriso maroto. – Nunca vi seu coração tão acelerado. – Alice deu uma risada entrecortada, completamente rendida – É pegar ou largar...

Casseano beijou seu pescoço, em seguida afrouxou os braços em torno dela e se afastou. Ela deu um gemido suave.

Os batimentos cardíacos de Alice estavam a toda a velocidade.

Com um brilho de desafio nos olhos, ela puxou-o pela camisa, com uma risada provocante. Não sentia mais medo. Estava mais do que na hora de deixar que seus desejos verdadeiros viessem à tona.

– Se pensa que eu vou recuar como das outras vezes, está muito enganado. Se a proposta é pegar ou largar, eu pego – disse ela, e então diminuiu a distância entre os lábios dos dois.

Ao beijá-la, Casseano envolveu-a com os braços e o corpo de Alice ficou imediatamente aquecido. Na mesma hora, sentiu-se segura, protegida, amparada... Como se sua vida enfim estivesse onde sempre deveria ter estado. Foi tudo tão fácil, tão natural, que ela se perguntou do que estava com medo antes. Então, pela primeira vez, ela permitiu que a felicidade de ser amada a preenchesse por completo.

E em sua mente, em silêncio, ela enfim despediu-se da mãe.

Epílogo



Alguns meses depois...

— *Quem diria?* — *Com os olhos* marejados, Camilla ajeitava a coroa de flores brancas que contrastava com os cabelos vermelhos. Não havia véu. Estavam no camarim do salão onde aconteceria a cerimônia e depois a recepção. — Nunca pensei que fosse ficar mais emocionada que no casamento dos meus filhos... Mas não é que estou?

Sentada de frente para o espelho, Alice afagou a mão dela.

— Tirando minha mãe, eu não queria ninguém mais aqui comigo neste momento. Eu mesma mal consigo me olhar sem querer chorar outra vez. Estou tão nervosa...

Analizou mais uma vez as próprias feições. Tinha optado por uma maquiagem em tons quentes, de base avermelhada, para combinar com os cabelos ruivos. Queria harmonizar sua personalidade com a exuberância marcante do vermelho.

— Então vocês são dois — contou a cabelereira. — Estive com Casseano agora há pouco e parecia que ele estava para ter um filho.

Com uma risadinha, Alice ficou de pé para examinar melhor o

vestido. Mandara a costureira seguir o modelo de um que ela havia recortado de uma revista. Era de tule italiano, com renda francesa e detalhes florais. A cintura era marcada com um cinto de laço Chanel, de cetim de seda, e havia pontos de luz de cristais Swarovski espalhados pelo tronco. O toque especial ficava por conta do decote nas costas e o acabamento "tatuagem de renda", além da discreta cauda. Como era verão, ela estava levemente bronzeada por conta dos dias que havia passado em Búzios com Casseano, e sua pele parecia ainda mais luminosa em contraste com o tecido.

– Ainda bem. Não é justo só a noiva ficar nessa aflição.

Nesse momento, alguém deu duas batidinhas na porta. Uma das organizadoras do evento colocou a cabeça para dentro do cômodo.

– Desculpe interromper, mas tem uma mulher histérica lá fora ameaçando bater em todos os funcionários se não conseguirem entrar aqui.

– Uma mulher?

"Será uma ex-namorada de Casseano?", pensou Alice, com os nervos à flor da pele.

– Ela diz que é sua irmã e que tinha o direito de estar aqui. Depois falou alguma coisa sobre esse bando de tupiniquins não saberem como tratar uma dama...

O sorriso de Alice se abriu imediatamente.

– Luana... Pode deixá-la entrar.

A loira emburrada passou pela porta com um leque nas mãos, mas, assim que avistou a amiga vestida de noiva, deu um grito e ambas se abraçaram.

– Você veio...

Alice estava maravilhada.

– Só você mesmo para me fazer voltar para essa fornalha. Pelo amor de Deus! Não há ar-condicionado que dê conta! Isso não é verão, é a antessala do inferno! E acredita que a escada rolante do aeroporto estava com defeito? Que bela maneira de receber os

turistas...

Com um sorriso, Alice abriu as mãos ao lado do corpo e arregalou os olhos.

– E...

– Ah, meu Deus! – Luana colocou o leque na frente da boca, percebendo quando fora rude em despejar reclamações num dia tão especial para a amiga. – Você está mais deslumbrante que Afrodite! Será fulminada pelas deusas da beleza... É tão bom te ver assim tão feliz...

– Estou radiante. Nunca imaginei que ficaria tão animada para casar! A propósito, essa é Camilla, minha sócia.

Ambas se cumprimentaram com um sorriso e um beijinho no rosto.

– Posso tirar uma foto das três? – solicitou a fotógrafa, que durante a maior parte do tempo tentava ser discreta para registrar com naturalidade os bastidores do casamento.

Para descontrair, Camilla e Luana deram um beijo de mentirinha – para não borrar a maquiagem – em cada uma das bochechas de Alice. Depois tiraram outra foto com as três sorrindo para a câmera.

– Querida, já está tudo certo por aqui – informou Camilla quando acabaram. – Vou lá fora ver se está tudo pronto para começarmos.

– Tudo bem. – Alice se voltou para Luana. – Eamon e Pietro também vieram?

– Claro, estão lá fora com os outros convidados. Bom – falou, segurando as mãos de Alice –, eu só vim mesmo ver como você estava. Vou sair com a Camilla e ver se posso ajudá-la em alguma coisa. Toda sorte do mundo para você, minha amiga. E espero vê-los em Londres. Não é porque estarão em lua de mel que não podem tirar um dia para passar com os velhos amigos.

– Claro, sua boba. Por que acha que escolhi a Europa como destino? Pretendemos ficar uns dez dias em Londres. Tenho certeza de que Casseano e Eamon se darão muito bem.

Luana sorriu e seguiu Camilla e a cabelereira para fora do vestíbulo. Alice pediu que a fotógrafa também saísse, pois desejava ficar um pouco sozinha. Quando a porta se fechou, ela respirou fundo e tornou a se olhar no espelho, ciente de que se despedia de uma parte importante de sua vida, mas ansiosa pela que estava por vir. Resolveu fazer uma prece silenciosa para agradecer por aquele dia. O pastor da igreja dos pais de Casseano realizariam a cerimônia, mas Ygor e seus colegas do grupo de codependência, que ela ainda frequentava por puro prazer, também estariam presentes. Queria dividir aquela vitória pessoal com eles também. Mal havia acabado de falar com Deus quando alguém deu duas batidinhas na porta.

– Pode entrar – disse ela.

Seu pai colocou a cabeça para dentro. Vestia um smoking preto com gravata-borboleta, e seus olhos estavam avermelhados.

– Pelo visto não sou a única que precisa de maquiagem – comentou ela, brincando.

Ele só balançou a cabeça e trancou a porta atrás de si, como se repreendendo a si mesmo por ser tão tolo. Depois foi até a filha, com as mãos nos bolsos da calça.

– Você está maravilhosa. Muito parecida com sua mãe.

– Eu sei. Estava pensando isso agora há pouco. Lembrando do álbum que vi do casamento de vocês dois.

O comentário fez uma breve tristeza pairar no ar entre ambos. Fernando tentou dissipá-la:

– Tenho certeza de que ela adoraria o Casseano. Ele me parece um ótimo rapaz.

– E é. Aliás, foi ideia dele te convidar para entrar comigo.

– Nada mais natural, eu sou seu pai.

– Não foi por muito tempo.

A expressão dele se tornou dolorida. Até quando Alice precisaria lhe lembrar disso?

– Filha – falou, segurando as mãos dela –, quantas vezes vou ter

que te dizer que voltei a ser?

Pela primeira vez, ela sorriu de leve e encarou-o com atenção.

– Nenhuma, pai. Só aceitei convidá-lo porque sei que já está mais do que na hora de a gente recomeçar.

– Isso quer dizer que você me aceita de volta?

Alice simplesmente sorriu, então o rosto de Fernando se contorceu quando ele começou a chorar outra vez. Toda aquela situação estava mexendo muito com os seus sentimentos. Recuperar o amor da filha e já ter que dividi-lo com outro homem era demais. Sem dizer mais nada, ele levou as mãos dela até os lábios e as beijou demoradamente, com os olhos fechados. Depois, respirou fundo, enxugou o rosto e ofereceu-lhe um braço.

– Acho que está na nossa hora.

Com um aceno da cabeça, Alice pegou o buquê de hortênsias azuis e seguiu com ele para o salão.

O casamento tinha poucos convidados: menos de sessenta pessoas – só as mais íntimas – acomodadas em cadeiras forradas de branco e enfileiradas. Alice ficou feliz ao entrar e ver aquele grupo seleto reunido para celebrar o amor dela e de Casseano, que estava muito elegante em um meio-fraque grafite com uma camisa branca e uma gravata prateada.

A cerimônia não foi muito longa, mas emocionante o suficiente para arrancar lágrimas até de Eamon, que tinha Luana como intérprete. O toque de descontração ficou por conta de Pietro, que, ao ver a noiva entrando com o pai, correu para ela sem que ninguém conseguisse impedi-lo. Mas Alice não se importou. Pegou o menino no colo, beijou-o no rosto, levou-o até a mãe e depois seguiu andando com Fernando até o altar.

Em vez de festa, os noivos optaram por um jantar requintado que foi servido em uma gigantesca mesa oval de madeira, para que todos se sentassem juntos. No meio dela, além de alguns jarros de vidro com rosas amarelas e dois castiçais de ouro envelhecido, havia

um bolo bege de três andares, com bolinhas simulando pérolas por toda a sua extensão e um ajuntamento de flores comestíveis em tons pastel no topo. O ambiente descontraído estimulou a conversa e deixou os convidados bem à vontade para fazer amizades.

Causando ciúme a Camilla, Luana, que estava com o filho no colo, sentou à esquerda de Alice, enquanto Casseano estava à sua direita, conversando com Eamon. Em certo momento, Alice se levantou para fazer um brinde e todos os convidados ficaram em silêncio. Para apoiá-la, pois sabia como era difícil esse tipo de iniciativa para a sua mulher, Casseano ficou de pé ao seu lado. Ela olhou diretamente para o pai, depois para a sua madrasta e o bebê que tomava mamadeira do colo dela. Só depois que ouviu o clique do fotógrafo, que desejava capturar o momento, tomou coragem para começar:

– Fico muito feliz que todos tenham vindo nos prestigiar. Este é um dia feliz para mim, e todos os que estão aqui têm um significado especial em nossas vidas. De minha parte, primeiro gostaria de agradecer a Camilla, que nos últimos anos tem sido meu braço direito, e eu o dela. Ela foi a pessoa com quem mais pude contar, depois da morte da minha mãe. – A sócia pôs uma mão sobre a boca e sorriu, enquanto uma lágrima lhe descia pelo rosto. – Também quero agradecer aos meus amigos do grupo da igreja, principalmente ao Ygor, que me fez entender que precisava haver espaço em minha vida para mim mesma. Para que eu pudesse analisar o que queria para mim. Foi ele quem me ajudou a entender quanto eu queria ser mulher de Casseano. – Emocionada, ela virou-se para o marido. – Eu te amo. E prometo dedicar o resto da minha vida a fazê-lo feliz.

– E eu a você – disse ele, sorrindo com ternura.

Para que Eamon pudesse compreender esta parte, Alice falou em inglês:

– Também não posso deixar de expressar minha profunda

gratidão a Luana e seu amado marido. – Ambos se entreolharam, sorrindo. – Os dois me receberam com tanto carinho e, sem saber, me ensinaram lições preciosas sobre o amor. E, principalmente, sobre segundas chances... – Piscou para Eamon e tornou a falar em português: – Se não fossem esses dois, talvez uma pessoa muito especial em minha vida não estivesse aqui hoje: meu pai. – Olhou para Fernando de novo, surpreendendo a todos. – Quando a gente estava lá dentro, você me perguntou se eu o aceitava de volta. Pois aqui vai a minha resposta: eu aceito não só você, como a sua família também. – Magda, que até então estava evitando olhar nos olhos da noiva, pois parecia a coisa certa a fazer, fitou-a com gratidão e surpresa. – A partir de hoje, quero conviver com vocês. Quero ver o meu irmãozinho crescer. Vamos deixar o passado para trás e construir um futuro juntos, como uma família. Não vamos mais desistir um do outro.

Sem palavras por um momento, Fernando colocou-se de pé e ergueu sua taça em um brinde. Mal podia conter as lágrimas.

– Eu sou o homem mais abençoado do mundo por ter uma filha como você, e agradeço a Deus todos os dias por isso. Portanto, sugiro um brinde – nesse momento, todos os convidados também ergueram as suas taças – em homenagem à mulher que te colocou neste mundo, e que com certeza gostaria de estar aqui: a Ana!

Os olhos de Alice umedeceram.

– A Ana! – repetiram todos.

– E aos futuros netos que estão por vir! – brincou a mãe do noivo, para descontraí-lo.

Ao ouvir isso, Casseano olhou entusiasmado para a mulher, que fingiu estremecer e depois lhe deu um selinho nos lábios.

– Uma coisa de cada vez, meu amor. Uma coisa de cada vez...

Sobre a autora



© Hugo Breves



LYCIA BARROS nasceu no Rio de Janeiro, em 1976. Sua carreira de escritora começou em 2010, com o romance *A bandeja*, que foi relançado pela Editora Arqueiro, ganhou o prêmio Codex de Ouro na categoria Melhor Romance em 2013 e será lançado em outros

países em 2015. Lycia já tem dez livros publicados. Ela dá palestras por todo o Brasil e ministra aulas sobre o mercado editorial. Mora em sua cidade natal com o marido e os dois filhos.

www.lyciabarros.com.br

LEIA UM TRECHO DO OUTRO LIVRO DA AUTORA

Despertar – A bandeja

Capítulo I

A P A R T I D A



Não conseguia imaginar como seria minha vida longe dos meus pais. Por muitos anos fui filha única e recebi todos os tipos de cuidados e mimos que se possam imaginar. Isso foi bom e ruim ao mesmo tempo. Nunca tinha lavado minha própria roupa e agora estava indo morar sozinha por quatro anos, ou talvez para o resto da vida.

Havia três anos que meu irmão temporão nascera. Desde então, meus pais se esforçaram ainda mais para me agradar. Eu entendia que os cuidados com Vitor demandavam muito tempo, mas mesmo assim a situação acabou virando a meu favor. A impressão que tive foi de que, desde então, tudo passou muito rápido, mas sob muitas perspectivas a sensação de entrar no mundo adulto era doce. Sempre imaginei que esse sentimento viria quando eu completasse 18 anos, e estava vindo agora, com todas aquelas mudanças.

Minha mala estava quase pronta quando minha mãe entrou no quarto. Eu sabia que ela estava sofrendo tanto quanto eu com

aquela despedida. Dona Silvia é do tipo de mulher que parece viver para um único propósito: fazer os filhos felizes. Por isso, tentou me manter otimista durante toda a última semana em casa.

– Já está com tudo pronto, querida?

Como se ela mesma não tivesse cuidado de cada detalhe, pensei, colocando meu celular no bolso de trás da calça.

– Acho que sim, só falta pegar a minha Bíblia na gaveta.

Minha mãe abriu mais a janela, depois se virou para mim, com um sorriso triunfante.

– Angelina, estou tão orgulhosa dessa sua conquista! Você sempre sonhou em estudar Literatura, e Deus lhe deu mais essa vitória. – Seu sorriso esmoreceu um pouquinho e ela baixou o tom de voz. – Pena que tenha que ir para o Rio de Janeiro. Vou sentir tanto a sua falta... Mas não vou reclamar – disse ela, mais para si mesma do que para mim. Depois secou os cantos dos olhos com os dedos indicadores e uniu as mãos. – Você está indo para uma das melhores faculdades do Brasil e sei que, quando voltar, será uma excelente profissional.

Ofereci-lhe um sorriso débil, pois disfarço muito mal. Na verdade, não estava nos meus planos voltar para trabalhar na minha cidade. Afinal, em Petrópolis, com cerca de 300 mil habitantes, eu imaginava que as oportunidades seriam reduzidas. Mas sabia que não era o momento de abordar aquele assunto com a minha mãe; não queria que ela tivesse outra crise.

Eu ansiava pela mudança, mas também estava nervosa. Claro que eu já tinha ido ao Rio de Janeiro com a minha família, mas nunca por muito tempo, pois meu pai não podia ficar longe do trabalho. Na verdade, ele achava que uma cidade mais calma e perto da natureza era ideal para criar os filhos. Por isso, nunca quis sair da região serrana do Rio; tinha aversão ao tumulto da cidade grande. Sendo assim, minha vida inteira girou em torno de um lugar pacato e familiar, bem diferente da turbulência de uma grande

metrópole.

As notícias de violência da capital não me assombravam tanto, pois eu não pretendia sair muito da república de estudantes. Imaginava que teria que ler bastante para acompanhar o curso. O que realmente me deixava desconfortável era ir para um lugar com tanta gente, onde eu não conheceria absolutamente ninguém.

Minha mãe tinha uma amiga cuja filha, Michele, estudava na mesma universidade para a qual eu estava indo. Por intermédio dela, consegui uma vaga em um quarto da república. Quando crianças, frequentamos a mesma escolinha dominical da igreja, mas a família de Michele sumia e aparecia com tanta frequência que não formamos laços. Para mim, ela era praticamente uma estranha.

Suspirando, esquadrinhei meu quarto pela última vez, já com saudade das coisas que iria deixar para trás. Antes de descer para a sala, observei bem as fotos presas em minha cortiça: a última viagem de férias ao Chile com meus pais, meus pés afundados na neve até as canelas; na minha festa de 15 anos, deitada nos braços dos meus primos – fiquei horrível e com o penteado todo desgrenhado. Meu cabelo é castanho-escuro e muito liso, e desde pequena é difícil prender qualquer coisa nele. Havia uma foto especial, que eu guardava com carinho: eu e minha mãe fazendo castelinho de areia na praia de Bertioga. Incrível como desde menina eu era muito parecida com ela. Sempre amei o tom mel de nossos olhos, tão diferente das cores habituais. Ser parecida com ela, para mim, é um elogio.

Havia também outra foto: eu e minha melhor amiga, Natasha, no pedalinho, em frente ao hotel Quitandinha. Natasha tem um irmão gêmeo, Dante, uma figura doce e engraçada. Ele tem cabelos lisos e negros e sempre deixa uma franja caída por cima dos lindos olhos azuis. Em minha opinião, ele jamais deveria escondê-los. Eram seu ponto forte. Porém, Dante não se preocupava muito com isso. E, apesar de ter a mesma idade que eu e Natasha, sempre foi bem

mais alto do que nós. O engraçado é que, devido ao súbito crescimento na adolescência, Dante ficou magrelo e desengonçado, diferente de sua irmã, que também era magrinha, só que mais baixinha, como eu. Nas fotos, ambos estavam de aparelho. Aliás, o aparelho nos dentes era a única coisa que tinham em comum. Natasha tem cabelo cacheado e olhos castanhos. É basicamente uma escrava da escova progressiva e morre de inveja dos cabelos lisos e olhos claros do irmão. Eu, por minha vez, daria tudo para ter os cachos dela. Acho supersexy. Mas a vida é assim mesmo. A gente sempre almeja aquilo que nos parece inacessível.

Essa amiga-irmã entrou na minha vida muito cedo: nossa amizade era inabalável desde que tínhamos 8 anos, e seu sorriso metálico me tirava de qualquer baixo-astrol. Às vezes, eu achava que ela tinha o dom especial de alegrar ambientes.

Dante e Natasha são filhos do pastor da nossa igreja e talvez por isso tenham sido incentivados desde pequenos a confortar as pessoas ou... sei lá, trazer esperança: essa era uma característica que compartilhavam. Apesar disso, nenhum dos dois se mostrava interessado em herdar o cargo de líder da igreja. Dante era meio polêmico no seu modo de pensar e irreverente demais para o gosto do pai. Acreditava, por exemplo, que não eram atos corriqueiros e religiosos – como ir à igreja três vezes por semana ou fazer grandes doações na frente de todo mundo – que o fariam chegar mais perto de Deus, mas sim ter um coração aberto a novos aprendizados, servir aos outros, além de manter uma comunicação sincera e diária com Ele. Na opinião de Dante, isto era o mais importante, pois era uma conquista interna, individual e, exatamente por isso, muito mais difícil de conseguir.

Eu sempre o admirei por pensar assim. A fé de Dante parecia mais real do que a nossa, como se ele de fato tivesse um relacionamento com Deus. Nas poucas vezes em que o vi orar em voz alta nos encontros de jovens, percebi que sua prece não era

vaga e superficial, mas sim uma conversa com um amigo. Nem todos têm o privilégio de enxergar Deus dessa forma tão próxima. Além disso, Dante tinha outra qualidade maravilhosa: tocava violão divinamente desde pequeno, e esse era o único dom que ele desejava possuir.

Já Natasha acreditava que seu ministério era seguir em missões viajando pelo mundo. Vivia atenta às tragédias sociais e sempre arranjava alguma forma de ajudar, mobilizando todos à sua volta. Por esta razão, não prestou vestibular no mesmo ano que eu; achou melhor passar um tempo fora do país para descobrir qual era o seu verdadeiro propósito.

De qualquer modo, eu não pensaria em nada disso por um bom tempo. Afinal, precisava seguir o meu caminho. Mas decidi levar algumas fotos para tornar o quarto na república um pouco mais familiar.

Quando descí a escada, lá estava ele: meu ansioso e desesperado pai, o senhor Frederico Hermann. Ele já tinha feito todo tipo de comemoração pelo meu ingresso na faculdade. Fez um churrasco e convidou todo mundo que conhecia; levou-me no altar da igreja para que o pastor pedisse a todos os membros que orassem por mim e abençoassem minha partida; e divulgou a grande notícia em todas as suas despovoadas redes sociais.

Meu pai era comerciante, mas não teve muita opção sobre com o que gostaria de trabalhar. Meu avô praticamente exigiu que ele assumisse os negócios da família: uma fábrica de agasalhos que fundou com muito esforço. Acho incrível que as pessoas que menos querem parecer com os pais são as que ficam mais semelhantes a eles. Isso também aconteceu ao meu pai, física e emocionalmente. Querendo ou não, ele tinha tino para os negócios. E estava ficando fisicamente idêntico ao meu avô: alto, careca, gordinho e de olhos verdes.

Morávamos num excelente bairro chamado Valparaíso, em uma

rua ladeada por árvores de folhas coloridas, numa casa de dois andares ampla e confortável. A empresa da família fornecia produtos para lojas de todo o Brasil. Porém, apesar de bem-sucedido, seu Frederico estava realizando o próprio sonho através de mim: ele queria ter feito faculdade.

Tive total liberdade para escolher o que fazer. A decisão foi exclusivamente minha, apesar de reconhecer certa influência da minha mãe, que era pedagoga. Não que ela tivesse me incentivado a optar por isso, mas, ao ler para mim desde pequena, tornou-me uma apaixonada por livros. No mais, nunca tive talentos comerciais, apesar de não achar má ideia ser dona de uma livraria. Mas, verdade seja dita, o que eu queria mesmo era ser escritora. E estava pronta para esse desafio, mesmo que fosse doloroso partir.

– Está pronta? – perguntou ele, mordendo o lábio inferior numa tentativa de não desmoronar.

– Sim, vamos logo, pai. Não quero que você volte tarde.

Era isso que eu estava temendo. Mais alguns segundos e, tenho certeza, seu Frederico cairia em prantos. Meu pai é extremamente emotivo. Daquele tipo que chora até com filmes da Sessão da Tarde. Por isso, não o fiquei encarando. Passei por meu pai de cabeça baixa e ele acariciou meu ombro, me apertando forte. Achei que nunca mais fosse me soltar.

Passamos pela porta e vi que todas as tralhas já haviam sido colocadas no porta-malas. Minha mãe repetia as mil recomendações que já tinha me dado. Eu insisti para que ela ficasse tranquila, dizendo que eu fora muito bem-criada por uma família cristã, que me passou fidedignamente seus valores durante os últimos dezoito anos. Que eu sabia me virar. Mas isso não teve efeito algum...

– Coma direito, nada de lanches toda hora e não se esqueça de orar sempre: à noite, ao acordar, antes de fazer as provas... E traga a roupa suja para eu lavar.

– Dona Silvia – quase me estressei –, acalme-se! Vai dar tudo

certo, ok? Tenho certeza de que Deus já ouviu suas ininterruptas orações por mim nesta última semana.

Coitadinha. Ela estava desconsolada. Compadecida, engoli a seco o nó que se formava em minha garganta e afaguei-a carinhosamente, dando-lhe um abraço rápido, senão quem iria chorar era eu. Depois, beijei e abracei o pequeno Vitor, e então uma lágrima escapou. Eu adorava aquele sapeca. Em seguida, partimos.

Os primeiros dez minutos de viagem transcorreram em silêncio enquanto eu rolava o feed de notícias do Facebook e postava uma hashtag em meu perfil: **#partiuRiodeJaneiro**

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, Inverno do mundo e Eternidade por um fio, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada, Fique comigo e Seis anos depois, de Harlan Coben

A cabana e A travessia, de William P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Uma longa jornada, O melhor de mim, O guardião, Uma curva na estrada, O casamento, À primeira vista e O resgate, de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

As regras da sedução, de Madeline Hunter

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes!; Praticamente inofensiva, O salmão da dúvida e Agência de Investigações Holísticas Dirk Gently, de Douglas Adams

O nome do vento e O temor do sábio, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os Doze, de Justin Cronin

A revolta de Atlas e A nascente, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores da EDITORA ARQUEIRO, visite o site www.editoraarqueiro.com.br e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail, basta se cadastrar diretamente no nosso site ou enviar uma mensagem para atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Créditos](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Epílogo](#)

[Sobre a autora](#)

[Leia um trecho do outro livro da autora](#)

[Conheça outros títulos da Editora Arqueiro](#)
[Informações sobre a Arqueiro](#)